

ALMANAQUE MULTIDISCIPLINAR DE PESQUISA

ISSN 2359-6651
2024.1 - v.12

COMISSÃO EDITORIAL**Unigranrio | Afya**

Profa. Dra. Anna Paula Soares Lemos

Profa. Dra. Ana Carolina Motta

Prof. Dr. Davi José de Souza da Silva

Profa. Dra. Márcia de Melo Dórea

Prof. Dr. Márcio Luiz Corrêa Vilaça

Profa. Dra. Tamara Souza Campos

Profa. Dra. Haydéa Maria Marino de Sant'Anna Reis

Profa. Dra. Etyelle Pinheiro de Araujo

Profa. Dra. Lilia Aparecida Costa Gonçalves

Prof. Dr. Renan Gomes de Moura

Nacional

Profa. Dra. Elina Gonçalves da Fonte Pessanha (UFRJ)

Profa. Dra. Maria Cristina Paulo Rodrigues (UFF)

Prof. Dr. Thiago de Souza dos Reis (UERJ/UVA)

Prof. Dr. Thiago Cavaliere Mourelle (Arquivo Nacional)

Profa. Dra. Bárbara Proença do Nascimento (UFF)

Profa. Dra. Antônia de Castro Ribeiro (Fiocruz)

Profa. MSc. Larissa Thans Carneiro (Universidade Castelo Branco)

Profa. Dra. Bruna Nunes Teixeira (COPPE/UFRJ)

Profa. Dra. Sabrina Dinola Gama Silva (UNIRIO)

Profa. Dra. Bianca Rihan Pinheiro Amorim (UNIRIO)

Profa. Dra. Valéria Cid Maia (Museu Nacional/UFRJ)

Carta das Editoras – Edição 2024.1 da Revista *Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa*

Prezados(as) autores(as),

É com grande satisfação que a Revista Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa 2024.1 chega à sua nova edição, resultado de um trabalho coletivo que reflete o compromisso com a pesquisa de qualidade e o avanço do conhecimento científico. Agradecemos imensamente a todas as contribuições enviadas, que enriqueceram este número da revista e, sem dúvida, ampliaram as discussões em diferentes campos do saber.

A interdisciplinaridade, que sempre foi um dos pilares da nossa proposta editorial, se mostra mais forte do que nunca nesta edição. A diversidade de temas abordados, que transitam por áreas distintas do conhecimento, reforça a importância de práticas colaborativas entre diferentes disciplinas. Essa troca de saberes e perspectivas não só fortalece a produção acadêmica, mas também promove uma reflexão mais ampla e completa sobre as questões contemporâneas.

Acreditamos que este processo de integração e diálogo entre as áreas do saber é fundamental para o desenvolvimento de soluções inovadoras e para a construção de um pensamento crítico que transcende os limites tradicionais das disciplinas isoladas. A Revista Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa se orgulha de ser um espaço que propõe e valoriza essas trocas, contribuindo para a formação de um ambiente acadêmico mais plural e dinâmico.

Reiteramos nossos sinceros agradecimentos a todos os autores(as), revisores(as) e leitores(as) que, com seu empenho, tornaram esta edição possível. Que a continuidade do nosso trabalho conjunto possa seguir contribuindo para a construção do conhecimento de forma integrada e enriquecedora.

Atenciosamente,

As Editoras

Renata Oliveira e Marcia Barroso

Revista Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa

Autocuidado e prevenção de saúde da população LGBTQIA+ do Estado do Rio Grande do Sul

Bárbara Bertoldo Paloschi¹

Janaína Samantha Martins de Souza²

Resumo

A necessidade de estabelecer uma portaria específica para a população LGBTQIA+ tinha como objetivo promover a saúde integral da comunidade LGBTQIA+, eliminando a discriminação e o preconceito institucionais. O objetivo desta pesquisa é identificar o nível de conhecimento da população LGBT em relação à prevenção e ao autocuidado de sua saúde, bem como investigar se a falta de busca por serviços de saúde ocorre devido à negligência ou devido a fatores de discriminação e preconceito. Realizou-se um estudo descritivo de natureza quantitativa, no qual participaram 36 indivíduos da população LGBTQIA+ do Estado do Rio Grande do Sul, por meio de um questionário online. Os principais resultados indicaram que 44,4% procuraram os serviços de saúde para realizar exames de rotina. Embora 86,1% acreditem que os profissionais de saúde devam receber treinamento específico para atender essa população, apenas 16,7% relatam ainda enfrentar preconceito nos serviços de saúde. Conclui-se que a população LGBTQIA+ possui conhecimento sobre prevenção e autocuidado em relação à sua saúde, buscando atendimento sempre que necessário. No entanto, fica evidente a necessidade de os profissionais buscarem um conhecimento mais aprofundado sobre essa população em particular, a fim de atendê-la de forma mais adequada.

Palavras-Chave: Minorias Sexuais e de gênero; Serviços de saúde; Identidade de gênero.

Abstract

The need to establish a specific ordinance for the LGBTQIA+ population aimed to promote the integral health of the LGBTQIA+ community, eliminating institutional discrimination and prejudice. The objective of this research is to identify the level of knowledge of the LGBT population regarding prevention and self-care of their health, as well as to investigate whether the lack of search for health services occurs due to negligence or due to discrimination and prejudice.

¹ Faculdade Fátima – Área da Saúde

² Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (1998), Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Medicina e Ciências da Saúde pela PUC/RS (2020). Mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (2007) e Especialização em Administração dos Serviços de Saúde e de Enfermagem. Atualmente Docente da Faculdade Fátima e do Centro Universitário UNIFTEC. Coordenadora do Curso Bacharelado de Enfermagem da UNIFTEC

factors. A descriptive study of a quantitative nature was carried out, in which 36 individuals from the LGBTQIA+ population of the State of Rio Grande do Sul participated, by means of an online questionnaire. The main results indicated that 44.4% sought health services to perform routine examinations. Although 86.1% believe that health professionals should receive specific training to attend this population, only 16.7% reported still facing prejudice in health services. We conclude that the LGBTQIA+ population has knowledge about prevention and self-care regarding their health, seeking care whenever necessary. However, it is evident the need for professionals to seek a deeper knowledge about this particular population, in order to assist them in a more appropriate way.

Keywords: Sexual and gender minorities; Health services; Gender identity.

Introdução

Desde a reforma sanitária, com a Constituição de 1988, todos temos direito a saúde no Brasil. De acordo com o Artigo 196, a saúde é um direito de todos e uma responsabilidade do Estado, sendo assegurada por meio de políticas sociais e econômicas que tenham como objetivo a redução de riscos de doenças e outros danos à saúde, além de garantir o acesso universal e igualitário a ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação (Brasil, 1988).

Em meados da década de 1970, surgiram diversos movimentos sociais em defesa de grupos específicos e de liberdades sexuais (Brasil, 2013). Por conseguinte, com o intuito de promover a saúde integral LGBT eliminando a discriminação e preconceito institucional, bem como contribuindo para a redução das desigualdades e a consolidação do SUS como sistema universal, integral e equitativo, foi criada a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) (Brasil, 2015).

Segundo o Ministério da Saúde, a política voltada para a comunidade LGBT é composta por um conjunto de diretrizes que exigem a elaboração de planos contendo estratégias e metas relacionadas à saúde, sendo sua implementação um desafio que requer comprometimento das diferentes esferas governamentais, especialmente das secretarias estaduais e municipais de saúde (Brasil, 2013).

A discriminação por orientação sexual ou identidade de gênero afeta na determinação social da saúde, desencadeando processos de sofrimento,

adoecimento e morte prematura, por conta do preconceito e do estigma social denotado às Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Carvalho; Philippi, 2013). Contudo, os serviços continuam com um déficit, quando se refere ao atendimento específico para esta população (Tavares, 2016).

Diante do exposto, é visível a necessidade de pesquisar a população LGBTQIA+, principalmente para saber a opinião deles quanto ao despreparo e o preconceito que as equipes de saúde possuem em relação a eles. Por isso, este estudo tem como objetivo identificar o nível de conhecimento da população LGBT em relação à prevenção e ao autocuidado de sua saúde, bem como investigar se a falta de busca por serviços de saúde ocorre devido à negligência ou devido a fatores de discriminação e preconceito.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa descritiva de caráter quantitativo. Os dados foram coletados através de um questionário online, por um link compartilhado do Google Forms, disponibilizado via redes sociais para população LGBTQIA+ do Estado do Rio Grande do Sul. O questionário foi composto por 11 questões fechadas, adaptado do estudo de Carvalho e Philippi (2013).

Primeiramente, os participantes foram informados sobre o objetivo do trabalho. Posteriormente, deveriam aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido online, sendo um critério de inclusão para participarem da pesquisa, bem como se identificar como LGBTQIA+ e morar no estado do Rio Grande do Sul.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de abril e maio de 2023. Após a coleta, os dados foram organizados e analisados na planilha do Microsoft Excel®, totalizando 36 questionários válidos. Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva, com frequência relativa e absoluta.

Considerando o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devido aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, resolução nº466/2012, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o número CAAE 67663723.2.0000.5523.

Resultados e discussão

A partir dos 36 questionários, 14 definem-se como gays, 6 bissexuais, 5 lésbicas, 1 travesti e 10 que se identificam com outras categorias, que não havia no questionário. A análise das respostas confirmou o fato do preconceito ainda existir nos dias de hoje e mostrou que a população LGBTQIA+ vai em busca de exames de rotina para obter autocuidado e prevenção, ao invés de só procurarem o atendimento de saúde quando uma doença já estiver instalada.

Na Tabela 1, pode-se analisar as descrições dos participantes, relatando a idade, identidade sexual, escolaridade, profissão e renda mensal. Predominaram pessoas na faixa etária de 16 a 30 anos, com 63,9%, na sua maioria Gays (38,9%), ensino superior incompleto (41,7%), diversas profissões e renda mensal média de 1 a 3 salários-mínimos (65,7%).

Tabela 1 - Dados socioeconômicos dos participantes

Idade	n°	%
16-30 anos	23	63,9
31-50 anos	13	36,1
Identidade de Gênero		
Gay	14	38,9
Outros	10	27,8
Bissexuais	6	16,7
Lésbicas	5	13,9
Travesti	1	2,8
Escolaridade		
Ensino superior incompleto	15	41,7
Ensino superior completo	13	36,1
Ensino médio completo	5	13,9
Ensino médio incompleto	1	2,8
Ensino fundamental completo	1	2,8
Ensino fundamental incompleto	1	2,8
Profissão		
Outros	16	51,2
Enfermeiros	4	12,9
Técnicos de Enfermagem	3	9,7
Autônomo/Empresário	3	9,7
Estudante/Estagiário	3	9,7
Vendedor	2	6,5
Renda Mensal		
1 a 3 salários mínimos	23	65,7
Mais de 3 salários mínimos	12	34,3

Fonte: Dados da pesquisa, Rio Grande do Sul, (2023).

Diante das informações levantadas na tabela 2, nota-se que, no Rio Grande do Sul, a maioria dos participantes, além de conhecer seus direitos, utiliza os serviços de saúde quando preciso. Contudo, o grau de satisfação com o atendimento variam de ótimo a regular.

Talvez o grau de satisfação regular possa se dar pelo fato de que alguns profissionais, por medo de cometerem algum ato de preconceito, acabam com o “discurso da não diferença”, preferindo tratar a todos igualmente, ao invés de buscar conhecimento para prestar um atendimento mais adequado para essa população em específico. Assim como neste estudo, outra pesquisa com profissionais da área da saúde, em 4 Unidades Básicas de Saúde (UBS) do município de Ouro Preto/MG, Val *et al.* (2022) alegaram que o tratamento particularizado poderia aumentar o preconceito, espantando o paciente da UBS.

Sobre os direitos, a maioria (77,8 %) dos participantes dizem conhecer seus direitos. Porém, cabe ressaltar que a Política Nacional de Saúde Integral LGBT se baseia nos princípios da Constituição de 1988, tendo por objetivo promover o bem de todos, sem preconceitos, de origem, raça, sexo. Portanto, a população LGBT possui os mesmos direitos que o resto da população (Brasil, 2013).

Com poucas leis em específico, o Ministério Público do Estado do Pará formulou uma cartilha, onde apresentam conceitos, direitos e conquistas da população LGBT. Nela, pode-se esclarecer alguns direitos, como, por exemplo, que essa população possui a garantia do uso do nome social, podendo ser realizada por ação judicial. Ademais, pessoas trans podem fazer uso de banheiros públicos, vestiários e demais locais separados por gênero, independente do sexo biológico e nome do registro civil e, ainda, população LGBTQIA+ pode casar-se, ter união estável e até mesmo adotar uma criança (Brasil, 2016).

Tabela 2 - Utilização dos serviços de saúde

Você já utilizou algum tipo de serviço de saúde no Estado do Rio Grande do Sul?	n°	%
Sim, utilizo sempre que necessário	25	69,4
Sim, porém faz tempo que não utilizo	7	19,4
Tenho plano de saúde	7	19,4
Não, mas se precisar utilizarei	2	5,6
Não e não pretendo utilizar	0	0
Você conhece os seus direitos em relação ao acesso nos serviços de saúde do Estado do Rio Grande do Sul?		
Sim	28	77,8
Não	8	22,2
Qual o seu grau de satisfação com o atendimento nos serviços de saúde do Estado do Rio Grande do Sul?		
Bom	19	52,8
Regular	12	33,3
Ótimo	6	16,7
Insatisfatório	0	0
Péssimo	0	0

Fonte: Dados da pesquisa, Rio Grande do Sul, (2023).

Analisando as respostas obtidas na tabela 3, podemos ver que a discriminação e o preconceito estão sempre entre as respostas mais votadas pela população LGBTQIA+. Porém, numa porcentagem menor do que estudos anteriormente vistos.

A determinação social da saúde é impactada pela discriminação baseada na orientação sexual ou identidade de gênero, resultando em processos de sofrimento e doenças devido ao preconceito e estigma social enfrentados por indivíduos pertencentes às comunidades de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (Carvalho; Philippi, 2013).

Em comparação ao estudo conduzido durante a 10ª Parada Gay na cidade de São Paulo/SP, no qual 59% dos participantes relataram ter enfrentado algum tipo de preconceito, tanto relacionado à sua identidade sexual quanto ao gênero (BRASIL, 2008), a pesquisa atual revela um percentual de 44,5% de respostas relacionadas à experiência de discriminação e preconceito.

Tabela 3 - Atendimento nos serviços de Saúde

Qual o principal fator que faz com que você não queira procurar o atendimento de um serviço de saúde no Estado do Rio Grande do Sul?	n°	%
Nenhuma das opções	15	41,7
Discriminação/preconceito dos profissionais de saúde	7	19,4
Medo/vergonha de procurar um serviço em busca do autocuidado	7	19,4
Falta de conhecimento por parte dos profissionais	3	8,3
Outros	3	8,4
Desleixo, não me preocupo com a minha saúde	1	2,8
Principais problemas que pode afetar a procura dos serviços de saúde (questão múltipla escolha):		
Indiferença e mal atendimento	13	36,1
Demora em ser atendido	8	22,2
Discriminação/Preconceito	7	19,4
Situações que remetem a vergonha em público	5	13,9
Despreparo da equipe de saúde	3	8,4
Você já sofreu ou sofre algum tipo de discriminação/preconceito relacionada à sua sexualidade nos serviços de saúde do Estado do Rio Grande do sul?		
Não, sempre sou bem recebido nos serviços de saúde	20	55,6
Já sofri com situações de preconceito, porém hoje em dia não mais	9	25
As vezes ainda sofro algum tipo de discriminação/preconceito	6	16,7
Sim, sempre que vou procurar os serviços de saúde sofro algum tipo de preconceito público	1	2,8
Em sua opinião, qual é o serviço de saúde que atende com mais discriminação/preconceito, rede pública ou privada?		
Ambas	16	44,4
Nenhum deles, pois não sofro discriminação/ preconceito	11	30,6
Pública	6	16,7
Privada	3	8,3
Você acha que deveria ter nos serviços de saúde um atendimento diferenciado dos demais, para atender às suas necessidades?		
Sim	18	50
Não	18	50

Fonte: Dados da pesquisa, Rio Grande do Sul, (2023).

Na Tabela 4, fica evidente que as doenças sexualmente transmissíveis já não são as principais intercorrências para buscar serviços de saúde para a maioria da população LGBTQIA+. Eles procuram exames de rotina e cuidados preventivos quando necessário. Isso indica que a orientação do Ministério da Saúde, há alguns anos, de que os serviços de saúde precisam contar com profissionais capacitados para atendê-los, abordando a importância dos exames

preventivos e respeitando os direitos de cidadania dos pacientes, está começando a surtir efeito (Brasil, 2004).

Analisando as últimas perguntas da Tabela 4, na qual os participantes são questionados sobre o conhecimento dos profissionais de saúde, 86% acreditam que os profissionais precisam passar por treinamentos para melhor atendê-los. Além disso, 58,3% relatam que são bem atendidos, mas ainda sentem que falta um pouco de conhecimento.

Em uma pesquisa elaborada por acadêmicos da Universidade Federal do Pampa, observou-se que os próprios profissionais de saúde também não se sentem seguros, pois sua formação acadêmica não lhes proporcionou conhecimento suficiente. Foram entrevistadas nove enfermeiras e um enfermeiro sobre o atendimento a pessoas travestis, e os profissionais admitiram não saber ao certo como lidar com as especificidades dessa população. Eles relataram que, devido à falta de conteúdo durante a formação, não possuem conhecimento específico para prestar um atendimento mais qualificado a essa população (Sehnem; Rodrigues, 2017).

Tabela 4 - Autocuidado e conhecimento

Quais são as principais intercorrências que fazem você procurar um serviço de saúde?	n°	%
Exames de rotina, checkups periódicos	16	44,4
Quando tem dúvida de algo que acha que está errado com a sua saúde	11	30,6
Doenças Sexualmente Transmissíveis	6	16,7
Não procuro os serviços de saúde	3	8,3
Na sua opinião, os profissionais de saúde precisariam de treinamento para poder estar trabalhando com a população LGBT?		
Sim	31	86,1
Não	5	13,9
Ao seu olhar, os profissionais de saúde têm conhecimento sobre a saúde da população LGBT, para lhe proporcionar um bom atendimento?		
Sim, porém ainda falta um pouco de conhecimento	21	58,3
Não, precisam de muito mais conhecimento/estudo para nos atender	7	19,4
Não, pois não sabem nos atender	4	11,1
Sim, pois quando querem somos bem atendidos	4	11,1

Fonte: Dados da pesquisa, Rio Grande do Sul, (2023).

Conclusão

O estudo evidencia que o preconceito e a discriminação não são fenômenos recentes em nossa sociedade. Idealiza-se os serviços de saúde como lugares onde não deveria haver distinção, desrespeito ou julgamentos. No entanto, mesmo com a baixa porcentagem de pessoas que ainda sofrem preconceito, como mostrado nesse estudo, essa realidade persiste e não pode ser ignorada, especialmente pelos profissionais da área da saúde. Pois escolheram auxiliar o próximo, acolher os necessitados, suas angústias, medos e inseguranças.

Uma das maneiras de prevenir o preconceito e a discriminação nos serviços de saúde é por meio do conhecimento e do estudo. Deve-se buscar a empatia em cada um, deixando de lado opiniões pessoais, focando simplesmente em como ajudar o paciente a solucionar seu problema de saúde.

Nesse sentido, espera-se que a pesquisa incentive outros profissionais, aumentando a visibilidade desse grupo de pessoas em nossa sociedade e proporcionando mais conhecimento aos profissionais da área da saúde.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Resolução 466/2012. Brasília, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes. Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília: Editora MS, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Painel de indicadores do SUS nº5: prevenção de violência e cultura de paz. Secretaria de gestão estratégica e participativa, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Brasília, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde Integral LGBT. Brasil, 2015.

BRASIL. Ministério Público do Estado do Pará. LGBT: Conceitos, direitos e conquistas. Belém, 2016.

CARVALHO, S. L.; PHILIPPI, M., M. Percepção de lésbicas, gays e bissexuais em relação aos serviços de saúde. Brasília, 2013.

ROMANO. V, F. As Travestis no Programa Saúde da Família da Lapa. São Paulo: Saúde Soc, 2008.

SEHNEM, G.D; RODRIGUES, R. L. (Des)preparo técnico-científico para o cuidado às travestis: percepções de enfermeiras(os). Uruguaiana. 2017.

TAVARES, V. Saúde da população LGBT: Preconceito e desconhecimento nos serviços de saúde estão os principais desafios para um atendimento com equidade. Brasil. 2016.

VAL, A. C. et al. O cuidado da população LGBT na perspectiva de profissionais da Atenção Primária à Saúde. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, p. 1-21, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320207>.

Arte, Educação, Linguagem e Surdez: conexões e possibilidades

Mônica Moura Neves¹

Márcia Regina Castro Barroso²

Resumo

Se a arte expressa uma profunda relação do homem com o mundo, a partir do momento em que, além de atuar como canal simbólico, é capaz de unir o eu individual à coletividade, a linguagem, por sua vez, característica específica da espécie humana, exerce extrema influência na elaboração dos conteúdos inconscientes. Deste modo, a Arteterapia surge como um importante recurso terapêutico ou de intervenção na busca pessoal pela própria identidade e pela descoberta do conhecimento de si mesmo, visto que as imagens resultantes se encontram impregnadas de emoção, trazendo à consciência elementos ocultos. Sabemos que tanto a saúde quanto a educação consideram o sujeito como desejante e portador de uma subjetividade única e intransferível; logo, a Arteterapia, sob o termo Arte-Educação, pode também ser aplicada na área educacional, tendo em vista que, com o uso de técnicas expressivas, sejam elas plásticas ou corporais, é possível integrar o aprendizado emocional ao cultural. Sem pretensão de esgotar o tema, esta pesquisa bibliográfica investigará como o uso da arte junto ao aluno surdo (cuja perda auditiva afeta aspectos do desenvolvimento global, em especial, a comunicação e a aprendizagem) pode contribuir para um processo de escolarização prazeroso e significativo.

Palavras-chave: Arte. Surdez. Aprendizagem significativa.

Abstract

If art expresses a deep relationship between man and the world, from the moment that, in addition to acting as a symbolic channel, it is capable of uniting the individual self with the collectivity, language, in turn, a specific characteristic of

¹ Professora dos Anos Iniciais e de Atendimento Educacional Especializado; servidora concursada no município de Nova Iguaçu, atualmente lotada na Secretaria de Educação, no setor de formação continuada; Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da UNIGRANRIO, Pós-Graduação em Educação Especial Inclusiva e em Orientação Educacional e Pedagógica pela UCAM, Fonoaudióloga (CRFa 1 - 10059) e licenciada em Letras. Membro dos Grupos de Pesquisa: Estudos Interdisciplinares em Saúde, Trabalho, Educação e Sociedade (SATEDES) e Núcleo de Estudos em Linguagens, Práticas Educacionais e Digitais (NELPED).

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes - PPGHCA-UNIGRANRIO, Pós-doutorado e Doutorado em Sociologia (PPGSA-IFCS-UFRJ-Faperj), Mestrado em Sociologia e Direito (PPGSD-UFF), História (UFF), Ciências Sociais (UFRJ) e Psicologia – CRP: 05/73483.

the human species, exerts an extreme influence on the elaboration of unconscious contents. In this way, Art Therapy emerges as an important therapeutic resource or intervention in the personal search for one's own identity and the discovery of self-knowledge, since the resulting images are impregnated with emotion, bringing hidden elements to consciousness. We know that both health and education consider the subject as desiring and bearer of a unique and non-transferable subjectivity; therefore, art Therapy, under the term Art-Education, can also be applied in the educational area, considering that, with the use of expressive techniques, whether plastic or body, it is possible to integrate emotional and cultural learning. Without intending to exhaust the theme, this bibliographic research will investigate how the use of Art with the deaf student (whose hearing loss affects aspects of global development, especially communication and learning) can contribute to a pleasurable and meaningful schooling process.

Keywords: Art. Deafness. Meaningful learning.

Introdução

A arte representa uma profunda relação do homem com o mundo e, além de seu papel social (unindo o eu individual à coletividade, bem como escrevendo a história da humanidade), atua como um canal simbólico, através do qual o sujeito expressa sua realidade interior. Atualmente, a saúde e a educação tendem a considerar, numa visão holística, o indivíduo como sujeito desejante, no qual as estruturas psíquicas, físicas e emocionais se encontram intrinsecamente relacionadas, gerando a subjetividade do ser humano.

Em adição, traçando um paralelo com a faculdade humana chamada linguagem, é possível percebermos a influência desta também sobre o próprio sujeito, visto que é através do uso pragmático da linguagem que podemos nos comunicar com nossos semelhantes assumindo, deste modo, nossa posição no mundo. E, estando o processo de aquisição e de desenvolvimento da linguagem estreitamente ligados à audição, podemos pensar nas consequências provocadas pela surdez no que diz respeito ao desenvolvimento global, ao processo de aprendizagem e às relações sociais. Isto porque se a linguagem, é permeada pelo universo simbólico, ao passo que é importante na elaboração dos conteúdos inconscientes, é possível descrever os efeitos gerados por uma perda

auditiva, tanto no que diz respeito à estruturação do eu individual, quanto ao processo de comunicação junto à família, à escola e aos demais grupos sociais.

Por conseguinte, a linguagem da arte é infinita porque, por meio da expressão criativa, é capaz de apontar a visão que o sujeito tem acerca de si mesmo, bem como a postura que assume no mundo, o que nada mais é do que a subjetividade humana. Na busca da descoberta consciente de sua identidade psicológica, o indivíduo pode encontrar na Arte um caminho para tal processo de reflexão, promovendo a reorganização interna e a mudança pessoal.

Neste caminho, o objetivo deste estudo é apresentar, a partir de um levantamento bibliográfico, como a linguagem da arte pode ser utilizada em contextos escolares junto a alunos com surdez.

Portanto, temos como objetivos específicos conceituar a arte enquanto recurso educacional, definir linguagem e suas implicações no desenvolvimento humano, dizer o que é surdez, apresentando sua etiologia e suas principais consequências para a aquisição da linguagem e para os aspectos socioeducacionais (em especial, as dificuldades encontradas por ele mesmo, pela família e pela escola durante o processo de comunicação); citar a contribuição da arte no trabalho pedagógico com o surdo, proporcionando-lhe, ao ter suas potencialidades e tempo próprio de aprendizagem respeitados, a transformação de sua vida pelas imagens.

Vislumbramos que, ao final, possamos fornecer informações úteis a respeito da contribuição da arte no trabalho pedagógico com o surdo, na superação de limites e no desenvolvimento de suas próprias potencialidades.

Metodologia

Diante de tal elucidação apresentada anteriormente, ao longo deste corpus empreenderemos uma análise bibliográfica sobre a importância dos processos de comunicação, os tipos de surdez e, por fim, sobre a real contribuição da Arte junto ao aluno surdo, isto é, quanto à descoberta de si mesmo e, consequentemente, quanto ao aprimoramento dos mecanismos de linguagem e ao alcance de uma aprendizagem significativa.

Um pouco sobre arte

A arte na escola proporciona ao aluno se expressar de forma livre e com intencionalidade, o que é extremamente importante para seu desenvolvimento global (Dall'Asen; Pieczkowski, 2022).

Para Oliveira e Garcez (2012), a obra de arte expressa um pensamento, uma visão de mundo de acordo com a sensibilidade do artista que a criou. O artista pode se expressar através da música (som), da literatura (linguagem verbal ou escrita), da pintura, desenho ou escultura (imagem visual), pela dança (linguagem corporal), dentre outras manifestações. Na realidade, tudo ao nosso redor pode ser considerado como arte. Logo, esta possui múltiplas funções na sociedade, pois é capaz de explicar a evolução da história do homem ou, simplesmente, demonstrar a emoção de um artista.

Atualmente, tanto as áreas da educação quanto a da saúde buscam considerar o homem como um sujeito no qual as estruturas psíquicas, físicas e emocionais estão intrinsicamente relacionadas, considerando esse sujeito como biopsicossocial. Trata-se da subjetividade do ser humano, que o favorece na descoberta de si mesmo, ao mesmo tempo que o revela ao outro e ao mundo. Por conseguinte, dentre os recursos existentes para tentar se apreender o universo simbólico (lembrando que símbolo é um conceito ou uma imagem portadora de conteúdo simbólico, transcendendo a realidade), temos o trabalho com o uso da arte (conjunto de ações coordenadas, sistematizadas e integradas entre si para a execução de uma tarefa, na qual se busca o estado de aperfeiçoamento). Através das expressões criativas, realizadas por meios plásticos ou de performance corporal, o universo de cada pessoa pode ser explorado em suas dimensões caóticas ou nos seus estados de desordem e confusão mental, possibilitando à mesma manifestar sua posição pessoal de estar no mundo, bem como se transformar plenamente. Além disso, a expressão artística produzida neste contexto, por não depender de aprovação externa, é a mola principal para o registro do percurso de autoconhecimento. Os autores ainda ressaltam que, para Carl Jung, o inconsciente cria conteúdos novos, mas

também guarda alguns dos quais a consciência gostaria de se libertar. Então, a criação pelas imagens possibilita uma reorganização criativa e uma reflexão acerca de si mesmo.

Posto isso, a Arteterapia, como recurso terapêutico ou de intervenção, pode auxiliar o indivíduo a chegar à consciência acerca de acontecimentos psíquicos até então ocultos no inconsciente. É importante mencionar que a Arteterapia, sob o nome Arte-Educação pode ainda ser aplicada na área educacional, integrando o aprendizado emocional ao cultural, minimizando então, os problemas de aprendizagem existentes e/ou de tratamento das dificuldades de aprendizagem existentes (Urrutigaray, 2023).

É possível perceber que, deste modo, a prática da Arteterapia/Arte-Educação não é mera utilização de técnicas expressivas, mas sim o veículo pelo qual as imagens geradas são o guia para o surgimento dos símbolos pessoais, fornecendo suportes para criações que retratem os múltiplos estágios da psique, realizando a comunicação entre o inconsciente e o consciente (Christo; Silva, 2006).

A partir das elucidações acima podemos dizer que, para Reyes (*in* Ciornay, org., 2005), a linguagem da arte é ilimitada, pois não é descritiva, e sim, expressiva, manifestando a postura do homem diante da vida e do mundo podendo, inclusive, apontar a experiência universal da consciência humana. Em virtude disso, o profissional que aplicará a técnica deve estar sempre disponível, exercitando continuamente sua capacidade de auto-observação, autoconhecimento e respeito próprio, para então favorecer o crescimento daquele que o procura.

É imperioso lembrar que, de acordo com Quinto de Andrade (2000), as primeiras pesquisas a respeito do uso da arte na Psiquiatria remontam ao fim do século XIX. Em 1876, Max Simon, médico psiquiátrico, classificou as patologias de acordo com as produções artísticas obtidas; em 1888, um advogado criminalista de nome Lombroso fez análises psicopatológicas dos desenhos de doentes mentais, a fim de classificar doenças; outros autores europeus também se interessaram pelas expressões artísticas de enfermos mentais, como Morselli (em 1894), Julio Dantas (em 1900), Fursac (em 1906) e Ferri (final do século XXI

e início do século XX); em 1906, Mohr comparou trabalhos realizados por pacientes mentais, pessoas normais e artistas célebres; no início do século, Prinzhorn fez uma comparação entre os desenhos de doentes mentais e as diversas escolas artísticas, como as impressionistas, as expressionistas e as surrealistas.

Dentre outros estudos de aplicação da arte, o autor também destaca Sigmund Freud que, ao se dedicar à escrita de artistas e suas obras, observou que o inconsciente se manifesta através de imagens, correspondendo a uma comunicação impregnada de simbolismo, porém com função catártica, sendo a criação artística fruto de um processo de sublimação, isto é, o impulso criador seria resultante de desejos sexuais e agressivos sublimados (é importante salientarmos aqui que, para Freud, a conexão entre a imagem e o real era a palavra). Finalmente, na década de 20, Carl Jung começou a utilizar a arte como recurso de intervenção. Pedindo a seus clientes que fizessem desenhos ou representações de imagens oníricas e/ou de situações conflituosas, observou símbolos e estudou diversas culturas e mitologias; chegando a aspectos comuns, criou o conceito de arquétipo (as imagens procedem de um material localizado num espaço hipotético - inconsciente coletivo, principalmente de seus conteúdos).

No Brasil, destaque para o trabalho da psiquiatra Nise da Silveira, que ao invés de se referir a ele como Arteterapia, preferia a denominação Emoção de Lidar (sugestão de um paciente seu), devido a sua preocupação de que o termo arte poderia eliciar uma preocupação extremamente estética, o que fugiria de seu objetivo primordial: a transformação do sujeito. Pesquisando sobre o universo mental dos pacientes internados do Centro Psiquiátrico Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, encontrou respostas na teoria junguiana, aplicando-as nas oficinas de trabalho da seção de Terapia Ocupacional. Por meio de seu trabalho, denunciou o tratamento injusto e ineficaz até o momento realizado, propondo uma nova concepção de reabilitação através da arte.

Neste ponto, ao compreendermos um pouco sobre a arte e sua aplicabilidade, vamos nos ater a falar sobre a função cognitiva denominada

linguagem, para percebermos que ela se interliga à necessidade de manifestação humana dos pensamentos e das emoções.

Linguagem e perdas auditivas: implicações no desenvolvimento humano

Os primeiros anos de vida da criança são tidos como os mais importantes para o desenvolvimento das habilidades de linguagem, período em que o adulto (e, então, acrescentamos a família como um ambiente facilitador) tem papel de suma importância na estimulação linguística e interacional.

Carvalho, Lemos e Goulart (2016) destacam que há diferenças individuais, tanto no processo de aquisição quanto na velocidade e qualidade dos mecanismos de linguagem. Esse desenvolvimento é, pois, complexo e depende de fatores tais como maturação neuropsicológica, afetividade, desenvolvimento cognitivo e contextos sociais.

A definição de linguagem é complexa e seus significados são variados. Neste sentido, a comunicação acontece a partir de códigos, como a língua, que origina a fala do sujeito. Quanto a isto, Etto e Carlos (2018) esclarecem que, para Ferdinand de Saussure, considerado o pai da Linguística, a língua é como um contrato firmado entre os membros de uma comunidade, que possuem um acervo linguístico similar.

Nos primeiros anos de vida a criança é capaz de dominar um sistema linguístico idêntico àquele empregado pelos adultos que se encontram ao seu redor. Contudo, para que o desenvolvimento da linguagem falada se processe de fato, são necessárias três sequências de desenvolvimento. Primeiramente, temos o desenvolvimento da capacidade de receber, identificar e manipular as características do mundo que nos cerca, o que constitui a fase de recepção dos estímulos sensoriais (em especial, os visuais, os auditivos e os cinestésicos) sob o comando do sistema nervoso central. Após a maturação do sistema receptivo, há a prontidão para que o processo expressivo se estabeleça (que corresponde justamente à interpretação dos sons linguísticos que a criança ouve em seu ambiente). Para tanto, são utilizados processos muito complexos tais como a memória, organização no tempo e no espaço, análise-síntese, figura-fundo, além das experiências emocionais. Por fim, ocorre a emissão, que é o

desenvolvimento da capacidade de produzir sons, cuja etapa envolve uma atividade motora, a habilidade fonoarticulatória, comandada pelo sistema nervoso central. Sendo assim, percebemos que, inicialmente, o ser humano possui apenas uma audição reflexa, que será inibida a partir das experiências auditivas adquiridas no relacionamento interpessoal (Russo; Santos, 2009).

Canning (*in* Pueschel, org., 2009) nos lembra que o nascimento de uma criança é um evento muito importante na vida familiar. Isto porque os pais passam nove meses imaginando e idealizando seu filho, bem como será a dinâmica da família após sua chegada. Entretanto, se o recém-nascido apresenta algum tipo de deficiência, seus pais viverão, a princípio, momentos de dúvidas e incertezas quanto ao futuro do mesmo, momentos esses que serão superados com a convivência e com a descoberta de que, apesar de haver uma deficiência, tal criança é um sujeito em potencial.

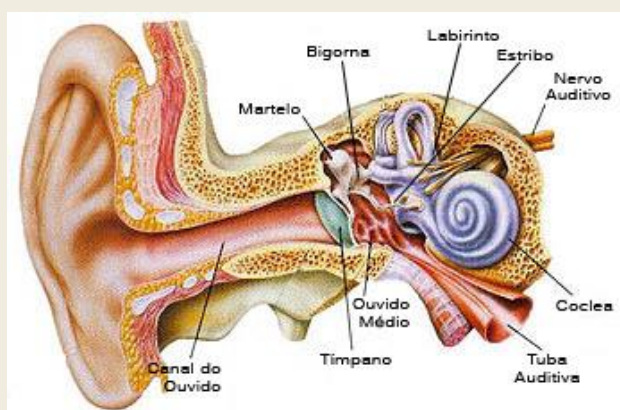
Nesse sentido, se vivemos num mundo sonoro feito para ouvintes, sendo o som a fonte principal de conteúdo simbólico e determinante na modificação do comportamento humano de forma concreta ou abstrata, o ser humano depende da informação acústica desde a vida intrauterina, tanto para sua sobrevivência física quanto psíquica. Portanto, caso haja uma perda de audição, todo o seu desenvolvimento, a dinâmica familiar, a interação social, a aprendizagem e a vida adulta, estarão prejudicados. De acordo com Russo e Santos (2009), como principais consequências decorrentes de uma perda auditiva (observando as características da perda existente e se, principalmente, a detecção da perda não ocorrer o mais precocemente possível) podemos observar os seguintes problemas: perceptual, de fala, na comunicação, cognitivo, social, familiar e socioeconômico.

Em outras palavras, colocando-nos em contato com o mundo que nos cerca, o sentido da audição se encontra claramente envolvido em todo o desenvolvimento fonético do indivíduo, tanto na aprendizagem quanto na modulação e posterior controle, com a audição de nossa própria voz. De acordo ainda com Russo e Santos (2009), a estreita relação entre a audição e o desenvolvimento da linguagem no ser humano faz com que seja necessário um diagnóstico precoce, a fim de que, através do acompanhamento específico

(realização de avaliações auditivas e posterior assistência terapêutica - dentre elas, a intervenção fonoaudiológica), seja possível minimizar e/ou anular os efeitos funestos provocados pela ausência de estimulação auditiva sobre a função da linguagem, proporcionando melhores condições para o desenvolvimento global do sujeito.

Vale a pena frisar que o mais baixo murmúrio que podemos ouvir possui apenas cerca de um milionésimo de energia sonora da voz falada normal, o que demonstra a extrema sensibilidade do ouvido para a detecção do som. O som é uma série de ondas de compressão repetidas, que trafegam pelo ar com uma velocidade de uma milha a cada 5 segundos (321.8 metros por segundo). Quando essas ondas atingem a membrana timpânica, esta vibra com as ondas. A parte central da membrana timpânica está ligada a três alavancas ósseas, os ossículos auditivos, que conduzem as vibrações para a orelha interna. (Guyton; Hall, 2017). Deste modo, a fim de conhecermos melhor a estrutura interna que faz parte do processo de audição, vejamos a figura abaixo:

Figura 1: Como escutamos?



Fonte: <https://www.neurinoma.org.br/como-escutamos/>

Baseado na figura apresentada fica-nos mais claro compreender o caminho percorrido pelo som. Sendo assim, de acordo com Russo e Behlau (1993), podem ser identificados os seguintes elementos da percepção auditiva:

detecção - ocorre quando pelo menos um dos componentes tonais encontra-se na faixa de frequência entre 20 e 20.000 Hz e apresenta amplitude suficiente para provocar um efeito significativo nos modelos de estimulação elétrica do nervo auditivo, sendo este o limiar de audição, o som mais fraco que o ouvido humano pode detectar; **sensação sonora** - é a impressão subjetiva deixada pelo estímulo sonoro; **discriminação** - corresponde ao processo de diferenciação dos sons acusticamente similares, mas com frequência, duração e/ou intensidade diferentes; **localização** - permite o estabelecimento da origem da fonte sonora a partir das diferenças interaurais de tempo, fase e intensidade dos estímulos sonoros que atingem os dois ouvidos; **reconhecimento** - é a identificação correta dos dados sensoriais, com base em experiências anteriores; **compreensão** - ocorre quando interpretamos uma nova combinação de modelos sonoros; **atenção** - é o mecanismo de se tomar decisões e executá-las por meio de informações captadas pelos órgãos sensoriais, envolvendo a monitoração do sinal acústico; **memória** - refere-se à capacidade de reter, armazenar e evocar informações recebidas.

Portanto, deve haver integridade tanto a nível periférico quanto central para que a identificação dos sons do ambiente, a percepção da fala e o desenvolvimento da linguagem ocorram sem alguma interferência que prejudique esses processos.

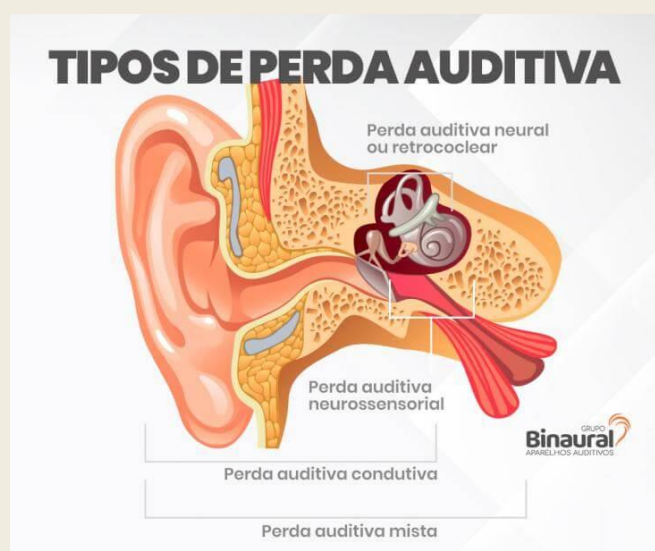
Nos adultos, todas as estratégias contextuais de interpretação da fala já estão plenamente desenvolvidas. Na verdade, um adulto não precisa ouvir todos os sons para captar o conceito que está sendo dito. A fala pode ser distorcida e interrompida e ainda assim, ser entendida pelo adulto. Mas uma criança que começa a interpretar a fala e a linguagem, precisa ouvir bem distintamente para desenvolver estratégias necessárias à habilidade adulta. O parâmetro mínimo de 25 dB tem sido aceito há muitos anos como indicador de deficiência auditiva em adultos, baseando-se na compreensão da fala. Frente a isso, o mesmo critério não poderia ser utilizado em crianças, já que depende das necessidades para a fala nas várias idades (Northern; Downs, 2005).

Quando pensamos em surdez várias indagações surgem ao mesmo tempo. Nos últimos tempos, surgiram novas terminologias acerca das temáticas que

envolvem a surdez e as pessoas surdas. De acordo com Paes e Ozório (2021), atualmente a ênfase se encontra na diferença e não na deficiência, tendo em vista que a surdez não é visualizada como algo a ser curado, conforme sugere o modelo clínico e terapêutico, que visa à reabilitação das pessoas surdas para torná-las aptas a ouvir.

As perdas auditivas podem ser classificadas, dependendo do aspecto a ser considerado, em perdas auditivas quanto ao local, ao grau, ao momento em que ocorrem e à origem do problema. Deficiências auditivas congênitas são aquelas que acontecem antes ou durante o nascimento e deficiências auditivas adquiridas, aquelas que acontecem após o nascimento. Em adição, de acordo com o fator hereditariedade, as perdas auditivas podem ser classificadas em perdas de origem hereditária e de origem não hereditária. A fim de elucidarmos melhor o exposto, vejamos uma imagem que ilustra os três tipos de perda auditiva existentes, caracterizados pelo envolvimento de diferentes porções do sistema auditivo: a perda condutiva, que atinge o ouvido externo e/ou médio; a perda neurossensorial, que atinge o ouvido interno; e a perda auditiva mista, que atinge ouvido externo e/ou médio e a orelha interna.

Figura 2: Conheça os 4 tipos de perda auditiva



Fonte: <https://www.binaural.com.br/blog/perda-auditiva/tipos-de-perda-auditiva-e-causas/>

Quanto à classificação do grau da perda auditiva, o Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia³ apresenta o proposto por Lloyd e Kaplan, em 1978:

Quadro 1: Classificação do grau da perda auditiva

Média tonal de 500Hz, 1 kHz e 2 kHz	Denominação	Habilidade para ouvir a fala
≤ 25 dB NA	Audição normal	Nenhuma dificuldade significativa
26 – 40 dB NA	Perda auditiva de grau leve	Dificuldade com fala fraca ou distante
41 – 55 dB NA	Perda auditiva de grau moderado	Dificuldade com fala em nível de conversação
41 – 55 dB NA	Perda auditiva de grau moderado	Dificuldade com fala em nível de conversação
56 – 70 dB NA	Perda auditiva de grau moderadamente severo	A fala deve ser forte; Dificuldade para conversação em grupo
71 – 90 dB NA	Perda auditiva de grau severo	Dificuldade com fala intensa; entende somente fala gritada ou amplificada
≥ 91 dB NA	Perda auditiva de grau profundo	Pode não entender nem a fala amplificada; depende da leitura labial

Fonte: Elaborado pelas autoras, de acordo com Guia de orientação na avaliação audiológica, de autoria do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia.

³ Para maiores esclarecimentos acesse o Guia de orientação na avaliação audiológica, de autoria do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia, que está disponível em https://www.fonoaudiologia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/CFFa_Manual_Audiologia-1.pdf

De acordo com Russo e Santos (2009), dentre as principais consequências decorrentes de uma perda auditiva temos:

- a) **Problema perceptual:** o mecanismo de alerta e defesa pode estar prejudicado por não ser capaz de identificar objetos ou eventos pelos sons que produzem.
- b) **Problema de fala:** a criança tem dificuldade em associar os movimentos de seus mecanismos fonoarticulatórios aos sons resultantes.
- c) **Problema na comunicação:** o surdo poderá não aprender a língua oral e, por esta razão, transmitir seus pensamentos às outras pessoas por meio de gestos e demais ações concretas, gerando assim, um prejuízo na conversação, já que os ouvintes terão dificuldade em entendê-lo.
- d) **Problema cognitivo:** a criança, ao adquirir a linguagem falada, acessa o mundo a partir do pensamento do outro e das ideias abstratas; a criança deficiente auditiva aprende sobre o mundo apenas através de situações concretas.
- e) **Problema social:** dificuldade em desenvolver atitudes adequadas perante os outros, em especial, por não perceber aspectos da paralinguagem, ou seja, fatores suprasegmentais da fala, como por exemplo, a mudança no tom da voz pode significar o estado emocional do falante.
- f) **Problema emocional:** por problemas na comunicação que fazem a criança não entender o outro e, ao mesmo tempo, não ser compreendida pelo interlocutor, podem surgir sentimentos de frustração, agressividade, além de uma autoimagem negativa.
- g) **Problema educacional:** muitas das vezes as escolas não estão preparadas para receber um aluno surdo.
- h) **Problema intelectual:** embora não possua nenhum déficit cognitivo (a não ser que haja outros comprometimentos associados), a criança apresenta dificuldades na competência da linguagem e no conhecimento geral; por conseguinte, provavelmente atingirá a idade adulta com restrições para o mercado de trabalho.

i) **Problema familiar:** as reações instintivas dos pais cujo filho tem dificuldades em desenvolver a linguagem verbal é deixar de estimulá-lo, não falando com ele. Então, há um comprometimento não somente do desenvolvimento global como também da integração socioemocional da criança.

j) **Problema socioeconômico:** a necessidade do uso de aparelho de amplificação sonora, sua manutenção e o trabalho especializado necessário geram problemas econômicos sérios; além disso, poderá encontrar obstáculos em seu processo de inclusão social.⁴

Após tudo o que já foi apresentado anteriormente, agora podemos discorrer sobre como a Arte pode colaborar no trabalho pedagógico com o aluno surdo.

Arte e surdez

De fato, tem sido um grande desafio para a educação incluir os alunos surdos em virtude das suas especificidades linguísticas e da dificuldade do professor para atuar com esse perfil de alunado (Carvalho; Lemos; Goulart, 2016). Coutinho (2013) nos indaga que, quando levamos em conta, em termos de educação, que a arte não é um meio de entretenimento, mas sim um instrumento de cidadania, precisamos verificar o que fazer para evitar que a educação inclusiva se torne uma prática de segregação e/ou estigmatização, reforçando no indivíduo o sentimento de falta ou de não pertencimento àquele determinado grupo social, já que ainda não está preparada para oferecer à pessoa com deficiência condições reais para seu desenvolvimento pleno. Frente a isso, é preciso haver sempre uma preocupação redobrada quanto aos recursos e metodologias a serem empregados, bem como à existência de profissionais especializados. E, neste caminho, a arte pode atuar como uma excelente fonte

⁴ A Lei 8.213, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências, representou um importante avanço na inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Conforme a legislação, em seu Art.93, as proporções para empregar pessoas com deficiência variam de acordo com a quantidade de funcionários. Até 200 empregados, a reserva legal é de 2%; de 201 a 500, de 3%; de 501 a 1.000, de 4%. As empresas com mais de 1.001 empregados devem reservar 5% das vagas para esse grupo.

didática, a fim de que a escolarização e o desenvolvimento como um todo se deem de modo prazeroso, respeitando o tempo e as necessidades de cada sujeito.

Se conseguirmos perceber o fazer arte como uma atividade que obedece a um tempo próprio e oferece resultados que jamais poderão ser padronizados, e se focalizarmos com especial atenção o processo de criação, mais até do que o produto final, começaremos a compreender o quanto pode ser estimulante para todo o grupo (especiais e ditos normais) a experiência com os materiais criativos. De forma natural, agradável e pessoal, a criança aprende a controlar seus movimentos, amplia a consciência de seu próprio corpo e de suas vontades. [...] Se não for julgada ou submetida a comparações, a criança pouco a pouco se encorajará a aumentar seus limites, experimentar mais, arriscar. Aprenderá que existem formas de comunicação que vão além das palavras e podem ser tão ou mais autênticas do que estas (Coutinho, 2013, p. 117).

Urrutigaray (2023) nos diz, seguindo a mesma linha de pensamento que, como instrumento educativo, a arte atua em atividades preventivas tanto no âmbito psicopedagógico (oferecendo uma integração entre a arte e a cognição) quanto no contexto de ressignificações de atitudes pessoais, cabendo ao sistema educativo inserir em seu projeto político-pedagógico práticas expressivas transdisciplinares que integrem o aprendizado emocional ao aprendizado de conhecimentos específicos.

Para Moura e Vieira (*in* Pavone; Rafaeli, orgs., 2008), o espaço destinado para se trabalhar com o surdo, seja ele escolar ou clínico, não serve apenas para a execução de determinadas técnicas, mas sim, para trabalhar a construção de uma identidade, que é única e transferível. Na mesma corrente, Urrutigaray (2023) nos sugere que, no âmbito escolar, o objetivo da atividade a ser realizada deve se pautar no desenvolvimento do potencial criativo e produtivo como elemento resultante da formação de estruturas psíquicas superiores, tais como a organização das ideias, a compreensão da causalidade, dentre outras. Além disso, a aquisição de novos conhecimentos por meio das experiências pessoais desperta o valor da autoestima, porque pode se chegar ao reconhecimento das próprias habilidades pessoais.

Como já foi mencionado anteriormente, existem inúmeras possibilidades para o ser humano exercitar sua criatividade e que, portanto, através do uso da arte, as imagens construídas pelo sujeito lhe possibilitam chegar ao conhecimento de si mesmo. Neste momento, apresentaremos um pouco das atividades e dos recursos que podem ser usados no processo de estimulação pedagógica da linguagem e da aprendizagem junto a alunos surdos.

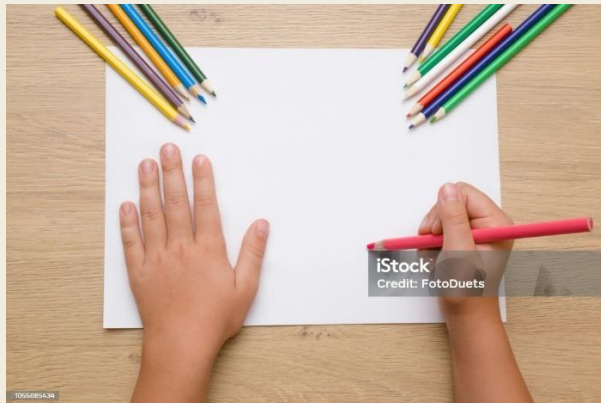
Porém, antes de iniciarmos esta parte, é importante salientar o que Reys (*in* Ciornay,org., 2005) apresenta como questões para os educadores, para os pais e para os terapeutas de crianças sem ou com algum tipo de deficiência:

Será que a escola que temos hoje está preparada para acolher essas crianças e a maneira pela qual elas lidam com os processos de aprendizagem? Será que os pais estão atentos aos seus filhos, respeitando sua individualidade e permitindo que vivam os próprios processos? Será que nós terapeutas procuramos estar conscientes de nossos clientes, indo ao encontro de seu mundo interno? (Reys, 2005, *in* Ciornay,org., 2005, p.114).

Para Moura e Vieira o espaço destinado para se trabalhar com o surdo, seja ele escolar ou clínico, não serve apenas para a execução de determinadas técnicas, mas sim para trabalhar a construção de uma identidade, que é única e transferível (*in* Pavone; Rafaeli, orgs., 2008).

Vejamos então, por fim, o que Urrutigaray (2023) nos informa a respeito do emprego dos materiais plásticos, que os professores também podem utilizar em sala de aula, especialmente junto a alunos com surdez:

a) **Material seco:** Correspondem às modalidades de lápis, pastéis, canetas hidrográficas, gizes de cera etc., que são elementos de fácil manuseio e controle, o que reforça a sensação de bem-estar e equilíbrio; a partir dos grafismos sugeridos, podem-se obter aspectos indicativos de estados emocionais internos.

Figura 3: Desenho e pintura com lápis de cor

Fonte: https://media.istockphoto.com/id/1055085434/pt/foto/little-girls-hand-painting-on-the-white-paper-with-pink-pencil-color-pencils-on-the-wooden.jpg?s=1024x1024&w=is&k=20&c=FHaaHtIGSIN_iWI0_h9dM11jtWBSolqJ9Yo_O7QsyFmQ=

b) **Tintas:** Por se tratar de um material fluido, é ótimo para manifestar emoções; pode-se, portanto, experimentar afetos, aumentando o autoconhecimento.

Figura 4: Pintura a óleo

Fonte: https://img.freepik.com/fotos-gratis/pintura-sobre-tela-com-acrilico_114579-12240.jpg?t=st=1738002952~exp=1738006552~hmac=9b02451dd36ca5e9d3c7d35ccee7a7427038950b72fa1ae5a0fc097fd45fe938&w=740

c) **Materiais tridimensionais:** Esculpir significa, por exemplo, cortar e gravar, ato que é capaz de captar a essência de estados interiores, que são transpostos para o material; como recursos temos a massa de modelar, a argila e as sucatas.

Figura 5: Materiais produzidos com sucata

Fonte: <https://s1.static.brasile escola.uol.com.br/be/conteudo/images/brinquedos-feitos-com-sucata.jpg>

d) **Colagem:** Propicia uma certa simulação de conteúdos psíquicos, pois o sujeito acredita que as imagens por ele escolhidas não têm uma relação direta consigo mesmo, o que será negado após o processo de reflexão sobre a obra produzida.

Figura 6: Trabalho com colagem

Fonte: <https://terapiapelaarte.com/pensando-sobre-a-colagem-na-arte-e-na-arteterapia/>

Coutinho (2013) também nos cita o trabalho que pode ser feito a partir do uso de fantoches ou de materiais recicláveis (sucata) ou ainda, de máscaras. Com relação ao primeiro material, a mesma nos afirma que é rica a atividade de escolher fantoches já prontos, permitindo emergir sensações interiores da

criança. Além disso, reaproveitando materiais que, a princípio, iriam para o lixo, o sujeito pode ser levado a perceber que, frente a uma situação caótica, pode surgir uma solução plausível. Por fim, ao colocar uma máscara e aparentemente se ocultar, a criança pode permitir um descaramento de suas emoções e de seus comportamentos, os quais não podem ser revelados quando seu rosto se encontra exposto.

Para finalizarmos, vejamos as colocações oferecidas por Christo e Silva (2006) no que diz respeito à pintura, ao desenho e ao trabalho com papéis diversos.

a) A pintura nos possibilita olhar a nós mesmos e a tudo o que nos cerca de uma nova maneira, para algo que estava escondido em nosso inconsciente. Na realidade, é o meio mais eficaz para flexibilizar nosso pensamento, retirando as vendas em nosso olhar e deixando a energia psíquica fluir.

b) Desenhar não é simplesmente fazer uma cópia da realidade. Desenhar é deixar que os traços sobre o papel tragam à tona sentimentos guardados; é desmontar uma imagem em unidades de movimento para a seguir, construir uma nova simbolização.

c) Quando nos envolvemos com papéis, logo percebemos que se trata de um material que oferece várias possibilidades de trabalho, já que pode ser dobrado, amassado, pintado, colado etc.

d) Por sua vez, a colagem é uma forma do indivíduo trocar de papéis, recolher ou constituir estruturas que favorecem bons resultados, pois a unidade somente funciona com a articulação de todas as partes envolvidas no processo e assim, articulando pequenos pedaços, podemos reconhecer nossa dimensão total e nossa multiplicidade.

Resultados e discussão

Neste momento, a partir das informações analisadas nesta pesquisa bibliográfica, podemos verificar que ao pintar, modelar ou desenhar, a criança possui múltiplas possibilidades criativas, o que aguça todos os sentidos, levando ao conhecimento de sua própria identidade e ao profundo conhecimento de si mesma. Certamente, através do manuseio dos materiais plásticos e da consequente produção individual, o processo de aprendizagem escolar, por meio da estimulação das habilidades cognitivas e perceptivas em paralelo, será favorecido.

Em outras palavras, portanto, uma proposta pedagógica baseada nesses princípios junto ao aluno surdo pode contribuir significativamente para as melhorias que se fizerem necessárias, tanto na comunicação social como no processo de aprendizagem formal.

Considerações finais

Com alunos surdos o trabalho com arte pode propiciar não só o aumento das possibilidades simbólicas individuais, como também a elaboração de conteúdos inéditos imprescindíveis à aquisição da linguagem, responsável pela comunicação do homem com seus semelhantes, além da formulação de dados necessários para a superação de dificuldades na aprendizagem. Isso significa dizer que, na apreensão de seu próprio universo simbólico, através das expressões criativas por meio de recursos e técnicas plásticas, o aluno pode chegar a uma reorganização interna e ao autoconhecimento, levando a uma profunda mudança pessoal, ou seja, à descoberta de si mesmo. Logo a arte, integrando o aprendizado emocional ao cultural, minimizará também os problemas de aprendizagem existentes, seja de qual ordem for.

Pensando sob essa perspectiva reconhecemos que, de fato, a arte também enquanto ferramenta de ensino pode atuar para que o processo de escolarização e o desenvolvimento global aconteçam de modo significativo, respeitando as necessidades, as características e os desejos do aluno surdo. Em justaposição, contribui ainda para o pensamento abstrato e o pensamento lógico na produção

de um discurso comunicativo e linguístico pragmático, o aumento das possibilidades simbólicas individuais, a elaboração de conteúdos inéditos imprescindíveis à aquisição da linguagem e a formulação de dados necessários para a superação de dificuldades na aprendizagem.

Referências

ANDRADE, Liomar Quinto de. *Terapias expressivas: arteterapia, arteeducação e terapia-artística*. São Paulo: Vector, 2000.

CANNING, Claire D. De pais para pais. In: PUESCHEL, Siegfried M. (org.). *Síndrome de Down: guia para pais e educadores*. 14ª ed. São Paulo: Papirus, 2009.

CARVALHO, Amanda de Jesus, LEMOS, Stela Maris Aguiar Lemos; GOULART, Lúcia Maria Horta de Figueiredo. Desenvolvimento da linguagem e sua relação com comportamento social, ambientes familiar e escolar: revisão sistemática. *CoDAS* 28 (4), ago 2016.

CHRISTO, Edna Chagas & SILVA, Graça Maria Dias da. *Criatividade em arteterapia: pintando & desenhando, recortando, colando & dobrando*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2006.

COUTINHO, Vanessa. *Arteterapia com crianças*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

DALL'ASEN, Taise & PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. Surdez, identidade e diferença. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 17, n. 2, p. 1129–1147, 2022. DOI: 10.21723/riaee.v17i2.14593. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14593>. Acesso em: 23 ago. 2024.

ETTO, Rodrigo Mazer; CARLOS, Valeska Gracioso. A língua e a linguagem em três perspectivas. *Portal de Periódicos UFSM*. Linguagens & Cidadania, v. 20, jan./dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5902/1516849232314>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/1>. Acesso em: 27 jan 2025.

GUYTON. Arthur C.; HALL, John. *Tratado de fisiologia médica*. 13ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

MENDONÇA, Joyce da Silva Cruz de et al.. Surdez e educação inclusiva: um desafio contemporâneo. *Anais V CONEDU*. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/49056>>. Acesso em: 23/08/2024.

MOURA, Maria Cecília de; VIEIRA, Maria Inês. *Língua de sinais - a clínica e a escola - de quem é esse território?* In: PAVONE, Sandra e RAFAELI, Yone Maria (orgs.). *Audição, voz e linguagem: a clínica e o sujeito*. São Paulo: Cortez, 2008.

NARBONA, Juan; FERNÁNDEZ, S. *Fundamentos neurobiológicos do desenvolvimento da linguagem*. In: CHEVRIE-MULLER, Claude & NARBONA, Juan (orgs.). *A linguagem da criança: aspectos normais e patológicos*. Biblioteca Setorial do Centro Ciências da Saúde – CCS, 2002. Disponível em <https://app.bczm.ufrn.br/home/#/item/120952>. Acesso em 05 set. 2024.

NORTHEN, Jerry; DOWNS, Marion. *Audição na infância*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

OLIVEIRA, Jô; GARCEZ, Lucília. *Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

PAES, Paulo Cesar Duarte; OZORIO, Jusimara Clara. Arte na escola: objetivação e liberdade. *Revista Educação, Artes e Inclusão*, Florianópolis, v. 17, 2021.

REYES, Selma. *Para além da fonoaudiologia: a cor e a emoção da linguagem*. In: CIORNAI, Selma (org.). *Percursos em arteterapia: arteterapia e educação, arteterapia e saúde*. São Paulo: Summus, 2005.

RUSSO, Ieda Pacheco; BEHLAU, V. S. *Percepção da fala: análise acústica do português brasileiro*. São Paulo: Lovise, 1993.

RUSSO, Ieda; SANTOS, Teresa M. Momensohn. *A prática da audiolgia clínica*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. *Audiologia infantil*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia. Guia de orientação na avaliação audiológica. Disponível em https://www.fonoaudiologia.org.br/wp-content/uploads/2020/09/CFFa_Manual_Audiologia-1.pdf. Acesso em 05 set.2024.

URRUTIGARAY, Maria Cristina. *Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens*. Digitaliza Conteúdo, 2023. ISBN 8578545974, 9788578545970.

As práticas de liderança em uma empresa: cidade de Itatinga/SP

Alan Fernando da Silva¹

Carla Gonçalves Távora²

Valéria Ruede Elias Spers³

Eduardo Martins Morgado⁴

Resumo

O objetivo geral foi estudar as práticas da liderança para potencializar a gestão de pessoa. A metodologia é um estudo de caso na empresa XYZ em Itatinga/SP, com uma aplicação de questionário com o líder e os funcionários da empresa. Os resultados apresentam 18 respostas no total, sendo 15 dos funcionários e 3 dos líderes. É evidenciado pelos líderes a necessidade de trabalhar com o esclarecimento de metas, proporcionando feedback, suporte na contratação, desenvolvimento de líderes e funcionários, manter a equipe unida e motivada para a gestão de pessoas e em cada Geração há recomendações importantes para uma liderança eficiente. Como conclusão do estudo, é primordial a realização de práticas de liderança para trabalhar com as Gerações e conseguir um melhor resultado dos funcionários para o crescimento da empresa.

Palavras-chave: Liderança; Gestão; Pessoas; Funcionários; Empresa.

Abstract

The general objective was to study leadership practices to enhance people management. The methodology is a case study at company XYZ in Itatinga/SP, with a questionnaire applied to the company's leader and employees. The results present 18 responses in total, 15 from employees and 3 from leaders. Leaders highlight the need to work on clarifying goals, providing feedback, support in hiring, developing leaders and employees, keeping the team together and motivated for people management and in each Generation there are important recommendations for efficient leadership. As a conclusion of the study, it is essential to carry out leadership practices to work with Generations and achieve better results from employees for the company's growth.

Keywords: Leadership; Management; People; Employees; Company.

¹Graduação em Tecnologia em Agronegócio FATEC Botucatu. MBA em Gestão de Pessoas pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz".

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMIT) pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

³ Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP

⁴ Professor Associado Doutor na UNESP - Livre Docente - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - FC / Depto de Computação - Bauru, onde coordena o LTIA - Laboratório de Tecnologia da Informação Aplicada.

Introdução

A liderança tem relações significativas com o ambiente de trabalho, visto que sua atuação influencia na cooperação entre os funcionários, o papel do líder é auxiliar na tarefa, promover conhecimento e competências intra e Inter organizacionais, delegação de responsabilidades e, principalmente, exercer influência na equipe e na rede da aprendizagem (Besen *et al.*, 2017).

Entende-se que a liderança é uma tarefa complexa, precisando desenvolver constantes habilidades e competências para atender as mudanças e inovações organizacionais, é necessário reavaliar velhos hábitos e modelos que não estão em consonância com as estratégias da empresa. Faz se necessário atuar para construir, treinar e desenvolver equipes, analisar e planejar tarefas, monitorar e avaliar o desempenho da equipe, exercer influência sobre a equipe, e aplicar modos de estímulos, incentivos, motivação e recompensas para a satisfação, todas essas tarefas têm como objetivo auxiliar no desenvolvimento de meta e objetivo da organização com sucesso (Reis *et al.*, 2018).

O desenvolvimento e aprimoramento de competência, habilidades e formação contribuem para uma análise do ambiente organizacional e assim buscar um de estilos de liderança que responda aos objetivos organizacionais em afinamento com os colaboradores e/ou equipe. Tais estilos, conforme Besen *et al.*, (2017), podem ser classificados como transformacional, autêntica, trabalho adaptativo, ética, espiritual, etc.

Diante disso, a problemática do estudo é: Qual são as práticas de liderança na empresa XYZ e como o líder potencializa a gestão de pessoa? A liderança tem diferentes estilos, dependendo das equipes de uma empresa são necessárias diferentes abordagens para promover uma melhor comunicação, desenvolvimento de mudanças, direcionar o processo e auxiliar as equipes.

A justificativa está relacionada com o entendimento do papel do líder para o desenvolvimento de uma organização, dado que o líder precisa de diferentes práticas para gerir pessoas e desenvolver ou aprimorar a equipe através da criatividade, inovação, competências, formação e habilidades. Como cada empresa precisa de diferentes abordagens para atender as necessidades de

cada funcionário ou equipe, o líder precisa de um amplo conhecimento, por isso, requer um estudo sobre as práticas do líder em uma empresa e como é descrito as práticas do líder na literatura.

O objetivo geral é estudar as práticas da liderança para potencializar a gestão de pessoa.

Material e Métodos

A metodologia é de natureza descritiva, com análise quanti/qualitativa e método de estudo de caso, cujo objeto da pesquisa de campo é uma das unidades da empresa XYZ da cidade de Itatinga/SP, responsável pelo cultivo de laranja.

Nesta empresa foi aplicado o questionário com questões abertas e fechadas, foi elaborado e aplicado dois questionários com 23 questões para os funcionários (Apêndice 1) e 42 questões para os líderes (Apêndice 2). A construção do questionário ocorreu pelo Google Forms, uma plataforma online e gratuita para a coleta de informação e armazenamento de respostas. Assim, realizando uma análise quanti/qualitativa para a construção dos resultados junto de uma contextualização teórica sobre as características, aspetos e práticas de liderança.

Resultados

Os resultados da pesquisa aplicada com os funcionários e líderes que atuam na empresa XYZ da cidade de Itatinga/SP, totalizando 18 respostas, sendo 15 funcionários e 3 líderes.

As questões abordadas foram divididas em pessoais, principais e secundárias. Na etapa das questões pessoais, os 15 funcionários são do gênero masculino (53%) e feminino (47%), os quais apresentaram uma faixa etária de 18 a 52 anos, com uma atuação na empresa entre 3 meses a 7 anos. Há uma maior presença de funcionários com 27 anos (20%) e 52 anos (13%), no entanto, a empresa apresenta uma faixa etária e atuação, o tempo de atuação mais frequente é de 3 meses (15%), 1 ano (15%) e 6 anos (15%), sendo o tempo de

atuação mais longo é de 7 anos e a de menor tempo é de 3 meses entre os participantes.

As funções na empresa são de tratorista, serviços gerais, técnico de enfermagem do trabalho, almoxarife, auxiliar de mecânico, motorista e assistente administrativo, a função mais presente entre os participantes foi tratorista (29%) e serviços gerais (29%), a função tratorista está presente entre os participantes mais novos de 4 meses a 5 anos, e de serviços gerais de 3 meses a 7 anos. Os funcionários com mais tempo na empresa (6 e 7 anos) realizam a tarefa de serviços gerais e assistente administrativo, e os mais novos de 3 a 10 meses realizam desde serviços gerais, tratorista, auxiliar de mecânico e técnico de enfermagem do trabalho.

Em relação ao conhecimento geral dos participantes sobre a função do líder na XYZ, os 15 participantes concordaram que conhecem a função do líder para a empresa. A respeito de especificar a função do líder, a maioria identificou como função: liderar; motivar os colaboradores; incentivar os funcionários; responsável pelas atividades; confiar no trabalho dos funcionários; estabelecer metas; realizar boa comunicação; ajudar a empresa a atingir as metas; assegurar resultados para a empresa; trabalhar em equipe; alavancar os resultados e puxar a equipe.

Com essa definição dos participantes, na etapa das questões principais, foi questionado sobre a atuação do líder em seu ambiente de trabalho na XYZ, todos participantes responderam que o líder tem uma ótima atuação na empresa. Assim, os participantes relataram que o líder não tem uma atuação diferente entre os colegas, onde há um tratamento igual com todos.

A respeito das características de seus líderes, os funcionários apontaram as qualidades e os defeitos dos líderes na XYZ, as qualidades foram: compreensível; sabe conversar com cada um; entende, ajuda e reconhece os funcionários; honesto; sincero; trabalhador; educado; companheiro e boa liderança, já os defeitos foram: detalhista; sistemático; sincero demais; brincalhão e ansioso. Para definir as qualidades do líder, as qualidades mais identificadas entre os participantes, são saber conversar (15%), compreensível (15%) e honesto (29%), os defeitos não foram todos que responderam, visto que

8 (53%) responderam que o líder não apresentava defeitos, o defeito mais reconhecido entre os funcionários foi detalhista (20%).

Nesta perspectiva, foi questionado aos participantes sobre a melhora na atuação do líder na XYZ, conforme a opinião dos participantes, apenas dois participantes indicaram a necessidade de trabalhar a comunicação e a necessidade de seriedade na atuação do líder, enquanto 13 (87%) participantes apontaram que o líder não tem necessidade de melhorias.

Sobre o líder motivar, influenciar, inspirar, promover um ambiente de trabalho respeitoso e promissor, e contribui para a resolução de problemas, todos os participantes responderam que o líder na empresa apresenta essas características em suas visões.

A última etapa do questionário, foi especificado pelos participantes sobre pertencerem a Geração Baby Boomers, X, Y e Z, dos participantes, nenhum é da Geração Baby Boomers (nascidos entre 1946-1964), apenas um participante é da Geração Z (nascidos entre 1998-presente), 14 (93%) participantes são da Geração X (nascidos entre 1965-1980) e Y (nascidos entre 1981-1997) (Grubb, 2018).

As características positivas e negativas reconhecidas pelos participantes de cada Geração, foram: na Geração Z, o único participante dessa Geração relatou que sua característica positiva é o trabalho em equipe e a negativa não foi relatada; na Geração Y, os participantes reconheceram como características positivas, como facilidade em aprender, atencioso, legal, união para se ajudarem, comunicativo e habilidoso, e as negativas foram detalhista e ansioso; e na Geração X, as características positivas foram entrega de tarefa dentro do prazo, comunicativo, união para se ajudarem, esforçados e trabalho em equipe, e as negativas foram detalhista, impaciente, ansioso, sincero demais, sistemático e nervoso.

Nesta questão, a resposta mais presente nas características positivas dos participantes da Geração Y foi a facilidade em aprender (15%) e alguns participantes (33%) não responderam a característica negativa. Nas respostas dos participantes da Geração X, as características positivas mais presentes nas

respostas foram o trabalho em equipe (20%) e comunicativo (15%), e nas negativas foi ansioso (15%).

Diante disso, foi questionado como os participantes gostaria que o líder atuasse com cada um deles, todos os participantes indicaram uma recomendação, como: com maior paciência; com liderança de igual para igual; com mais respeito; com honestidade; com educação; com respeito; com sinceridade; com mais entendimento a função e dúvidas do funcionário; com empatia; com mais parceria e sempre ajudando, dois funcionários indicaram que não tem recomendações, que a forma como o líder já atua está ótima em suas visões. As principais recomendações dos funcionários foram: com mais paciência (15%); com mais sinceridade (15%); com mais honestidade (15%) e com mais respeito (20%).

Sobre recomendações, foi questionado como os participantes gostaria que o líder os motivasse, influenciasse e inspirasse, 5 (33%) participantes não têm nenhuma recomendação, mas os outros apontaram que através do reconhecimento de seus trabalhos; sendo mais parceiro; com aumento de salário; com mais respeito; proporcionando feedback; sendo honesto; e proporcionando mais ajuda. As formas de motivação, inspiração e influência que os participantes mais indicaram foi o feedback (15%), parceria (15%) e reconhecimento (20%).

Nessas mesmas recomendações, os participantes indicaram as características principais que são importantes para um líder, como: perfil; conhecimento; comunicativo; honesto; liderança; sinceridade; cobrar rendimento; entender o “lado” dos funcionários; bom planejamento e reconhecimento do trabalho dos funcionários. Nesta questão, cinco (33%) participantes não indicaram recomendações, as principais características indicadas foram conhecimento (29%) e honestidade (15%).

E por fim, os participantes deveriam indicar recomendações para que o líder tenha sucesso em trabalhar com esses participantes, foi indicado a necessidade de compreensão por parte dos líderes e ser comunicativo, sendo que foi mais indicado a necessidade de compreensão (15%) para o ambiente de

trabalho de sucesso com esses participantes, e 12 (80%) participantes não indicaram recomendações.

Na etapa pessoal das questões foi identificado que os líderes são do gênero masculino, entre 29 e 48 anos, atuando entre 3 e 12 anos na empresa para a função de Coordenador de Produção Agrícola, Agrônomo regional e Gerente Agrícola. Os líderes mais velhos de 38 e 48 anos estão a pelo menos a 10 anos na empresa, os participantes definem o papel de líder como: um exemplo aos funcionários; com o objetivo de manter o time engajado e tem um papel essencial para extrair o máximo dos colaboradores ou pessoas.

Na etapa principal, foi abordado a forma de liderança desses participantes com seus funcionários, o líder Coordenador de Produção Agrícola relata que trabalha “Conversando bastante com os liderados, passando a experiência que tenho e sempre me atualizando com novos cenários. Dando exemplo também é muito importante para a confirmação do que combinamos”; o líder Agrônomo regional relata que atua “Com senso de urgência”; e o líder Gerente agrícola “Com meus atos preocupo envolver todos nas tomadas de decisões”.

Nesta perspectiva, foi questionado sobre os estilos de liderança abordada pelos líderes em suas funções, as funções de Agrônomo regional e Gerente agrícola usam a Liderança democrática, apenas o Coordenador de Produção Agrícola utiliza diferentes estilos de liderança, como a situacional, visionário, equipe e facilitadora. Os aspectos principais de suas lideranças são apontados como: o Coordenador de Produção Agrícola aponta “Assiduidade, comprometimento, entrosamento, reciprocidade, valorização dos membros da equipe e resiliência”; Agrônomo regional evidência o Apoio; e o Gerente agrícola especifica como aspectos principais, o “Incentivar os colaboradores a tomarem decisões”.

Os pilares para uma liderança bem-sucedida são apontados pelos líderes, como: companheirismo; confiança; entrosamento; respeito; exemplo; visão a longo prazo; comunicação; coragem; objetivos alcançados; colaboradores motivados; equipe em harmonia; comprometimento; adaptabilidade; compreensão; desenvolvimento de pessoas e sucessores, sendo o companheirismo o mais citado.

A respeito das habilidades de liderança na contratação, os líderes relatam: conversando; procurar saber das coisas positivas já realizadas em outras empresas; objetivos profissionais; relacionamento com outras pessoas; criatividade para a resolução de problemas e adaptabilidade para as mudanças.

Sobre a diversidade na empresa, o Coordenador de Produção Agrícola evidencia que trabalha respeitando sempre as diferenças existentes na empresa e o Gerente agrícola explica que absorve os melhores pontos de cada peculiaridade para uma tomada de decisão. O Agrônomo regional não respondeu essa questão.

Para a gestão de pessoas, o Coordenador de Produção Agrícola explica que realiza o esclarecimento de metas e proporcionando feedback, o Agrônomo regional relata que proporciona suporte na contratação e desenvolvimento de líderes e funcionários nos aspectos técnicos da produção, e o Gerente agrícola objetiva em manter a equipe unida e motivado. Diante disso, foi questionado sobre dividir o tempo entre a gestão de pessoas e suas tarefas, o Coordenador de Produção Agrícola e o Agrônomo regional aponta, a necessidade de uma programação das atividades e delegando aos membros responsáveis da equipe, assim, conseguindo atender suas tarefas e se dedicando a gestão de pessoas, já o Gerente agrícola explica que a realização das tarefas já se inicia a aplicação da gestão de pessoas.

Os principais desafios da função do líder, o Coordenador de Produção Agrícola cita a falta de comprometimento e desmotivação dos funcionários, o Agrônomo regional aponta treinar os funcionários e fazê-los compreender a importância do treinamento, e o Gerente agrícola revela a dificuldade de manter a equipe engajados.

Nesta ideia, foi questionado sobre dificuldade em liderar antigos colegas de trabalho, o Coordenador de Produção Agrícola explicou que se sentiria confortável nessa situação, pois, já saberia o potencial dos funcionários, o Agrônomo regional relata que já enfrentou essa situação e recebeu apoio dos antigos colegas com a mudança, gerando bons resultados para o trabalho em equipe, e o Gerente agrícola explica que é uma situação normal no meio profissional.

A respeito do papel do líder na motivação dos colaboradores, o Coordenador de Produção Agrícola relata que o papel é acreditar sempre no desempenho dos funcionários de forma individual e grupal e na entrega do acordado, o Agrônomo regional acredita que a motivação está em cada um, o líder deve compreender os anseios dos funcionários para identificar uma forma de impulsionar o engajamento e objetivo da empresa, e o Gerente agrícola acredita que o papel do líder é fundamental para a motivação.

As formas de motivar uma equipe que não acredita no sucesso da empresa, o Coordenador de Produção Agrícola fala em demonstrar o crescimento contínuo e palpável dos objetivos alcançados e proposto, o Agrônomo regional propõe o senso de urgência para os novos processos para que os funcionários visualizem o valor e a importância nas mudanças, assim, melhorando o engajamento, e o Gerente agrícola aponta a importância dos funcionários acreditarem no valor de seu trabalho através do reconhecimento.

Sobre formas de engajar um líder, o Coordenador de Produção Agrícola relata a importância da capacitação de técnicas ou treinamento, e o Gerente agrícola aponta a necessidade de feedback. O Agrônomo regional não respondeu essa questão. E para a preparação dos líderes com a nova geração de colaboradores, o Coordenador de Produção Agrícola indica repassar experiências e trabalho de grupo, o Agrônomo regional conta a importância dos líderes compreenderem as novas gerações e suas diferenças para as tomadas de decisões e aplicar abordagens corretas para influenciar esses colaboradores, e o Gerente agrícola cita a necessidade da adaptação da atualidade e adotar comportamentos conforme a necessidade.

Em relação à resistência a mudanças implementadas por parte da equipe, o Coordenador de Produção Agrícola diz que precisa acreditar e passar para a equipe os benefícios das mudanças após concretizadas, o Agrônomo regional também demonstra a necessidade de mostrar a equipe a importância das mudanças, e o Gerente agrícola explica a necessidade de encontrar uma forma mais prática para a aplicabilidade.

Sobre os problemas com funcionário por causa da liderança, o Coordenador de Produção Agrícola e Gerente agrícola relataram que já

enfrentaram esses problemas. Com a gestão de conflitos na equipe, o Coordenador de Produção Agrícola menciona a necessidade de manter a calma para recuperar a harmonia na equipe, o Agrônomo regional informa que deve tratar de forma individual para que os envolvidos entrem em um acordo comum, e o Gerente agrícola diz que o líder precisa ouvir todas as versões da equipe para uma tomada de decisão.

Os líderes podem enfrentar quando seus superiores não dão respaldo às suas decisões, o Coordenador de Produção Agrícola expõe a importância da conversa e exposição dos novos rumos com uma maior clareza, o Agrônomo regional informa que os líderes precisam transmitir a equipe as suas frustrações e engajar mais suas equipes para atingir os objetivos mesmo sem o respaldo de seus superiores, e Gerente agrícola defende a realização de uma nova apresentação de forma mais estruturada.

Uma empresa pode enfrentar problema sobre a rotatividade de funcionários, questionado sobre isso, o Coordenador de Produção Agrícola indica para a redução da rotatividade a necessidade de mostrar as vantagens em trabalhar na empresa e promover um ambiente de trabalho agradável, o Agrônomo regional e Gerente agrícola evidenciam a necessidade de um ambiente de trabalho agradável.

Sobre criar plano de desenvolvimento para as lideranças, o Coordenador de Produção Agrícola comunica a programação de tarefas diferentes com pessoas diferentes para medir o desempenho de várias pessoas com interesse de liderar, o Agrônomo regional indica desenvolver com cursos e treinamentos, e o Gerente agrícola instrui o acampamento envolvendo áreas especializadas como os Recursos Humanos.

Na etapa secundária, o Gerente agrícola não respondeu nenhuma das questões. A respeito de liderar os funcionários da Geração Baby Boomers, apenas o Coordenador de Produção Agrícola cita a necessidade de trabalhar com respeito, salienta sobre a importância dos serviços executados com os recursos escassos e aponta a abordagem do estilo de Liderança Participativa, e o Agrônomo regional evidenciou que não trabalha com funcionários da Geração Baby Boomers. Na liderança com funcionários da Geração X, apenas o

Coordenador de Produção Agrícola específica que trabalha com respeito e abordando as mudanças ocorridas de forma rápida e desafiadora, e também aborda o estilo de Liderança Participativa, e o Agrônomo regional explica que usa a abordagem do estilo de Liderança Democrática. Para trabalhar com os funcionários da Geração Y, o Coordenador de Produção Agrícola esclarece a importância do respeito e o uso de tecnologias disponíveis com uma abordagem do estilo de Liderança Participativa, e o Agrônomo regional apenas aponta que usa também o estilo de Liderança Democrática nessa Geração. E com a Geração Z, o Coordenador de Produção Agrícola também evidencia a importância do respeito, porém, relata a necessidade de participar da preparação desse colaborador e estimulando o funcionário para se integrar nas equipes e buscar as responsabilidades da vida profissional com uma abordagem de estilo de Liderança Treinadora, enquanto, o Agrônomo regional apenas ressaltou o uso do estilo de Liderança Autocrático.

As dificuldades de trabalhar com os funcionários das Gerações Baby Boomers, X, Y e Z, o Coordenador de Produção Agrícola foi o único a descrever as dificuldades dos funcionários da Geração Baby Boomers, como a cultura adquirida. Na Geração X, o Coordenador de Produção Agrícola aponta a dificuldade com cultura e experiência adquirida e o Agrônomo regional menciona que nessa geração são os funcionários menos abertos com as mudanças. Na Geração Y, o Coordenador de Produção Agrícola identifica a falta de paciência e autoconfiança aflorada, e o Agrônomo regional cita a dificuldade em aceitar ordem de pessoas mais jovens. E na Geração Z, o Coordenador de Produção Agrícola revela a dificuldade de agregar a equipe e o Agrônomo regional alega que há menos comprometimento desses funcionários no negócio.

E por fim, as últimas questões são as características positivas e negativas de trabalhar com os funcionários das Gerações Baby Boomers, X, Y e Z, o Coordenador de Produção Agrícola é o único que especifica as características da Geração Baby Boomers, como experiências adquiridas como uma característica positiva e a cultura passada como uma característica negativa. Na Geração X, o Coordenador de Produção Agrícola alega que esses funcionários apresentam experiência adquiridas e estabilidade de permanência na empresa

como características positivas e resistência a mudanças rápidas como característica negativa, e o Agrônomo regional apenas fala que essa geração é mais experiente e dedicada, sem especificar as características negativas. Na Geração Y, o Coordenador de Produção Agrícola apresenta que essa geração é mais adaptada às tecnologias e tem dificuldade de permanecer nas empresas, e Agrônomo regional sugere que essa geração é mais aberto a mudança, também sem especificar as características negativas. Na Geração Z, o Coordenador de Produção Agrícola declara que essa geração tem facilidade em fazer diversas coisas ao mesmo tempo, porém, apresenta a perda de foco facilmente, e o Agrônomo regional alega que essa geração também é mais aberto a mudança e não revela as características negativas.

Esses resultados têm contribuição significativa para a empresa e futuros líderes dentro e fora da empresa, a qual possibilita uma maior compreensão sobre a importância do papel do líder e suas formas de trabalhar com os funcionários. Diante disso, primeiro a empresa tem a possibilidade de ler esse registro, sendo utilizá-lo como um auxílio para a atuação dos líderes na empresa, terceiro adotar possíveis melhorias para tornar o ambiente de trabalho com maior engajamento, quarto aprimorar as práticas do líder com cada Geração dos funcionários, quinto acompanhar essas mudanças, e sexto realizar ajuste conforma a necessidade.

Discussão

Sobre a liderança e líder, as respostas dos funcionários demonstram reconhecimento pela função do líder na XYZ, como uma pessoa que lidera, motiva, incentiva, responsável, confiável, comunicativo, auxiliar a equipe, etc.

As organizações enfrentam a preocupação com sucesso e a forma de obter esse sucesso, para isso, há a necessidade de uma liderança, uma função de extrema importância e de bastante discussão nas organizações, visto que está relacionado com a produtividade da empresa através do ambiente de trabalho com a equipe (Fraga, 2018). A liderança e a gestão as vezes são confundidas, a gestão representa o ato de administrar um projeto, equipe, planos, etc., e a liderança é o ato de conduzir equipes para atender um objetivo (Silva, 2017). O

líder é fundamental para a dinâmica organizacional, por isso, há a necessidade de carisma, conhecimento, estilos de liderança, preparação, e ser capaz de elaborar estratégias e proporcionar motivação (Ivan e Terra, 2017).

O papel do líder está relacionado com assegurar um clima harmônico e motivador para o ambiente de trabalho, é de responsabilidade do líder em criar um ambiente propício para o trabalho através da motivação e engajamento, para isso, o líder precisa conduzir a equipe para um resultado promissor à empresa (Ruffatto *et al.*, 2017). O líder tem uma responsabilidade significativa para cenário de mudanças em empresas, desde o contexto social, econômico, político e cultural, onde atua para construção de relacionamento corporativo e resultados (Ferreira *et al.*, 2021).

Complementa Souza e Alves (2018) que um líder tem 20 atributos, como humildade, competência, visão, ouvir, compromisso, ética, atitudes, etc., mas principalmente a atualização de suas ações para uma melhor eficiência em sua atuação para o desenvolvimento das tarefas da equipe. Essa atualização é importante para que o líder realize as funções de comando na organização das tarefas e definir as funções para as tarefas; orientação sobre as tarefas; e apoio com a equipe sobre a realização das tarefas e compartilhar as ideias e tomadas de decisões para construir o relacionamento com a equipe e facilitar a comunicação (Fraga, 2018). A respeito da liderança, os funcionários concordaram que há uma atuação de excelência do líder, sem distinção entre colegas e com diferentes qualidades e poucos defeitos, mas sem necessidade de melhorar a sua atuação.

O papel do líder tem necessidade de ser atualizado e aprimorado para trabalhar com diferentes Gerações de pessoas em uma empresa, as Gerações existentes são Baby Boomers, Geração X, Milênios ou Geração Y e Geração Z, cada uma apresenta características únicas que influenciam no ambiente de trabalho (Távora e Morgado, 2021). As Gerações são classificadas conforme seu tempo de nascimento, os Baby Boomers são pessoas que nasceram entre 1946 e 1964, a Geração X são aqueles entre 1965 a 1980, a Geração Y são de 1981 a 1997, e a Geração Z são entre 1998 até atualmente (GRUBB, 2018). Na XYZ tem 14 funcionários da Geração X e Y, e um funcionário da Geração Z, mas

nenhum Baby Boomers. A Geração X respondeu como característica positiva o trabalho em equipe e comunicativo, Geração Y foi a facilidade em aprender e a Geração Z o trabalho em equipe, mas apenas a Geração X apresentou uma habilidade negativa, como a ansiedade. Essas características são importantes dentro de uma empresa, as quais contribuem para que o líder trabalhe com cada Geração de forma diferentes para atingir um objetivo final e vantajoso para a empresa e para a construção de experiência de cada Geração.

Nesta perspectiva, Grubb (2018) relata que na Geração Baby Boomers prefere seguir regras e flexibilidade nas tarefas; na Geração X prefere independência, uma maior comunicação sobre as tarefas e resultados desejados por parte do líder, mas permitir uma autonomia para a realização das tarefas; na Geração Y preferem relacionar seus objetivos profissionais com os pessoais; e na Geração Z não há preferência estabelecida (Távora e Morgado, 2021). Na XYZ, os funcionários das Gerações X, Y e Z tem uma maior preferência na forma de liderar através da paciência; sinceridade; honestidade; liderança de igual para igual; educação; sinceridade; empatia; respeito; motivação; influência; inspiração; reconhecimento; parceria; recompensas; feedback e auxiliando os funcionários. Assim, recomendam que o líder na empresa precisa ter mais compreensão; comunicação e promover um ambiente de trabalho de sucesso. E que o líder precisa apresentar conhecimento; aberto para comunicação; cobrança de rendimento e planejador. A principal abordagem do líder descrito pelas Gerações é a necessidade de promover uma comunicação clara e aberta com a equipe e compreender a tarefa e a perspectiva de cada integrante da equipe. A parte de trabalhar com a igualdade entre os funcionários é assegurar que a atenção, influência, motivação, conversa, etc., seja abordada com cada funcionário igualdade, porém, a abordagem deve ser conforme as suas necessidades para contribuir com a sua melhoria.

O Coordenador de Produção Agrícola, Agrônomo regional e Gerente agrícola recomendam que há a importância dos líderes em compreenderem as novas gerações e suas diferenças para as tomadas de decisões e aplicações de liderança para uma maior influência e motivação, para isso, é essencial adaptação da atualidade e adotar comportamentos conforme a necessidade. A

respeito de trabalhar com a liderança com cada Geração, o Coordenador de Produção Agrícola e Agrônomo regional explicam as dificuldades, características positivas e negativas, e formas de liderança com cada Geração. O Quadro 1 apresenta essa relação entre dificuldades, características e abordagem de liderança.

Quadro 1 – Visão dos líderes sobre a Geração

	Baby Boomers	Geração X	Geração Y	Geração Z
Dificuldades com a geração	Cultura a adquirida	Cultura e experiência adquirida, Menos abertos para as mudanças	Falta de paciência, Autoconfiança aflorada, Não aceitam ordem de pessoas mais jovens	Atuação não participativa com a equipe, Menos comprometimento
Pontos positivos	Experiências adquiridas	Experiência adquiridas, Estabilidade de permanência na empresa, Mais experiente e dedicada	Adaptada às tecnologias, Mais aberto a mudança	Facilidade em fazer diversas coisas ao mesmo tempo, Mais aberto a mudança
Pontos negativos	Cultura passada	Resistência a mudanças rápidas	Não permanecem por muito tempo na empresa	Perda de foco facilmente
Formas de liderança	Trabalhar com respeito, Explicar a importância das tarefas, Estilo de Liderança Participativa	Trabalhar com respeito, Abordando mudanças de forma rápida e desafiadora, Estilo de Liderança Participativa e Democrática	Trabalhar com respeito, Uso de tecnologias disponíveis, Estilo de Liderança Participativa e Democrática	Trabalhar com respeito, Participar da preparação do funcionário, Estimulando a integrar com a equipe, Buscar as responsabilidades da vida profissional, Estilo de Liderança Treinadora e Autocrático

Fonte: elaborado conforme as respostas dos líderes.

A abordagem de diferentes estilos liderança é importante para trabalhar com as diferentes Gerações na empresa, uma vez que as diferentes características de cada Geração e suas preferências com a liderança em uma

empresa (Grubb, 2018). Os líderes em Coordenador de Produção Agrícola, Agrônomo regional e Gerente agrícola, apresentaram o uso de diferentes estilos de liderança para trabalhar com os funcionários, como: situacional, visionário, equipe, facilitadora e democrática, juntamente dos pilares de confiança; entrosamento; respeito; exemplo; visão; comunicação; coragem; objetivos alcançados; colaboradores motivados; equipe em harmonia; comprometimento; adaptabilidade; compreensão; desenvolvimento de pessoas e sucessores. O respeito e companheirismo é um fator importante para ser trabalhado em todas as Gerações.

Os estilos de liderança, utilizados pelos líderes na empresa, são classificados, como: (1) situacional reconhece a competência e motivação dos elementos para a liderança, e a maturidade da equipe devem ser analisados para compreender como relacionar e proporcionar uma maior atenção para a realização das tarefas; (2) visionaria é a habilidade de criar a visão de futuro para o progresso da empresa, assim, liderar conforme as possíveis mudanças no futuro para a empresa e elaborar estratégias de longo prazo para diferentes possibilidades; (3) de equipe é a capacidade do líder em gerir equipes para uma maior agilidade nos processos e efetividade nos resultados, onde conduz diferentes pessoas para alcançar a excelência; (4) facilitadora é a atuação do líder para facilitar o entendimento e realização das tarefas, auxiliando no desenvolvimento das responsabilidades; e (5) a democrática é a atuação do líder para uniformidade entre o trabalho da equipe, buscando atender as necessidades dos funcionários, promovendo o diálogo, auxiliando na resolução das tarefas e problemas, e proporcionando apoio e ideias, assim, contribuindo para a construção do relacionamento entre o líder e a equipe (Santos e Paes, 2020; Paes *et al.*, 2021). O uso de diferentes estilos de liderança na empresa é importante para trabalhar com as mudanças existentes e a diversidade na empresa, o Coordenador de Produção Agrícola e Gerente agrícola reconhecem a necessidade de trabalhar com respeito e avaliar as diferenças entre os funcionários para uma tomada de decisão sobre a liderança, uma vez que cada Geração apresenta características únicas que podem apresentar benefícios nos resultados.

Por isso, o Coordenador de Produção Agrícola, Agrônomo regional e Gerente agrícola evidenciam a necessidade de uma maior comunicação, uso de feedback, proporcionar suporte e a construção de um ambiente próprio para manter a equipe unida e motivado. Mesmo assim, os líderes reconhecem a falta de comprometimento desmotivação dos funcionários, e dificuldade de manter a equipe engajados, e há a necessidade de compreender os anseios dos funcionários para identificar uma forma de impulsionar o engajamento e objetivo da empresa. É importante trabalhar com a motivação para a relutância na liderança e promover engajamento.

O líder precisa ter o melhor desempenho, competências, responsabilidade e autoridade para persuadir os funcionários para um determinado objetivo. Essa persuasão é realizada por estímulos motivacionais para contribuir com o emocional do funcionário, a motivação é um complemento do papel do líder, pois, através da motivação, há o estímulo que facilmente orienta os funcionários sobre o exercício de funções (Venâncio, 2017). A motivação é um fator recente no trabalho, visto que antes da Revolução Industrial utilizavam como forma de incentivo aos trabalhadores a criação de um clima de medo e punições, onde eram manipulados, sem oportunidade de opinar e sendo tratados como objetos de produção. Na Revolução Industrial, iniciou a discussão sobre o uso da motivação e recompensas para incentivar os trabalhadores a realizarem as tarefas e contribuir com a produtividade. A motivação é um fator a mais, além do salário, para reconhecer o trabalho dos funcionários e satisfazer suas necessidades profissionais e pessoais, tornando-se uma atividade de extremo desafio para as empresas (Voigtlaender *et al.*, 2018). Para Pedrosa *et al.*, (2017) a motivação é caracterizada como uma atuação direta no comportamento dos funcionários, porém, é um processo admirado pelos líderes, visto que tem relações com uma maior produção e qualidade. Nesta perspectiva, há a importância e recomendação para os líderes buscarem meios de descobrir formas de suprir as necessidades dos funcionários como forma de motivação (Santos e Buccioli, 2019).

A liderança é a função para a influenciar a motivação, principalmente em casos de falha nas tarefas e no alcance de objetivos, assim, precisando da

atuação do líder para orientar, promover suporte, e principalmente realizar uma motivação, sendo um processo que não há a possibilidade de quantificar, mas essencial para o desenvolvimento das organizações (Oliveira, 2017). A motivação é um processo individual, cada pessoa tem suas razões, objetivos e necessidades para conquistar o que deseja, mas há chance de desanimar e desistir, com a motivação não há desânimo facilmente frente aos problemas (Voigtlaender *et al.*, 2018). Entende-se que a motivação abrange as causas ou motivos para um determinado comportamento dos funcionários, um funcionário motivado representa alto grau de disposição para a produção, portanto, a motivação é reconhecida como um processo para atingir objetivos e auxiliar na superação de obstáculos. A liderança tem efeito significativo para a criação de um ambiente mais confiante e agradável, por meio da motivação, e a empresa se beneficiará com serviço de qualidade e maior produção, enquanto, os funcionários serão atendidos por suas necessidades.

Diante disso, Grubb (2018) indica a forma de motivar as Gerações com abordagens diferentes, Baby Boomers prefere feedback e construção de relacionamento com o trabalho; Geração X precisa trabalhar com o feedback e coaching para conquistar a lealdade dessa geração; Geração Y e Z precisam de feedback frequente, suporte, elogios e envolvimento dos líderes no desenvolvimento das tarefas. Zomer *et al.*, (2018) a motivação para a Geração X é proporcionar um ambiente de trabalho competitivo, visto que tem um perfil comprometido e engajado, já a Geração Y precisa de um ambiente mais flexível a respeito de prazos e regras, e a Geração Z tem preferências por antagônicas, sem muita tecnologia. A diferença entre a Geração X e Geração Y está relacionado na sua forma de motivação, a Geração X é motivada ao trabalho, e a Geração Y tem uma maior capacidade de aprender novas coisas através da autonomia (Formenton e Stefano, 2017).

Complementam Tridapalli *et al.*, (2017) que a Geração X precisa de uma motivação com oportunidade de desenvolvimento e empregabilidade; trabalho independente, flexível e criativo; e liderança com coaching e mentoria. Já a Geração Y precisa de motivação com responsabilidade e desafios crescentes; flexibilidade na realização de tarefas; oportunidade de crescimento contínuo;

acesso direto às lideranças; feedback intensivo e sistemático; demonstrar que sua participação faz diferença na empresa; criar um ambiente de trabalho mais descontraído, alegre e agradável. Há fatores que influenciam na motivação, como qualidade de vida em mais de 70% de influência, demonstração dos resultados obtidos tem mais de 30% de influência, ser respeitado na empresa tem mais de 40% de influência, plano de carreira tem mais de 50% de influência, autonomia na empresa e flexibilidade de horário têm mais 20% de influência, benefícios tem mais de 30% de influência, e acesso as tecnologias/internet/smartphone tem mais de 10% de influência (Formenton e Stefano, 2017).

Para isso, há formas de motivar os funcionários, como: através de benefícios na empresa, proporcionar cursos de aperfeiçoamento profissional, elogios, flexibilidade de horários e local de trabalho, contribuir para o crescimento profissional, remuneração (comissão ou premiação), e aumento de salário (Bonamigo *et al.*, 2017). Assim, contribuindo para os fatores descritos por Formenton & Stefano (2017). A respeito da rotatividade de funcionários, os líderes da XYZ indicam a importância da motivação e a construção de relacionamento, mostrando que há uma relação com a atuação dos líderes e o abandono do emprego por parte dos funcionários.

A motivação realizada no ambiente de trabalho é uma das influências sobre a rotatividade de funcionários na organização, a falta de motivação, engajamento, liderança, etc., geram mais relutância sobre suas obrigações e ânimo com o emprego, e consequentemente reflete no abandono do emprego (Neto e Santana, 2022). A motivação é uma variável preditora de intenção para a rotatividade, porém, não é a única variável para a realização da rotatividade (Santana, 2019). Complementa Ferreira & Fernandez (2022) que a motivação deve ser um fator complementar da atuação do líder, como uma forma de iniciar comportamento direcionado da equipe para atingir um determinado objetivo.

O Coordenador de Produção Agrícola, Agrônomo regional e Gerente agrícola entendem que a motivação deve ser realizada durante a liderança, junto do respeito, companheirismo, apoio, suporte, realização de treinamento,

construção de relacionamento, criar clima propício de trabalho, etc., do líder com a equipe.

A liderança precisa abordar uma atuação completa com diferentes práticas e abordagens para alcançar a diversidade de funcionários, principalmente a motivação e treinamento, visto que são fatores que influenciam o abandono de suas tarefas, para evitar esses possíveis problemas, é importante um clima organizacional bom e receptivo, treinamento, motivação, engajamento, auxílio, etc. (Andreola *et al.*, 2022).

Conclusão

O estudo evidenciou que a liderança na empresa XYZ deve abordar diferentes práticas para trabalhar com as Gerações diversas na sociedade, principalmente trabalhando com o respeito, companheirismo, motivação e estilos de liderança.

Essa diversidade de práticas do líder precisa de atualizações e aprimoramentos constantes para acompanhar as necessidades das Gerações e as mudanças na empresa, assim, refletindo na produtividade e desempenho dos funcionários, e consequentemente no resultado final e crescimento para a empresa.

Referências

ANDREOLA, M. V., IARK, A. B., REZENDE, E. L., SILVA, F. B., ANDRADE, G. D. V., MARTINS, K.S. O impacto da rotatividade de pessoal na indústria. Inova+ Cadernos da Graduação da Faculdade da Indústria, 3(1), 1-20, 2022.

BESSEN, F.; TECCHIO, E.; FIALHO, F. A. P. Liderança autêntica e a gestão do conhecimento. Gestão & Produção, 24(1), 2-14, 2017.

BONAMIGO, D., GRETH, F. B., REINA, J., HOFFMANN, M., GRANDO, P. Geração z: um desafio para a gestão de pessoas. 2017. Trabalho de especialista em Gestão Estratégica de Pessoas, Faculdade Senac Chapecó, Chapecó, 2017.

FERREIRA, H. S., MARTINS, J. N. S., SANTOS, L. F. Liderança nas Organizações. Ciência Dinâmica - Revista Científica Eletrônica, 19(1), 26-49, 2021.

FERREIRA, V. P., FERNANDEZ, C. F. B. Investimento em treinamento e desenvolvimento como ferramenta para motivação e diminuição da rotatividade de colaboradores. *Revista Vitrine*, 1(10), 1-11, 2022.

FORMENTON, T. C, STEFANO, S. R. Gerações e Mercado de Trabalho suas Relações com as Organizações. *Revista de Carreiras e Pessoas*, 7(3), 5-26, 2017.

FRAGA, T. M. R. O impacto da liderança na performance organizacional. 2018. Dissertação em Mestre em Gestão Empresarial, Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2018.

GRUBB, V. M. Conflito de Gerações: desafios e estratégias para gerenciar quatro gerações no ambiente de trabalho. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra, 1 ed, São Paulo, Autentica Business, 2018.

IVAN, M.V.; TERRA, L.A.A. A influência da liderança na dinâmica organizacional. *Caderno Profissional de Administração da UNIMEP*, 7(1), 137-159, 2017.

NETO, J. M. R., SANTANA, P. C. Intenção de rotatividade, motivação e identificação organizacional: estudo de organização militar. *Revista de Carreiras e Pessoas*, 12(3), 499-523, 2022.

OLIVEIRA, S. M. D. Influência da liderança na motivação de colaboradores: estudo de caso na Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Caminha. 2017. Dissertação de Mestre em Gestão das Organizações, Ramo de Gestão de Empresas, Instituto Politécnico de Viana do Castelo, 2017.

PAES, A., SILVA, A., CAMPELO, A., DUTRA, J. Liderança: estilos e influências na produtividade das organizações. *Revista Vox Metropolitana*, 1(4), 113-121, 2021.

PEDROSA, R. R. S., COSTA, D. V. F., FERREIRA, V. C. P., COSTA, M. P. C. Motivação nas Organizações: Estudo de Caso em um Confeção de Acessórios de Linha Noite e Artefatos Têxteis de Muriaé- MG. *Conhecimento Interativo*, 11(1), 75-98, 2017.

REIS, T.A.; BRUGNEROTTO, T.R.; SEVILHA, I.C.; CREMONEZI, G.O.G.; OSWALDO, Y.C. Endomarketing, liderança e comunicação: reflexos na organização. *ReMark-Revista Brasileira de Marketing*, 17(1), 128-138, 2018.

RUFFATTO, J., PAULI, J., FERRÃO, A. R. Influência do estilo de liderança na motivação e conflitos interpessoais em empresas familiares. *Revista de Administração FACES Journal*, 16(1), 29-44, 2017.

SANTANA, P. C. Intenção de rotatividade, motivação e identificação organizacional: um estudo em uma organização militar das Forças Armadas.

Dissertação de mestre em Administração Pública, Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2019.

SANTOS, M., BUCCIOLI, P. T. Motivação e liderança em Unidades de Alimentação e Nutrição. *Revista Ciências Nutricionais Online*, 3(1), 39-45, 2019.

SANTOS, M. R. A, PAES, D. C. D. S. Liderança situacional e meio ambiente-análise do grau de maturidade do Conselho Municipal de Meio Ambiente de Santa Maria. *Research, Society and Development*, 9(3), 1-21, 2020.

SANTOS, N. D. B.; DIÓGENES, C. Liderança feminina: um estudo pragmático das dificuldades de mulheres em cargos de liderança. *RENEFARA, Revista Uniaraguaia*, 14(2), 91-102, 2019.

SILVA, F.B. Desafios das mulheres em cargos de liderança. 2017. Monografia em Bacharel em Administração de Empresas, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2017.

SOUZA, D., ALVES, E.S. O líder como plano estratégico para as organizações. *Revista GepesVida*, 4(7), 31-48, 2018.

TÁVORA, C. G.; MORGADO, E. M. A experiência do LTIA com a aprendizagem baseada em problemas para as gerações. In: SILVA, C. B.; ASSIS, A. S. F. (Org.). *Vivências didáticas: metodologias aplicadas em ensino e aprendizagem: volume 3*. Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2021.

TRIDAPALLI, J., SILVA, E., ZIEDE, M. K. L., MARCOLLA, C. Os conflitos da geração X e Y no mercado de trabalho. *Revista Húmus*, 7(20), 131-156, 2017.

VENÂNCIO, P. M. M. Liderança e motivação nas organizações: o papel do líder na construção da imagem institucional. 2017. Dissertação de Mestre em Comunicação Estratégica, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2017.

VOIGTLAENDER, K., BEILER, G., WALKOWSKI M. Liderança e motivação nas organizações. VIII Convibra Administração, Congresso Virtual Brasileiro de Administração, 2018, 1-12.

ZOMER, L. B., SANTOS, A. R., COSTA, K. C. O. O perfil de alunos do curso de administração: Um estudo com base nas gerações x, y e z. *Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL*, 11(2), 198-221, 2018.

Apêndice 1 – Questionário para os funcionários da empresa XYZ

Pessoais

1. Gênero
2. Idade
3. Quanto tempo atua na empresa?

4. Qual sua função na empresa?
5. Você sabe o que um líder faz em uma empresa?
6. O que você acha que um líder faz?

Principais

1. Como é a atuação do líder com você?
2. O líder tem uma atuação diferente com você e seus colegas?
3. Quais as qualidades do seu líder?
4. Quais os defeitos do seu líder?
5. O que você acha que precisa melhorar na atuação do seu líder?
6. Seu líder motiva você?
7. Seu líder influencia você de alguma forma?
8. Seu líder inspira confiança?
9. Seu líder promove um ambiente de trabalho respeitosos e promissor?
10. Seu líder contribui para a resolução de problemas?

Secundários

1. Você é:
 - () da Geração Baby Boomers (nascidos entre 1946-1964)
 - () da Geração X (1965-1980)
 - () da Geração Y ou Millennials (1981-1997)
 - () da Geração Z (1998-presente)
2. Quais são suas características positivas no ambiente de trabalho?
3. Quais são seus principais defeitos?
4. Como você acha que um líder deveria atuar com você?
5. Quais as características que você acha que um líder precisa ter?
6. Quais as recomendações que você daria ao líder para trabalhar com você?
7. Como você gostaria que o líder motivasse, influenciasse e inspirasse você?

Apêndice 2 – Questionário para os líderes da empresa XYZ

Pessoais

1. Gênero
2. Idade
3. Quanto tempo atua na empresa?
4. Qual sua função na empresa?
5. Como você define o papel do líder?

Principais

1. Como você lidera os funcionários?
2. Quais os estilos de liderança você usa?
3. Quais os aspectos principais da sua liderança?
4. Como você trabalha com a diversidade na empresa?
5. Como você realiza sua atuação para a gestão de pessoas?
6. Quais os principais desafios para a sua atuação?
7. Qual você acredita ser o papel do líder na motivação dos colaboradores?
8. Como um líder pode motivar uma equipe que não acredita no sucesso da empresa?

9. Como engajar um líder para que ele influencie seus liderados e consiga melhores resultados?
10. Como um líder pode dividir o tempo entre a gestão de pessoas e as próprias tarefas?
11. Como você conduziria a sua equipe se esta apresentasse resistência a mudanças implementadas pela direção da empresa?
12. Você se sentiria confortável em liderar antigos colegas de trabalho? Por que?
13. Como preparar os gestores para lidar com uma nova geração de colaboradores?
14. Como você faria a gestão de conflitos na sua equipe?
15. Na sua opinião, quais são os pilares para uma liderança bem-sucedida?
16. Como um líder deve agir quando seus superiores não dão respaldo às suas decisões?
17. De que maneira o líder pode colaborar para reduzir a rotatividade de funcionários?
18. Como identificar habilidades de liderança na contratação?
19. Como criar plano de desenvolvimento para as lideranças?
20. Quais são os pilares para uma liderança de sucesso?
21. Você já enfrentou problemas com funcionário por causa da sua liderança?

Secundarias

1. Como você realiza a liderança com os funcionários da Geração Baby Boomers (nascidos entre 1946-1964)?
2. Como você realiza a liderança com os funcionários da Geração X (1965-1980)?
3. Como você realiza a liderança com os funcionários da Geração Y ou Millennials (1981-1997)?
4. Como você realiza a liderança com os funcionários da Geração Z (1998-presente)?
5. Qual o estilo de liderança você utiliza com os funcionários da Geração Baby Boomers (nascidos entre 1946-1964)?
6. Qual o estilo de liderança você utiliza com os funcionários da Geração X (1965-1980)?
7. Qual o estilo de liderança você utiliza com os funcionários da Geração Y ou Millennials (1981-1997)?
8. Qual o estilo de liderança você utiliza com os funcionários da Geração Z (1998-presente)?
9. Quais as dificuldades de trabalhar com os funcionários da Geração Baby Boomers (nascidos entre 1946-1964)?
10. Quais as dificuldades de trabalhar com os funcionários da Geração X (1965-1980)?
11. Quais as dificuldades de trabalhar com os funcionários da Geração Y ou Millennials (1981-1997)?
12. Quais as dificuldades de trabalhar com os funcionários da Geração Z (1998-presente)?

13. Quais as características positivas e negativas de trabalhar com os funcionários da Geração Baby Boomers (nascidos entre 1946-1964)?
14. Quais as características positivas e negativas de trabalhar com os funcionários da Geração X (1965-1980)?
15. Quais as características positivas e negativas de trabalhar com os funcionários da Geração Y ou Millennials (1981-1997)?
16. Quais as características positivas e negativas de trabalhar com os funcionários da Geração Z (1998-presente)?

A heutagogia e a formação de professores: reflexo nas questões do ENADE

Tatiana Rodrigues Carneiro¹

Resumo

Esse trabalho objetivou avaliar as provas do ENADE do curso de Pedagogia a fim de analisar a presença de conteúdos que abordassem o conceito de heutagogia, sua evolução ao longo dos anos, aplicação prática nas questões e relação com as temáticas Ensino a Distância (EAD), Ensino Remoto Emergencial (ERE) e Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Tendo como base o método de pesquisa descritiva documental, iniciou-se o levantamento das avaliações do ENADE disponibilizadas pelo Ministério da Educação, concentrando-se nas provas do curso de pedagogia que aconteceram nos anos 2005, 2008, 2011, 2014, 2017 e 2021. Não se evidenciou a presença da temática heutagogia em nenhuma das provas analisadas, assim como a presença de conteúdos relacionados ao ERE (2 questões) e ao uso de TICs (5 questões) foi mínima, o que nos leva a refletir sobre a presença desses temas nos cursos. Todavia, pode-se cogitar também um descompasso entre as avaliações conduzidas pelo INEP e os atuais currículos dos cursos.

Palavras-chave: Pedagogia; Aprendizagem Autodeterminada; TICs; EAD

Abstract

The aim of this study was to evaluate the ENADE tests for the Pedagogy course in order to analyze the presence of content that addressed the concept of heutagogy, its evolution over the years, its practical application in the questions and its relationship with the themes of Distance Learning (EAD), Emergency Remote Learning (ERE) and Information and Communication Technologies (ICTs). Based on the descriptive documentary research method, we began by surveying the ENADE assessments made available by the Brazil Ministry of Education, focusing on the pedagogy course exams that took place in 2005, 2008, 2011, 2014, 2017 and 2021. There was no evidence of the presence of the theme of heutagogy in any of the tests analyzed, and the presence of content related to ERE (2 questions) and the use of ICTs (5 questions) was minimal, which leads us to reflect on the presence of these themes in the courses. However, we can also think of a mismatch between the assessments carried out by INEP and the current curricula of the courses.

Keywords: Pedagogy; Self-determined learning; ICTs; Distance learning

¹ Doutora em Entomologia (UNESP - Jaboticabal) e especialista em Gestão Educacional (USP/ESALQ) e Educação online e tecnologias de Aprendizagem, atualmente é Assessora Educacional na Faculdade Unimed (Belo Horizonte - MG). Possui experiência em Gestão de Soluções Educacionais, atuando no ensino superior desde 2005 como gestora e docente.

Introdução

A heutagogia, termo cunhado por Stewart Hase e Chris Kenyon no início dos anos 2000, representa uma abordagem educacional inovadora que coloca o aprendiz no centro do processo de aprendizado (Hase; Kenyon, 2000). Diferenciando-se de métodos tradicionais, a heutagogia destaca a importância da autonomia, autodireção e da capacidade do aprendiz em definir e atingir seus próprios objetivos educacionais (Hase; Kenyon, 2000).

Essa abordagem vai além da simples autodireção, enfatizando a necessidade de aprendizagem autogerenciada em ambientes complexos e dinâmicos (Hase; Kenyon, 2007). Os aprendizes heutagógicos não são apenas receptores passivos de informações, mas são incentivados a desenvolver habilidades críticas, como avaliação de fontes, resolução de problemas e aplicação do conhecimento em contextos do mundo real (Blaschke, 2012).

Um aspecto crucial da heutagogia é a promoção da metacognição, que envolve a reflexão sobre o próprio processo de aprendizado (Hase; Kenyon, 2007). Os estudantes são encorajados a pensar sobre como aprendem melhor, a estabelecer metas educacionais pessoais e a ajustar suas estratégias de aprendizado conforme necessário (Canning, 2010).

Neste contexto, a tecnologia desempenha um papel significativo, proporcionando ferramentas e recursos que facilitam a autodireção e o acesso à informação (Canning, 2010). Plataformas de aprendizado online, recursos multimídia e redes sociais são recursos que enriquecem a experiência de aprendizado heutagógico, permitindo a colaboração, o compartilhamento de conhecimento e o acesso a diversas perspectivas (Blaschke, 2012).

Apesar dos benefícios evidentes, a implementação da heutagogia enfrenta desafios, incluindo a necessidade de uma mudança cultural nas instituições educacionais e a preparação adequada dos educadores para orientar e apoiar os aprendizes heutagógicos (Hase; Kenyon, 2007). No entanto, os defensores dessa abordagem argumentam que os benefícios, como o desenvolvimento da autonomia e da motivação intrínseca, superam os desafios (Canning, 2010).

Com isso, aparece a necessidade de um novo educador qualificado para compreender esse novo momento e consequentemente a discussão sobre os

cursos de graduação e pós-graduação estarem preparando profissionais de educação para esse modelo educacional.

No Brasil, uma das formas de verificação da formação profissional de alunos egressos do ensino superior é o ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) que tem por objetivo:

avaliar o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional, e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial (Brasil, 2023).

As avaliações do ENADE são divididas em dois eixos (Formação Geral e Conhecimentos Específicos). A prova é composta por 40 questões, que são distribuídas, desde a edição 2023, da seguinte forma: 10 questões de Formação Geral (9 objetivas e 1 discursiva) e 30 questões de Conhecimentos Específicos (29 objetivas e 1 discursiva).

De acordo com Sarturi, Trevisan e Righes (2021) ao analisarmos a política de avaliação, em especial o ENADE, devemos questionar quais são os critérios usados nos cursos de licenciatura para mensurar o efetivo aprendizado dos alunos e o quanto os cursos preparam o futuro docente para atuar na profissão.

Diante dessa realidade esse trabalho objetivou avaliar as questões específicas das provas do ENADE do curso de Pedagogia aplicadas entre os anos 2005 e 2021 a fim de analisar a presença de conteúdos que abordam diretamente ou indiretamente o conceito de heutagogia, sua evolução ao longo dos anos, aplicação prática do conceito nas questões e relação com as temáticas educação a distância, ensino remoto emergencial, uso de tecnologias de informação e comunicação e ensino/aprendizagem autodeterminado (a).

Referencial Teórico

A formação de professores é um elemento fundamental para moldar uma sociedade educacionalmente robusta, e nos cursos de pedagogia, a busca por abordagens inovadoras se torna ainda mais premente. Nesse contexto, a heutagogia emerge como um conceito essencial, oferecendo uma nova

perspectiva centrada na aprendizagem autodirigida. A seguir, apresenta-se uma breve revisão da literatura, que explora a relevância da heutagogia, sua presença e importância na formação inicial de professores e pedagogos, destacando suas bases teóricas, aplicabilidade e potencial para aprimorar a formação de educadores. Além disso, discorre-se também sobre o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) como ferramenta de avaliação dos cursos e reflexo dos conteúdos abordados nos cursos de graduação brasileiros.

A Heutagogia

O termo heutagogia deriva do grego heutos (auto, eu) + agodé (condução) e foi cunhado por Hase e Kenyon (2000) que introduziram a heutagogia como uma expansão da andragogia onde o aluno detém o poder de decidir como, quando e onde deve aprender (Hase; Kenyon, 2000). Seguindo essa linha de pensamento, o indivíduo tem participação efetiva e torna-se o principal responsável por seu caminho de aprendizagem.

Todavia, a heutagogia vai além da simples auto dirigibilidade, incorporando elementos como reflexão crítica, colaboração e construção ativa do conhecimento (Hase; Kenyon, 2007). Isso implica um papel mais ativo do professor como facilitador, mentor e coaprendiz. Embora possa parecer que o aluno autônomo se afasta do professor, Pires (2015) em seu relato de experiência discorre que há um estreitamento das relações interpessoais e que, quando solicitado, o docente passa a compreender seu aluno de forma particular e que o diálogo entre pares também é fomentado.

O que difere a heutagogia da andragogia, é o fato da primeira ter uma abordagem baseada em evidências da neurociência. Tais evidências corroboram a ideia que as pessoas naturalmente são voltadas a aprenderem e explorarem objetos, os sentidos, a experiência, a imitação, a reflexão, o contexto e a memória. Logo, a heutagogia se fundamenta em teorias construtivistas e humanísticas consistentes com a neurociência e, assim, coloca o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem de forma natural (Agonács; Matos, 2020).

Há alguns anos, a heutagogia passa então a ser associada às tecnologias digitais e à educação a distância (Blaschke, 2012; Bevilaqua; Peleias, 2013; Filatro, 2018) e o conceito de “life long learning” (formação contínua) também foi relacionado à heutagogia, uma vez que nesse processo o aluno se revela um aprendente autodeterminado (Hase, 2016).

Filatro (2018) traz mais elementos ao termo Heutagogia, pois a define como uma forma de explicar como as pessoas, independente da faixa etária, aprendem no mundo digital, pós-expansão da internet, e que nesse contexto, o aprendiz não é tratado apenas como um indivíduo isolado, mas como um grupo de pessoas conectadas, aprendendo nas mais diversas situações.

Logo, a Heutagogia concebe o aumento da autonomia do estudante, associada à aprendizagem aberta por meios das tecnologias da comunicação. Podendo esse aluno escolher, individualmente ou em grupo, o quê e o como aprender de acordo com seus objetivos e vendo o professor como seu mediador e orientador (Coelho; Dutra; Marieli, 2016).

É necessário construir outra configuração educacional que integre os novos espaços de conhecimento em uma proposta

de renovação da escola. Nessa nova configuração o conhecimento não pode estar centralizado no professor nem no espaço físico e no tempo escolar, mas deve ser visto como um processo em permanente transição, progressivamente construído, conforme o enfoque da teoria piagetiana. (Almeida, 2000, pag. 58)

Em resumo, a heutagogia emerge como uma perspectiva promissora para o futuro da aprendizagem, desafiando as tradições educacionais convencionais ao capacitar os aprendizes a se tornarem pensadores críticos, adaptáveis e autônomos (Blaschke, 2012). Essa abordagem, que incorpora conceitos de autoeducação, demonstra sua relevância em um mundo em constante evolução.

Apesar da relevância do tema, Agonács e Matos (2020) destacam em seu estudo que quase todas as publicações na área da heutagogia são de natureza teórica, com foco na descrição e na discussão da própria teoria. Poucas são as publicações que apresentam estudos práticos, em que a heutagogia aparece em prática.

A heutagogia e a formação inicial de professores e pedagogos

O papel do professor é essencial na organização e direcionamento do processo de aprendizagem e de acordo com Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) deve estar focado no compartilhamento de experiências e na construção do conhecimento a partir de interação, que pode ser feita por meio de tecnologias digitais. E essa utilização de meios digitais, além de ampliar os grupos e comunidades, ainda pode fazer do aprendente um produtor de informação, reelaborando materiais, contando histórias e, assim, aprendendo e ensinando de forma profunda e constante (Moran, 2015). Entretanto, para que essa realidade se aplique, se faz necessária a capacitação de coordenadores, professores e alunos para realizar mudanças mais profundas e disruptivas. Porque, segundo Moran (2015), as mudanças dependem de pessoas que em sua maioria foram educadas de forma incompleta, com competências desiguais, valores contraditórios e práticas incoerentes com a teoria.

No modelo brasileiro de ensino, ainda temos o professor como a unidade de produção de competência, que centraliza os saberes. E, sair desse papel, desenvolvendo a autonomia do aluno até chegar a um aprendizado autodeterminado é uma construção gradativa para ambos (professor e aluno), no qual as soluções tecnológicas podem auxiliar expressivamente (Almeida, 2000; Bacich; Tanzi Neto; Trevisani, 2015).

Franco (2021) considera que no Brasil os cursos superiores, tanto bacharelados como licenciaturas, são focados na formação profissional instrumental, quando na verdade a formação universitária deveria levar o aluno a uma reflexão sobre a vida, sobre como lidar com o mundo, formando profissionais preparados para desafios.

Logo, nos cursos de pedagogia e de licenciatura, a heutagogia assume um papel crucial ao oferecer uma abordagem inovadora para o desenvolvimento de habilidades fundamentais, como pensamento crítico, resolução de problemas e adaptação às mudanças (Kenyon; Hase, 2010). Ao se apropriarem da autorregulação, os futuros educadores são preparados para enfrentar os desafios dinâmicos do ambiente educacional contemporâneo.

Segundo Araújo et al (2021), o profissional pedagogo, ao compreender e atuar no modelo de heutagógico, atua como mediador e facilitador do processo aprendizagem, ciente de que o aluno é autônomo para estabelecer seus próprios objetivos e definir sua trajetória, cedendo, assim espaço para o protagonismo do aprendente.

O estudo da heutagogia durante a formação desses profissionais de educação não apenas os capacita a guiarem os alunos na construção ativa do conhecimento, mas também fortalece sua autodeterminação, o que se traduz diretamente na eficácia do ensino (Hase; Kenyon, 2000). A heutagogia proporciona uma mentalidade de aprendizado contínuo, alinhada com a natureza dinâmica da educação.

Blaschke e Hase (2016) destacam também que competências como a criatividade, inovação, pensamento crítico, solução de problemas, adaptabilidade, iniciativa, autodireção e responsabilidade, consideradas essenciais para vida e carreira no século 21, são alinhadas diretamente com os objetivos centrais da heutagogia.

Já no início desse século, Almeida (2000) considerava que a aplicação da tecnologia de informação havia levado ao desenvolvimento de diversos cursos de nível técnico ou superior, com a finalidade de preparar programadores, analistas de sistemas, técnicos em processamento de dados, engenheiros de software e que nesse contexto, a formação de profissionais da educação para o uso dessas tecnologias também se fazia premente e urgente.

Nesse contexto, reavaliar o processo de formação inicial do professor com base em uma abordagem educacional heutagógica se faz primordial. Tanto os educadores quanto os estudantes se tornariam protagonistas ativos de seu próprio desenvolvimento educacional, assumindo papéis autênticos na construção de conhecimento. Essa abordagem fomentaria um ambiente de aprendizado mais abrangente e significativo, onde é crucial que os professores se vejam como criadores de sua própria formação, engajados em um processo educacional inovador. Essa reflexão visa superar práticas antiquadas que meramente reproduzem metodologias pouco significativas (Martins et al., 2020).

O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes do Ensino Superior (ENADE)

Em abril de 2003, na cidade de Brasília, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) promoveu um Seminário denominado “Avaliação para quê? Avaliando as Políticas de Avaliação Educacional” com o objetivo de unir as comunidades acadêmica e política em torno da discussão a respeito de uma avaliação comprometida com a transformação da educação superior. Desse encontro surge o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e um de seus pilares, o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) (Duarte, 2011).

O ENADE é uma avaliação educacional realizada no Brasil desde 2004, inserindo-se no âmbito do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). Seu objetivo central é medir o desempenho dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos, suas habilidades e competências nas áreas específicas de conhecimento, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino superior no país (Brasil, 2023).

A origem se deu no antigo Exame Nacional de Cursos (ENC), também conhecido como Provão, que foi realizado pela primeira vez em 1996. Posteriormente, em 2004, o ENC evoluiu para o atual ENADE, incorporando mudanças significativas em sua estrutura e abordagem. Desde então, o exame tem sido aplicado periodicamente, com ciclos regulares, abrangendo diferentes áreas de conhecimento a cada edição (Brasil, 2023).

O ENADE desempenha um papel fundamental no monitoramento da qualidade do ensino superior no Brasil. Sua importância transcende a esfera individual do estudante, impactando diretamente as instituições de ensino superior e o sistema educacional como um todo. Os resultados do exame são utilizados para avaliação e aprimoramento dos cursos, além de servirem como indicadores para o desenvolvimento de políticas públicas na área educacional (Nicolini; Andrade; Torres, 2015).

A participação dos estudantes no ENADE é obrigatória e condição indispensável para a colação de grau. A qualidade do desempenho dos alunos reflete não apenas o nível de conhecimento adquirido durante o curso, mas

também a eficácia do programa educacional oferecido pela instituição de ensino (Nicolini; Andrade; Torres, 2015).

Os objetivos do ENADE são multifacetados, visando à avaliação da qualidade dos cursos de graduação e à produção de indicadores que orientem a formulação de políticas para o aprimoramento da educação superior. O exame busca mensurar não apenas os conhecimentos teóricos dos estudantes, mas também suas habilidades práticas e competências específicas relacionadas à sua área de formação (Brasil, 2023).

Percebe-se, portanto, que o ENADE é uma ferramenta importante para aprimorar a qualidade do ensino superior, proporcionando subsídios para a implementação de políticas educacionais eficazes, alinhadas com as demandas da sociedade contemporânea. Espera-se, portanto, que suas questões sejam o reflexo do currículo dos cursos de educação superior brasileiros, apontando os principais assuntos tratados durante a formação dos futuros profissionais e a forma de abordagem dos mesmos.

Metodologia

As pesquisas descritivas objetivam a descrição de características e o estabelecimento de relações entre variáveis e quando se valem de documentos, que serão analisados, são classificadas como pesquisas documentais (Gil, 2008). Tendo como base o método de pesquisa descritiva documental, iniciou-se o levantamento das avaliações do ENADE disponibilizadas pelo Ministério da Educação, concentrando-se nas provas do curso de pedagogia que aconteceram nos anos 2005, 2008, 2011, 2014, 2017 e 2021 (Brasil, 2024).

De posse das provas, foram então selecionadas apenas as questões específicas do curso de Pedagogia, descartando-se às de formação geral. As questões de formação específica foram então avaliadas quanto ao seu conteúdo. Para que uma questão fosse então considerada para análise, deveria apresentar como objeto os seguintes assuntos: Heutagogia; Ensino e/ou Aprendizagem Autodeterminado (a); Uso de TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) na Educação; ERE/EAD (Ensino Remoto Emergencial/ Ensino a Distância)

Aquelas que se encaixaram nessas categorias foram então selecionadas e analisadas quanto ao tipo de abordagem dado ao assunto. Cabe ressaltar que uma mesma questão pôde ser agrupada em mais de uma categoria, uma vez que as questões do ENADE são multidisciplinares. A seguir deu-se a checagem da literatura existente e diálogo com os dados encontrados.

Resultados e discussão

Após realizar a análise das questões específicas para o curso de Pedagogia, nas provas do ENADE, verificou-se que em nenhuma das edições analisadas o termo “heutagogia” foi mencionado, assim como o tema não foi tratado diretamente (Tabela 1).

Todavia, a heutagogia na forma de Ensino e/ou Aprendizagem autodeterminado (a) aparece discretamente na questão de número 34 da prova de 2017 (Figura 1), onde é apresentada aos futuros pedagogos uma situação em que crianças do sexto ano do Ensino Fundamental são direcionadas a resolverem autonomamente um problema de matemática em grupo. Os alunos de pedagogia são então questionados sobre o papel do professor como mediador.

Tabela 1. Número de questões que tratam dos temas Heutagogia, Ensino/Aprendizagem Autodeterminado (a), Uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) na Educação ou Ensino Remoto Emergencial/ Ensino a Distância (ERE/EAD) nas questões específicas para o curso de Pedagogia nas edições do ENADE de 2005 a 2021.

Ano da edição ENADE	Número de questões por tema			
	Heutagogia	Ensino/Aprendizagem Autodeterminado (a)	Uso de TICs na Educação	ERE/EAD
2005	0	0	0	0
2008	0	0	0	0
2011	0	0	0	0
2014	0	0	2	0
2017	0	1	1	0
2021	0	0	2	2
Total	0	1	5	2

Figura 1. Questão número 34, da prova destinada ao curso de Pedagogia, do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) em sua edição 2017.

QUESTÃO 34

O problema a seguir foi proposto pela professora de Matemática a grupos de estudantes de uma turma do sexto ano do Ensino Fundamental.

"Ana, João, Maria e Pedro mediram o comprimento de um mesmo muro. João usou uma fita métrica graduada em centímetros; Pedro usou uma régua de 2 decímetros de comprimento, sem graduação; Maria usou uma régua de 1 metro de comprimento, sem graduação; e Ana usou uma ripa de madeira que ela encontrou no chão. Os resultados numéricos das medidas feitas, apresentados em ordem crescente, foram os seguintes: 6, 25, 31, 626. Qual é, aproximadamente, o comprimento da ripa de madeira que Ana usou para medir o muro?"

Após resolver o problema, cada grupo explicou, por escrito, as regras matemáticas que usou para elaborar a solução.

A partir do trabalho realizado em cada grupo, a turma construiu uma formulação coletiva dessas regras, registrando isso por escrito.

Finalmente, cada grupo comparou a resposta construída coletivamente com a resposta de seu próprio grupo, decidindo quais as vantagens e as desvantagens de cada uma dessas formulações. Com base na metodologia de resolução de problemas e no papel mediador do docente, avalie as afirmações a seguir.

- A metodologia de resolução de problemas possibilita explorar conceitos matemáticos em contextos reais, mobilizar os alunos na busca de soluções e valorizar diferentes estratégias de resolução.
- O papel mediador do professor, nesse contexto específico, é o de controlar os resultados obtidos, valorizando acertos e corrigindo erros.
- A metodologia de resolução de problemas privilegia o trabalho individual do aluno, considerando as diferentes estratégias utilizadas na busca da resposta correta.
- O professor mediador cria condições para a comunicação de estratégias utilizadas pelos alunos para a resolução de problemas e incentiva a discussão, valorizando o trabalho realizado.

É correto apenas o que se afirma em

☐ A I e III.

☐ B I e IV.

☐ C II e IV.

☐ D I, II e III.

☐ E II, III e IV.

Área livre

Fonte: Brasil (2024).

Blaschke (2012) salienta que o ensino superior tem sido relutante em abordar a heutagogia em seu currículo, devido à falsa percepção da remoção do educador, o que seria uma interpretação equivocada da aprendizagem centrada no aluno, pois a heutagogia não defende um ambiente livre de currículos ou docentes, apenas que o currículo precisa de ser flexível, tal como a abordagem de ensino.

Todavia, flexibilizar o currículo, avaliando os objetos de aprendizagem, a linguagem adequada para mediação de conteúdos e fazendo uma transposição didática de todo o percurso, não foi uma tarefa considerada fácil para os/as docentes, mesmo para aqueles/as que já possuíam experiência com cursos à distância, em estudo conduzido por Santo e Zenha (2019).

O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) na Educação surge a partir da prova de 2014 (Figuras 2 e 3), continuando em 2017 (Figura 4A) e 2021 (Figuras 4B e 5). Em 2005 não há nenhuma questão referente ao assunto e nas provas de 2008 (questão 17) e 2011 (questão 12) há questões relativas ao uso de computadores em sala de aula, mas que não fazem menção

à troca de informação ou comunicação entre os indivíduos, apenas ao uso das máquinas como ferramenta para atividades presenciais e como repositórios de conteúdo nos laboratórios de informática das escolas.

Cabe ressaltar também, que dentre as questões de formação geral da prova de 2011, destinadas a todos os cursos de graduação, havia uma questão objetiva que se referia ao uso das TICs e a exclusão digital (questão 2) e uma questão discursiva sobre o crescimento do Ensino a Distância no Brasil (questão discursiva 1), mas nenhum dos dois assuntos foi abordado nas questões específicas da prova do curso de Pedagogia.

Embora as questões de 2014 (Figuras 2 e 3), 2017 (Figura 4A) e 2021 (Figuras 4B e 5) se refiram às TICs, exploram de forma superficial o uso das mesmas como forma de ampliar a autonomia do estudante, tornando-o protagonista de sua aprendizagem. São questões relacionadas à inclusão digital (Figura 5), às TICs como ferramenta a ser agregada ao ensino presencial (Figuras 3 e 4A), ao avanço das tecnologias digitais (Figuras 3 e 4A) e seu uso emergencial nas escolas durante a pandemia de COVID 19 (Figura 6).

Figura 2. Questão número 29, da prova destinada ao curso de Pedagogia, do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) em sua edição 2014.

QUESTÃO 29

Hoje, o aluno traz para a escola o que descobre na Internet para discutir com seus colegas e professor. Ele não vê mais o professor como um transmissor ou principal fonte de conhecimento, mas espera que ele se apresente como um orientador das discussões travadas em sala de aula ou mesmo nos ambientes online integrados às atividades escolares.

A possibilidade de pesquisar, ler e conhecer os mais variados assuntos por meio da Internet confere ao aluno um novo perfil de estudante, que exige um novo perfil de professor.

Cabe ao professor estar atento a essa nova fonte de informações, para transformá-las, junto com os alunos, em conhecimento. O professor é parte inerente e necessária a todo esse processo, possui um lugar insubstituível de mediador e problematizador do conhecimento; ele aprende com o aluno.

FREITAS, M. T. Letramento Digital e Formação de Professores. Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 26, n. 03, 2010, p. 335-362 (adaptado).

Considerando os desafios colocados para o educador diante das exigências de novas práticas pedagógicas decorrentes dos avanços das tecnologias digitais, avalie as afirmações a seguir.

- As novas tecnologias estimulam a busca de mais informações por parte do aluno nativo digital, mas, por si só, não mudam diretamente o processo de ensino-aprendizagem, o qual depende do uso que se faz delas.
- O professor que não domina as tecnologias digitais deve ser capaz de identificar o aluno nativo digital pelas informações que ele obtém pela Internet.
- A utilização das novas tecnologias nos ambientes online, integrada às atividades escolares e aos conhecimentos prévios do aluno, é suficiente para a construção do conhecimento.
- Uma das tarefas do professor é desenvolver novas formas de ensinar e aprender, incentivando o olhar crítico do aluno frente às inúmeras informações que a tecnologia digital oferece.

É correto apenas o que se afirma em

☐ I.
☐ II.
☐ III.
☐ IV.
☐ I e II.
☐ I e III.
☐ I e IV.
☐ II e III.

ÁREA LIVRE

Fonte: Brasil (2024).

Figura 3. Questão número 30, da prova destinada ao curso de Pedagogia, do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) em sua edição 2014.

ENADE 2014
EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

QUESTÃO 30

Na atualidade, o surgimento de um novo tipo de sociedade tecnológica é determinado principalmente pelos avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e pela microeletrônica. Essas novas tecnologias — assim consideradas em relação às tecnologias anteriormente existentes —, quando disseminadas socialmente, alteram as qualificações profissionais. A ciência, hoje, na forma de tecnologias, altera o cotidiano das pessoas e coloca-se em todos os espaços. Não há dúvida de que as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação. Vídeos, programas educativos na televisão e no computador, *sites* educacionais e *softwares* diferenciados transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço de ensino-aprendizagem, onde anteriormente predominava a lousa, o giz, o livro e a voz do professor. Para que as Tecnologias de Comunicação e Informação (TIC) possam trazer alterações no processo educativo, elas precisam, no entanto, ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que seu uso realmente faça diferença.

KENSKI, V. M. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Papirus, 2007 (adaptado).

Na perspectiva do texto acima, avalie as seguintes asserções e a relação proposta entre elas.

I. Os avanços das tecnologias digitais de comunicação e informação e da microeletrônica podem ser incorporados às tecnologias mais antigas do trabalho educativo, desde que se compreendam as especificidades do ensino e da própria tecnologia.

PORQUE

II. O ensino mediado pelas TIC permite ampliar não somente as possibilidades pedagógicas de aprendizagem, mas também a interação entre os atores do processo educativo.

A respeito dessas asserções, assinale a opção correta.

Ⓐ As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
Ⓑ As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
Ⓒ A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
Ⓓ A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
Ⓔ As asserções I e II são proposições falsas.

ÁREA LIVRE

Fonte: Brasil (2024).

Figura 4. (A) Questão número 23, da prova destinada ao curso de Pedagogia, do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) em sua edição 2017. Fonte: Brasil (2024). (B) Questão número 19, da prova destinada ao curso de Pedagogia, do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) em sua edição 2021.

QUESTÃO 23

Articular a escola com o mundo social, globalizado, informatizado e comunicacional é transformar a escola num espaço dinâmico e significativo. No mundo contemporâneo, onde as tecnologias da comunicação e informação avançam rapidamente, a escola precisa acompanhar essa evolução.

Considerando esse texto, avalie as afirmações a seguir.

- A aprendizagem se realiza quando novas informações são analisadas e interpretadas a partir de conhecimentos previamente adquiridos.
- Atribuir novos significados aos conhecimentos curriculares pode comprometer o alcance dos conteúdos programáticos.
- Acompanhar as tecnologias da comunicação e informação é trazer significados para a aprendizagem de alunos que são parte de uma sociedade do conhecimento.

É correto o que se afirma em

A II, apenas.
B III, apenas.
C I e II, apenas.
D I e III, apenas.
E I, II e III.

Área livre

QUESTÃO 19

Diferentes estratégias educacionais são anunciadas para atravessar a pandemia da Covid-19, por meio do ensino remoto, com exploração de diversidade dos meios de veiculação: plataformas e ferramentas digitais, televisão aberta, *WhatsApp*, correio com entrega de material impresso, entre outras. O que se impõe é que permitam, igualmente, a interlocução entre o sujeito de aprendizagem e os objetos de conhecimento, e que a qualidade do desenho metodológico esteja atrelada à mediação do professor, vital em contextos presenciais ou remotos.

Considerando o enfrentamento da situação relatada no texto, avalie as afirmações a seguir.

- O ensino remoto exige um desenho metodológico que explore os recursos digitais ao máximo, visto que a tecnologia pode superar falhas do ensino presencial.
- O desenho metodológico em situação remota deve ser capaz de atender ao princípio da organização didática pela reprodução da situação das ações que ocorrem presencialmente.
- Um uso efetivo da tecnologia ocorre em função do desenho metodológico que se quer implementar, pois, enquanto meio, a tecnologia deve permitir atingir aquilo que se coloca como finalidade.
- As mídias digitais e impressas são aliadas e podem ser utilizadas de formas associadas no ensino remoto.

É correto apenas o que se afirma em

A I e II.
B II e IV.
C III e IV.
D I, II e III.
E I, III e IV.

Área livre

Fonte: Brasil (2024).

Figura 5. Questão número 29, da prova destinada ao curso de Pedagogia, do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) em sua edição 2021. Fonte: Brasil (2024).

QUESTÃO 29

TEXTO I

O tema inclusão digital suscita diversas discussões. Os significados e objetivos atribuídos ao termo têm motivado intensos debates na comunidade acadêmica. Treinar pessoas para o uso dos recursos tecnológicos de comunicação digital seria inclusão digital? Para alguns autores, tais iniciativas não seriam suficientes para incluir digitalmente. Democratizar o acesso a tais tecnologias seria, então, incluir digitalmente?

BONILLA, M.H.S.; PRETTO, N.D.L. (orgs.) *Inclusão digital: polêmica contemporânea* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011.

TEXTO II

Variações na qualidade da conexão à Internet podem influenciar no uso da rede para atividades pedagógicas. O local da escola onde há disponibilidade de acesso à Internet é um dos indicadores que corroboram diferenças no acesso e no uso da rede em escolas públicas. De acordo com os resultados da TIC Educação 2018, apenas 57% das escolas públicas possuíam acesso à Internet na sala de aula. Como a baixa qualidade dessa conexão não permitia o acesso simultâneo à Internet pelas equipes administrativas, pedagógicas e pelos alunos, a conexão estava, em grande parte dos casos, direcionada para as áreas administrativas.

Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/216410120191105/tic_edu_2018_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 5 mai. 2020.

Considerando os textos apresentados e o debate acerca da inclusão digital nas redes públicas de ensino, avalie as afirmações a seguir.

- A inclusão digital, também chamada alfabetização digital, engloba um ensino pautado no uso de programas de computador com o objetivo de preparar o aluno para digitar um texto ou elaborar uma planilha visando ao desenvolvimento de sua autonomia como usuário das tecnologias da informação e comunicação.
- A inclusão digital prevista pelas redes públicas de ensino, baseada no princípio de democratização de acesso às TIC, precisa considerar os estudos sobre exclusão social e a ampliação dos conhecimentos culturais dos estudantes.
- Considerando a grande utilização de celulares pelos estudantes brasileiros e o acesso limitado das escolas à Internet, as redes de ensino público ficam dispensadas de propiciar a inclusão digital aos seus estudantes, mas são responsáveis pela mediação dos saberes para uma cultura digital.
- Um currículo voltado ao enfrentamento de desafios para a inclusão digital em escolas públicas deve possibilitar que o estudante compreenda, utilize e crie tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica e ética para que exerça protagonismo na sua vida pessoal e coletiva.

É correto o que se afirma em

- I e III, apenas.
- I e IV, apenas.
- II e III, apenas.
- II e IV, apenas.
- I, II, III e IV.

Área livre

A Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do curso de Pedagogia em seu Artigo 5º, item VII descreve que o pedagogo deve estar apto para

relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas (Brasil, 2006).

Em consonância com as DCNs, a Resolução n. 2/2019, do Conselho Nacional de Educação, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) indica dentre as diversas competências docentes:

2. Pesquisar, investigar, refletir, realizar a análise crítica, usar a criatividade e buscar soluções tecnológicas para selecionar, organizar e planejar práticas pedagógicas desafiadoras, coerentes e significativas.

(...)

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas docentes, como recurso pedagógico e como ferramenta de formação, para comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e potencializar as aprendizagens (Brasil, 2019).

O mesmo encontra-se expresso no Marco Político “Padrões de competência em TIC para professores” da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura (UNESCO, 2008) que evidencia que

Tanto os programas de desenvolvimento de profissionais na ativa e os programas de preparação dos futuros professores devem oferecer experiências adequadas em tecnologia em todas as fases do treinamento (...). Estar preparado para utilizar a tecnologia e saber como ela pode dar suporte ao aprendizado são habilidades necessárias no repertório de qualquer profissional docente. Os professores precisam estar preparados para ofertar autonomia a seus alunos com as vantagens que a tecnologia pode trazer. (UNESCO, 2008, p.1).

Entretanto, nas questões do ENADE as TICs não são relacionadas aos processos didático-pedagógicos e também não buscam medir o domínio do aluno com relação a essas tecnologias associadas a aprendizagens significativas.

Realizando um estudo das estruturas curriculares de diferentes cursos de licenciatura, Dorneles (2012) constatou que a oferta de disciplinas relacionadas ao uso de TICs é insípida e não eficiente no que tange à formação dos futuros professores.

Almeida (2000) alerta ainda para a necessidade de uma mudança de paradigma com relação ao uso dos recursos tecnológicos informacionais na educação, pois não se busca uma melhor transmissão de conteúdos, mas a formação de cidadãos mais críticos, com autonomia para construir o próprio conhecimento.

Candau (2012), ao tratar de linguagens e tecnologias digitais, afirma que no processo educativo se faz necessário não apenas o uso de novas TICs como ferramentas, mas que é preciso entender a escola como um núcleo cultural onde diversas linguagens e expressões culturais se fazem presentes e são geradas e que assim, a introdução das TICs deve ser encarada como uma forma de dialogar com as jornadas de mudança cultural, presentes em toda a comunidade escolar.

Sabe-se, claramente que as TICs não podem ser compreendidas como sinônimo absoluto de educação escolar de qualidade, mas Costa e Lopes (2017) ressaltam que os recursos tecnológicos devem ser empregados de todas as formas possíveis para fomentar a formação humana. Os autores trazem ainda que as TICs podem unir docentes e alunos para trabalharem juntos na construção de saberes, levando a benefícios para eles próprios e suas comunidades.

Sendo assim, profissionais da área de educação deveriam estar plenamente preparados para aproveitar as potencialidades das TICs em sua prática pedagógica, desenvolvendo competências digitais em seus alunos e ainda utilizarem as TICs no seu próprio desenvolvimento profissional (Lucas; Moreira, 2018). Mas, para que isso se dê é necessário que sejam capacitados para reconhecerem as ferramentas adequadas e adaptar os recursos que melhor se adequem aos seus objetivos de aprendizagem, suas metodologias e ao grupo de aprendentes (Lucas; Moreira, 2018).

Conforme citado anteriormente a temática Educação a Distância (EAD) aparece apenas em uma questão do eixo de formação geral na prova de 2011, não sendo explorada em nenhuma questão do eixo específico das provas analisadas. Já o Ensino Remoto Emergencial (ERE) é explorado em duas questões da prova de 2021 (Figuras 4B e 6), obviamente em decorrência da pandemia de COVID 19.

Uma das questões questiona os alunos a respeito do desenho metodológico do ensino em situação remota (Figura 4B) e a outra traz um caso fictício de uma escola em situação de ERE, que deve ser analisado à luz da gestão democrático-participativa. Novamente, não é possível ver qualquer ligação entre as questões presentes na prova do ENADE e a heutagogia.

Figura 6. Questão número 24, da prova destinada ao curso de Pedagogia, do ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes) em sua edição 2021.

QUESTÃO 24

TEXTO I

A equipe gestora de uma escola municipal, aproveitando o período de paralisação das atividades escolares provocado pela pandemia da Covid-19 (Coronavírus) que assolou o país, organizou o trabalho remoto virtual de modo a atualizar o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola. Participaram desse trabalho virtual a diretora, a vice-diretora e as coordenadoras pedagógicas que atuavam na escola, pois, assim, quando os professores e professoras retornassem às atividades, já poderiam se apropriar das atualizações necessárias à organização do seu trabalho. Entretanto, a equipe docente questionou a realização dessa atividade sem a sua participação, alegando que a equipe gestora desrespeitava os princípios da gestão democrático-participativa. A equipe gestora, ao justificar a sua ação, considerou ser legítimo o trabalho realizado, alegando ter agido de acordo com o Art. 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n. 9.394/1996): "Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I - elaborar e executar sua proposta pedagógica."

TEXTO II

A gestão democrático-participativa valoriza a participação da comunidade escolar no processo de tomada de decisão, concebe a docência como trabalho interativo e aposta na construção coletiva dos objetivos e do funcionamento da escola, por meio da dinâmica intersubjetiva, do diálogo, do consenso.

LIBÁNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. Educação escolar: políticas, estrutura e organização. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2009 (adaptado).

À luz da concepção de gestão democrática proposta pelos autores no texto II e acerca da atuação da equipe gestora descrita no texto I, avalie as afirmações a seguir.

- I. A equipe gestora agiu amparada na legislação para a realização do trabalho que foi desenvolvido com o PPP.
- II. A equipe gestora procedeu incorretamente, pois a LDB prevê, em seu Art. 13, que os docentes deverão incumbir-se de participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino.
- III. A equipe gestora considerou os princípios da gestão democrático-participativa, pois se preocupou em organizar o trabalho escolar para o período pós-pandemia, contribuindo com o trabalho docente.
- IV. A equipe gestora desconsiderou os princípios éticos, pois não incluiu a participação da comunidade escolar no processo de organização e funcionamento da escola.

É correto apenas o que se afirma em

- ☐ A I e IV.
- ☐ B II e III.
- ☐ C II e IV.
- ☐ D I, II e III.
- ☐ E I, III e IV.

Área livre

Fonte: Brasil (2024).

Segundo o Censo Nacional da Educação de 2021 (Brasil, 2021), o Ensino a Distância cresceu 474% em uma década (entre 2011 e 2021) e entre os anos de 2018 e 2022 o crescimento foi de 189% (Brasil, 2022). O maior salto aparece entre os anos de 2018 e 2019, quando o número de cursos de graduação a distância cresceu 45% (Brasil, 2022). Porém, não se vê o reflexo dessa mudança nas questões do ENADE, o que nos faz refletir sobre um possível descompasso entre a realidade educacional e os conteúdos abordados nos cursos de pedagogia.

Araújo et al. (2021) salientam que a abordagem ligada à heutagogia aumenta aceleradamente em resposta aos avanços das áreas do conhecimento, e das tecnologias, que privilegiam a autonomia do aluno e sua evolução de forma personalizada.

Molck (2013) enfatiza que o ENADE, quando utilizado como ferramenta de gestão dos cursos, promove o crescimento diversificado de áreas específicas, no sentido em que permite a implantação de padrões curriculares que visam o fortalecimento de atividades relacionadas à formação do futuro profissional.

Mas, apesar do evidente crescimento do ensino a distância e das práticas que envolvem a heutagogia, percebe-se que os cursos de pedagogia ainda enfrentam desafios, no que tange ao aprofundamento dessas temáticas em seus conteúdos curriculares. Isso, analisado mediante as questões do ENADE. No entanto, diante do potencial transformador na qualidade da educação, é imperativo explorar e gradualmente implementar essa abordagem inovadora.

Percebeu-se o quanto o estudo do modelo heutagógico é urgente quando o mundo foi pego de surpresa pela COVID 19. Afinal, enquanto no ensino superior a Educação a Distância já existia e foi ampliada, na educação básica essa discussão era ainda remota e pouquíssimo explorada. Logo, ficou muito claro que as práticas de ensino remoto causaram desconfiças e temores entre todos na comunidade escolar (Goedert; Arndt, 2020). Ou seja, nossos profissionais do ensino básico foram pegos despreparados para enfrentar o desafio e tiveram que buscar emergencialmente recursos e formação, adotando estratégias que muitas vezes apenas virtualizavam o ensino presencial, mas não conseguiam atingir os objetivos pedagógicos.

É certo que a formação inicial é apenas o início de uma longa jornada de formação do professor, que constrói sua identidade docente ao longo da carreira, mas, de acordo com Graça et al. (2021)

a formação inicial constitui um momento marcante que deve promover o desenvolvimento de competências básicas do futuro professor e a mobilização das mesmas e de saberes científicos, pedagógicos e técnicos nas práticas educativas, alicerce para a construção de um perfil de professor necessário ao ensino no seu contexto sociocultural e tecnológico (Graça et al., 2021, p. 35).

Contudo, Martins et al. (2020) alertam que a implementação da tecnologia nos cursos de ensino superior brasileiros acontece de forma irregular e pouco coerente, resultando na falta de confiança por parte dos futuros professores em integrar as TICs em suas práticas docentes. Isso culmina na reprodução de abordagens tradicionalistas, caracterizadas por aulas expositivas, ausência de interação entre professores e alunos, e, acima de tudo, na carência de inovação - um elemento fundamental para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais envolvente e significativo.

Considerações finais

O profissional da área de pedagogia possui habilitação para dois campos de atuação: a administração escolar e a atuação como professor e orientador para a educação infantil e as cinco primeiras séries do Ensino Fundamental. Logo, nos cursos de pedagogia, a heutagogia surge como uma perspectiva inovadora e essencial para a formação de professores. Sua aplicação pode resultar em educadores mais adaptáveis, críticos e orientados para o aprendizado ao longo da vida. Ao incorporar a heutagogia, os cursos de pedagogia podem desempenhar um papel crucial na formação de profissionais preparados para enfrentar os desafios do cenário educacional contemporâneo.

Entretanto, esse estudo evidenciou a ausência da temática nas provas do ENADE do curso de pedagogia, assim como a presença de conteúdos relacionados ao ensino a distância e uso de TICs foi ínfimo, o que nos leva a refletir sobre a presença desses temas, hoje tão relevantes para a educação, nos currículos dos cursos.

Uma vez que o ENADE deveria refletir os assuntos de maior relevância na formação dos futuros pedagogos, seria uma fragilidade dos cursos não abordar a heutagogia, a EAD e as TICs em seus currículos, já que a realidade brasileira nos mostra o crescimento desse novo modelo educacional há mais de uma década. Mas, pode-se cogitar também um descompasso entre as avaliações conduzidas pelo INEP e os atuais currículos dos cursos.

Há discussões relevantes no Brasil sobre a falta de recursos tecnológicos em grande parte das escolas, o que de fato se configura um empecilho. Todavia, entendemos que o pedagogo deve estar preparado para discutir a temática e aplicá-la em contextos em que há essa possibilidade. Jamais poderemos transformar a realidade da educação brasileira se nossos profissionais não estiverem devidamente preparados.

Sugere-se, portanto, que estudos futuros analisem as estruturas curriculares e conteúdos abordados em diferentes cursos de graduação voltados à formação de professores e pedagogos, a fim de elucidar tais questões tão relevantes para a educação.

Referências

AGONÁCS, Nikoletta; MATOS, João Filipe. Os Cursos On-line Abertos e Massivos (Mooc) como ambientes heutagógicos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 101, p. 17-35, 2020.

ALMEIDA, Maria Elizabeth de. **ProInfo**: Informática e formação de professores Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed. 2000. 192 p. - (Série de Estudos. Educação a Distância. ISSN 1516-2079; v.13)

ARAÚJO, Ingrides Leonel; SILVA, Fabianne Cristina Lima da; NASCIMENTO, Aldenize Pinto de Melo do; BARBOSA, Kleber Mantovanelli. O pedagogo e os modelos educacionais: pedagogia, andragogia e heutagogia. **Criar Educação**, v. 10, n. 1, p. 279-302, 2021.

BACICH, Lilian; TENZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação. In: BACICH, Lilian; TENZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs). **Ensino Híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 46-65.

BEVILAQUA, Suelen; PELEIAS, Ivam R. Em vez de dar o peixe, ensine a pescar”: a heutagogia e a sua relação com os métodos de aprendizagem em cursos EaD no Brasil. **Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**, v. 4, 2013.

BLASCHKE, Lisa Marie. Heutagogy and lifelong learning: A review of heutagogical practice and self-determined learning. **The International Review of Research in Open and Distributed Learning**, v. 13, n. 1, p. 56-71, 2012.

BLASCHKE, Lisa Marie; HASE, Stewart. Heutagogy: A Holistic Framework for Creating Twenty-First-Century Self-determined Learners. In: GROS, Begoña; KINSHUK; MAINA, Marcelo. (eds) **The Future of Ubiquitous Learning**. Lecture Notes in Educational Technology. Springer, Berlin, Heidelberg. p. 25-40, 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. 2006. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_rcp0106.pdf?query=LICENCIATURA. Acesso em: 23/01/2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 2/2019**, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF: 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Superior 2021 - Resultados**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em 23/01/2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo da Educação Superior 2022 - Resultados**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>. Acesso em 23/01/2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade)**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enade>. Acesso em 18/12/2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **ENADE - Provas e Gabaritos**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enade/provas-e-gabaritos>. Acesso em 14/01/2024.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 13-37.

CANNING, Natalie. Playing with Heutagogy: Exploring Strategies to Empower Mature Learners in Higher Education. **Journal of Further and Higher Education**, v. 34, n.1, p. 59-71, 2010.

COELHO, Marcos Antônio; DUTRA, Lenise Ribeiro; MARIELI, Joane. Andragogia e heutagogia: práticas emergentes na educação. **Revista Transformar**, v. 8, n. 8, p. 97-107, 2016.

COSTA, Dilermando Moraes; LOPES, Jurema Rosa. “Quem forma se forma e reforma ao formar”: Uma discussão sobre as TICs na formação de professores. In: VILAÇA, Márcio Luiz Corrêa; ARAÚJO, Elaine Vasquez Ferreira de. (org). **Tecnologia, Sociedade e Educação na Era Digital**. Rio de Janeiro: Unigranrio, p. 157-194, 2016.

DORNELES, Darlan Machado. A formação do professor para o uso das TICS em sala de aula: uma discussão a partir do projeto piloto UCA no Acre. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 71-87, 2012.

DUARTE, Ana Lúcia Cunha. **O exame nacional de desempenho dos estudantes (ENADE) dos cursos de pedagogia do estado do Maranhão: o que os conceitos revelam**. In: XXV Simpósio Brasileiro; II Congresso Ibero-Americano de Política e Administração Jubileu de Ouro da ANPAE (1961-2011). 2011.

FRANCO, Sérgio Roberto Kieling. Contextos emergentes: formação, desenvolvimento profissional, avaliação e performatividade na Educação. In: BOLZAN, Doris Pires Vargas; POWACZUC, Ana Carla Hollweg; CORTE, Marilene Gabriel Dalla (org.). **Singularidades da Formação e do Desenvolvimento profissional docente: contextos emergentes na educação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.31-50, 2021.

FILATRO, ANDREA. **Como preparar conteúdos para EAD**. 1 ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOEDERT, Lidiane; ARNDT, Klalter Bez Fontana. Mediação pedagógica e educação mediada por tecnologias digitais em tempos de pandemia. **Criar Educação**, v. 9, n. 2, p. 104-121, 2020.

GRAÇA, Vânia Gabriela; QUADROS-FLORES, Paula Maria; RAPOSO-RIVAS, Manuela; RAMOS, Maria Altina. As TIC na formação inicial de educadores e professores. **Revista Latinoamericana De Tecnología Educativa-RELATEC**, v. 20, n. 1, p. 27-37, 2021.

HASE, Stewart. Self-determined learning (heutagogy): where have we come since 2000?. **SITJAR**, ed. especial, p. 2-21, 2016. Disponível em: <https://researchbank.ac.nz/bitstream/handle/10652/5723/SITJAR%20Heutagogy%202016.pdf?sequence=5&isAllowed=y#page=4>

HASE, Stewart; KENYON, Chris. Heutagogy: A Child of Complexity Theory. **Complicity: An International Journal of Complexity and Education**, v. 4, n.1, p. 111-118, 2007.

HASE, Stewart; KENYON, Chris. From andragogy to heutagogy. **UltiBASE In-Site**, 2000. Disponível em: <https://webarchive.nla.gov.au/awa/20010220130000/http://ultibase.rmit.edu.au/Articles/dec00/hase2.htm>.

KENYON, Chris; HASE, Stewart. Andragogy and heutagogy in postgraduate work. In: KERRY, T. (ed.) **Meeting the challenges of change in postgraduate higher education**, London: Continuum Press, 2010, p.165-177.

LUCAS, Margarida; MOREIRA, Antônio. **DigCompEdu**: Quadro Europeu de Competência Digital para Educadores. Aveiro: UA Editora. 94 p. 2018. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/24983>. Acesso em 20/01/2024.

MARTINS, Ana Ligia da Conceição Ferreira; FERREIRA, Ana Marcela da Conceição; VERAS, Vitória de Cássia dos Santos; OLIVEIRA, Joice Flexa; SOUZA, Josimara Brito de; FERREIRA, Ana Paula da Conceição. O professor e as TICS: da formação inicial à continuada. **Revista Psicologia & Saberes**, v. 9, n. 17, p. 201-216, 2020.

MOLCK, Adauto Marin. Exame nacional de desempenho dos estudantes: impactos nas IES e estratégias de aprimoramento institucional – Um estudo a partir da produção científica brasileira (2004-2010). Dissertação (156 fls). Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica da Campinas (PUC), 2013.

MORAN, José. Educação Híbrida: Um conceito-chave para a educação, hoje. In: BACICH, Lilian; TENZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs). **Ensino Híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 27-46.

NICOLINI, Alexandre Mendes; ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de; TORRES, Adriana Amadeu Garcia. Uma visão sobre o ENADE. In: NICOLINI, Alexandre Mendes; ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de. **Padrão ENADE**: análise, reflexões e proposições à luz da Taxonomia de Bloom. São Paulo: Atlas, 2015, p. 3-7.

Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura (UNESCO). **Padrões de Competência em TIC para Professores**: Marco Político. Paris: UNESCO, 2008. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000156209_por. Acesso em 25/01/2024.

PIRES, Carla Fernanda Ferreira. **O estudante e o ensino híbrido**. In: BACICH, Lilian; TENZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello (orgs). **Ensino Híbrido**: personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 81-88.

SANTOS, Marilza de Oliveira; ZENHA, Luciana. Didática no Ensino Superior em tempos de tecnologias digitais: desafios e possibilidades. In: TAVARES, Rosilene Horta; GOMES, Suzana dos Santos.; MELO, Savana Diniz Gomes.

Sociedade, educação e redes: luta pela formação crítica na universidade. Araraquara: Junqueira & Martins, 2019. E-book. 351 p.

SARTURI, Roseane Carneiro; TREVISAN, Mônica de Souza; RIGHES, Antônio Carlos Minussi. Formação de Professores e avaliação: desafios em contextos emergentes. In: BOLZAN, Doris Pires Vargas; POWACZUC, Ana Carla Hollweg; CORTE, Marilene Gabriel Dalla (org.). **Singularidades da Formação e do Desenvolvimento profissional docente:** contextos emergentes na educação. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.87-116, 2021.

Desenvolvimento de ações sustentáveis baseadas nos fundamentos de *lean manufacturing* para um serviço gastronômico

*Elga Batista*¹

*Aylla Roberta Victor*²

*Beatriz Reis*³

Resumo

O trabalho desenvolveu ações sustentáveis segundo conceitos de lean manufacturing para o Departamento de Alimentos e Bebidas (A&B) de um meio de hospedagem (MH). Para tanto, foi realizada uma visita ao MH para aplicar um checklist que identificou as ações sustentáveis já aplicadas e potencialmente aplicáveis ao serviço gastronômico, correlatas à gestão lean. Posteriormente, utilizou-se o diagrama de Ishikawa para analisar causas e raízes de não conformidades. Foi possível observar que o modelo lean não é aplicado na produção de refeições da Unidade em questão, assim como também não é de conhecimento dos funcionários e gestores ligados ao Departamento de Alimentos e Bebidas. Após análise dos dados, foram desenvolvidas propostas de ações sustentáveis abrangendo o planejamento das compras, gestão de estoques, planejamento dos cardápios, consumo consciente (água e energia elétrica) e presença de um plano de gerenciamento de resíduos.

Palavras-chave: Gestão sustentável; Produção de Refeições; Lean Manufacturing.

Abstract

The work developed sustainable actions according to lean manufacturing concepts for the Food and Beverage Department (F&B) of one lodging facilities (LF). To this end, a visit was made to the LF, to apply a checklist that identified the sustainable actions already applied and potentially applicable to the gastronomic service, related to lean management. Subsequently, the Ishikawa diagram was used to analyze causes and roots of non-conformities. It was possible to observe that the lean model is not applied in the production of meals, as well as it is not known to employees and managers linked to the Food and Beverage Department. After analyzing the data, sustainable actions were developed covering the planning of purchases, inventory management, menu planning, conscious consumption of water and electricity and the presence of a waste management plan.

Keywords: Meal Production; Sustainable Management; Lean Manufacturing.

¹Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

²Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

³Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Introdução

Etimologicamente a palavra sustentável vem do latim *sustentare*, que significa “sustentar”, “apoiar” e conservar. Deriva dela o conceito de sustentabilidade, um termo relacionado às estratégias e atitudes que ecologicamente, economicamente e socialmente sejam viáveis para ações presentes sem comprometer gerações futuras. Muitos setores produtivos têm desenvolvido processos envolvendo ações sustentáveis baseadas em *lean manufacturing* (Costa *et al.*, 2020) ou gestão *lean*, como, por exemplo, o segmento eletrônico (Jayanth *et al.*, 2020), têxtil (Mulugeta, 2021) e moveleiro (Abu *et al.*, 2019). *Lean manufacturing* (sistema enxuto de manufatura) é um conceito que surgiu na fábrica da Toyota® na década de 1950, baseado na eliminação de resíduos e processos de baixa produtividade, enfatizando as operações de valor agregado e a elaboração de produtos de alta qualidade, no ritmo de demanda dos clientes, sem desperdícios (D’Antonio, Bedolla e Chiabert, 2017). Além disso, a metodologia *lean* permite melhorar o planejamento e o controle dos processos de fabricação (Sehnem *et al.*, 2020).

A correlação entre a adoção de ações sustentáveis em organizações e os preceitos do *lean manufacturing*, no que tange ao cunho ambiental da sustentabilidade, já foi apontada em estudos pregressos (Condé e Martens, 2018). Dhingra, Kress e Upreti (2014) destacaram que é possível alcançar maiores benefícios quando a gestão sustentável é pensada com base em *lean manufacturing*, através daquilo que esses autores denominaram “integração enxuta e verde”. De forma complementar, Dues, Tan e Lim (2013) afirmaram que práticas verdes são sinérgicas ao *lean*, beneficiando, inclusive, a gestão como um todo. Também Galeazzo, Furlan e Vinelli (2014) mencionaram que as práticas com tal perfil são úteis para melhorar o desempenho das organizações (Brito e Santos, 2019).

Com relação à área de alimentação, ainda são escassas as ações com esse cunho, tanto em termos de produção industrial quanto serviços gastronômicos, especialmente no que tange à aplicação dos fundamentos de *lean manufacturing*. Segundo Macedo (2015), a preocupação com aspectos de

sustentabilidade ainda não recebeu destaque nas organizações produtoras de alimentos, pois ainda se acredita que essa é uma abordagem exclusivamente voltada a aspectos envolvendo bem-estar social e meio ambiente, assuntos que são pouco presentes nas rotinas de pequenos negócios de alimentação fora do lar (bares, restaurantes, confeitarias, lanchonetes, *food trucks*). Para Oliveira et al. (2012), esse panorama pode estar relacionado à carência de um modelo que alie, de forma eficaz, o planejamento estratégico às ações sustentáveis.

Como exemplo de pesquisas sobre a produção enxuta de alimentos, cita-se trabalho de Costa et al. (2020), que avaliou os efeitos do lean seis sigma em rotinas da indústria de alimentos, quando verificaram que a adoção dessa metodologia pode promover efeitos positivos no desempenho desse tipo de manufatura. Também a pesquisa de Dora et al. (2013) verificou a aplicabilidade dos fundamentos de *lean manufacturing* e outras ações com foco em qualidade em indústrias de alimentos de três países europeus, e concluíram que essas organizações pouco utilizavam os aspectos correlatos à gestão lean em suas rotinas. Já Tanco et al. (2013) avaliaram as vantagens da aplicação da metodologia na fabricação do nougat, verificando resultados positivos em termos de gestão da produção. No trabalho de Dora e Gellynck (2015), foi proposta a implementação de ações baseadas em *lean* para pequenas e médias indústrias de alimentos. Cita-se ainda a pesquisa de Noorwali (2013), que aplicou os métodos *lean* e Taguchi em sistemas de processamento da indústria de alimentos, visando o aumento da eficiência dos processos e a redução do desperdício. De forma semelhante, Folinas et al. (2013) focaram na aplicabilidade da gestão *lean* para uma produção mais verde nesse segmento, minimizando desperdícios em processos diversos da agroindústria, visto que esse tipo de gestão é uma ferramenta efetiva para esse objetivo.

Entre as organizações que podem inserir processos produtivos envolvendo ações sustentáveis, citam-se os meios de hospedagem (MH) como hotéis, pousadas, *hostels* e resorts. Para tanto, torna-se necessário estudar de forma aprofundada as rotinas desse tipo de organização, buscando compreender reais perspectivas de implementação de ações com esse perfil. Destaca-se que para Santos et al. (2020) e Pérez e Del Bosque (2014), as simples ações sociais ou

atividades pontuais e/ou isoladas de responsabilidade ambiental não são suficientes para que uma empresa desse segmento seja considerada sustentável. Ainda segundo esses autores (op. cit.) os estabelecimentos devem desenvolver projetos mais densos, envolvendo perspectivas socioculturais, ambientais e econômicas, contemplando os interesses e preocupações dos colaboradores, clientes, fornecedores e demais participantes dos processos do MH (*stakeholders*).

O objetivo desse trabalho foi verificar a utilização de ações sustentáveis baseadas em fundamentos de *lean manufacturing* em um Departamento de Alimentos e Bebidas (A&B), bem como desenvolver propostas para implementar ações baseadas nesse tipo de gestão para o serviço gastronômico.

Metodologia

Caracterização da pesquisa

Foi realizada uma pesquisa de campo de ordem qualitativa e quantitativa, a partir de um estudo de caso em um meio de hospedagem em Itaguaí, município da região da Costa Verde, situada no estado do Rio de Janeiro. Este tipo de investigação permite ao pesquisador buscar informações diretamente com o público pesquisado, ou seja, a análise direta de onde o fenômeno ocorre (PIANA, 2009).

Elaboração de checklist para verificação de ações sustentáveis em A&B

Foi elaborado um checklist (quadro 1) cujo conteúdo aborda a aplicação de ações relacionadas à sustentabilidade em food service e aos princípios do *lean manufacturing*. Tal instrumento foi aplicado *in loco*, durante o período de produção do serviço gastronômico estudado.

Quadro 1. Checklist baseado em conceitos *lean manufacturing* para Departamento de Alimentos e Bebidas (A&B). Legenda: A = Atende; NA = Não atende; NSA = Não se aplica.

No.	Questões	A	NA	NSA
Ações sustentáveis correlacionadas à área física do restaurante				
1	O restaurante possui um programa de manutenção periódica das tubulações do estabelecimento.			
2	O restaurante usa quantidades adequadas de produtos para a higienização e limpeza de insumos em geral.			
3	O restaurante possui torneiras com sensor de abertura e fechamento automático.			
4	O restaurante armazena água pluvial.			
5	Os colaboradores são conscientizados sobre o uso racional da água através de treinamentos sobre o tema.			
6	O restaurante usa o ar-condicionado somente em locais realmente necessários.			
7	O ar-condicionado é usado somente em horário próximo àquele no qual os clientes começarão a chegar.			
8	O restaurante zela pela manutenção periódica da estrutura elétrica de sua área física como um todo.			
9	O restaurante utiliza pontos de iluminação natural.			
10	O restaurante utiliza pintura de paredes com cores claras.			
11	O restaurante foi construído com materiais sustentáveis.			
12	O restaurante utiliza lâmpadas de LED (<i>Light Emiting Diode</i>).			
13	Os funcionários do restaurante desligam as luzes em ambientes nos quais não são executadas atividades.			
14	O restaurante possui alguma horta (própria).			
Ações sustentáveis na aquisição de insumos				
15	O restaurante adquire alimentos produzidos em regiões próximas ao mesmo.			
16	O restaurante adquire bebidas produzidas em regiões próximas ao mesmo.			
17	O restaurante adquire utensílios produzidos em regiões próximas ao restaurante.			
18	O restaurante adquire itens para decoração produzidos em regiões próximas ao mesmo.			
19	O restaurante possui alguma iniciativa visando minimizar desperdícios na etapa de recebimento de matérias-primas.			
20	O restaurante busca saber se as matérias-primas são de produção sustentável.			
21	O restaurante adquire carnes provenientes de organizações que zelam pela rastreabilidade de seus produtos.			

22	O restaurante exclui do cardápio o pescado em suas épocas de reprodução (período de defeso).			
23	O restaurante usa produtos alimentícios agroecológicos/orgânicos.			
24	O restaurante utiliza produtos alimentícios regionais.			
25	O restaurante usa alimentos ecológicos.			
26	O restaurante usa plantas alimentícias não convencionais (PANC) em seu cardápio.			
27	O restaurante utiliza produtos alimentícios sazonais.			
28	O restaurante opta por não adquirir insumos não sustentáveis.			
Ações sustentáveis na gestão de estoques				
29	O restaurante realiza compras de alimentos com periodicidade semanal.			
30	O restaurante adota o Sistema PVPS para a gestão de estoques de gêneros alimentícios.			
31	O estoque seco contém quantidades adequadas de gêneros alimentícios, sem acúmulo.			
32	Há registro de temperatura do estoque frio/câmara(s) frigorífica(s).			
33	O estoque frio/câmara(s) frigorífica(s) contém quantidades adequadas de gêneros alimentícios, sem acúmulo.			
34	Os armários contém quantidades adequadas de gêneros alimentícios, sem acúmulos.			
35	Os alimentos são posicionados de forma a permitir a circulação de ar entre os mesmos no estoque.			
36	Os colaboradores receberam orientações quanto à correta organização dos produtos dentro do estoque.			
37	Existe controle, com registros em planilhas, das temperaturas corretas para conservação de produtos alimentícios.			
38	Os refrigeradores estão protegidos da luz solar.			
39	O <i>layout</i> do(s) estoque(s) permite a circulação do ar nesse(s) ambiente(s), sem acúmulo de mobiliário/equipamentos.			
Ações sustentáveis relacionados ao preparo e ao pré-preparo dos alimentos				
40	O restaurante possui fichas técnicas de preparação culinária para todos os pratos.			
41	O restaurante possui fichas técnicas de preparação culinária para todos os coquetéis (<i>drinks</i>).			
42	O restaurante possui fichas técnicas de preparação culinária para todos os sucos.			
43	O restaurante possui procedimentos operacionais padronizados para realizar o aproveitamento integral de alimentos.			

44	O restaurante possui fichas técnicas de preparação com estratégias de aproveitamento integral de alimentos.			
45	Os colaboradores são orientados sobre as técnicas de produção corretas para alimentos, para evitar falhas.			
46	Os processos usados para produzir as fichas técnicas são descritos através de fluxogramas.			
47	O tempo de cocção dos alimentos é monitorado.			
48	Os pratos e/ou coquetéis, sucos retornam com frequência à cozinha em função de defeitos detectados pelos clientes.			
49	O restaurante realiza treinamentos com seus colaboradores sobre ações sustentáveis no preparo dos alimentos.			
50	A temperatura de cocção dos alimentos é monitorada.			
Ações sustentáveis relacionadas ao tratamento e ao destino dos resíduos				
51	O restaurante reaproveita material(is) remanescente(s) da produção e/ou serviço das refeições.			
52	O restaurante realiza algum tipo de reciclagem.			
53	O restaurante possui lixeiras específicas segundo as classificações do lixo.			
54	O restaurante armazena temporariamente os resíduos graxos provenientes das frituras.			
55	Os colaboradores receberam orientações quanto à importância da reciclagem.			
56	O restaurante direciona os resíduos graxos provenientes das frituras à reciclagem.			
57	Os colaboradores receberam orientações quanto à correta separação de materiais destinados à reciclagem.			
58	O restaurante não gera resíduos a partir de falhas nas técnicas durante o preparo dos alimentos.			
59	Em caso de doação de resíduos graxos, o restaurante arquiva os manifestos de resíduos.			
Aplicação dos princípios do <i>lean manufacturing</i>				
60	A produção de refeições costuma ser interrompida pela falta de matérias-primas alimentícias.			
61	A produção de refeições costuma ser interrompida por problemas com equipamentos.			
62	A produção de refeições costuma ser interrompida por problemas com utensílios			
63	Existem desperdícios relacionados aos equipamentos.			
64	Existem desperdícios relacionados aos utensílios.			
65	Existem desperdícios relacionados às atribuições dos colaboradores			
66	As etapas que mais agregam valor na produção dos pratos já foram identificadas.			

67	A produção de um certo prato é interrompida quando uma falha no processo é detectada.			
68	Há uma estimativa de tempo de <i>setup</i> .			
69	O modelo <i>lean</i> é aplicado à produção das refeições.			
70	Existem registros dos desperdícios de gêneros alimentícios em estoque(s) frio(s).			
71	Existem registros dos desperdícios de gêneros alimentícios em estoque(s) seco(s).			
72	Existem registros dos desperdícios de alimentos provenientes dos pratos/copos dos clientes.			
73	Existem registros dos desperdícios de gêneros de limpeza.			
74	Existem registros dos desperdícios de água.			
75	Existem registros dos desperdícios de energia elétrica.			
76	Existem registros dos desperdícios de gêneros descartáveis.			
77	Existem registros dos desperdícios decorrentes da produção das refeições.			
78	Existem registros dos desperdícios de materiais de limpeza.			
79	Os funcionários são convidados a opinar sobre propostas de otimizar a produção, reduzindo desperdícios.			
80	O restaurante já detectou prejuízos relacionados aos desperdícios.			
81	São realizadas avaliações dos funcionários no que tange à postura dos mesmos com relação aos desperdícios.			
82	O sistema de produção das refeições é puxado, ou seja, só ocorre mediante a demanda dos clientes (<i>just in time</i>).			
83	Existem ações preventivas para evitar falhas durante a produção das refeições.			
84	Existem protocolos de ações corretivas quando ocorrem falhas na produção.			
85	É usada alguma ferramenta para a gestão da qualidade da produção das refeições.			
86	Os equipamentos (máquinas) usados para a produção das refeições são calibrados periodicamente.			
87	Os funcionários são orientados quanto à adoção dos princípios do <i>lean manufacturing</i> .			
88	Os funcionários estão diretamente envolvidos na adoção dos princípios do <i>lean manufacturing</i> .			
89	O restaurante realiza análises financeiras sobre os custos relacionados aos impactos dos desperdícios.			

Fontes: Sakaguchi, Pak e Potts (2018), Costa *et al.* (2018), Kwoka, Huang e Hu (2016), Macedo (2015), Alonso-Almeida (2013), Krause e Bahls (2013), Tanco *et al.* (2013) e Dora *et al.* (2013).

Elaboração de ações sustentáveis para o serviço gastronômico

Após a realização da pesquisa de campo, utilizou-se do diagrama de Ishikawa, uma ferramenta de gestão da qualidade que permite analisar a causa e o efeito de não conformidades, visando propor ações sustentáveis ao serviço de A&B estudado. Essa análise foi realizada tendo como base as informações coletadas durante a pesquisa de campo, seguindo a metodologia descrita por Simanová e Gejdoš (2015).

A partir da aplicação do checklist e da análise realizada pelo diagrama de Ishikawa, foram criadas ações sustentáveis para o meio de hospedagem estudado. Essas ações abrangeram a área física do restaurante, aquisição de insumos, gestão de estoque, preparo e pré-preparo dos alimentos, tratamento e destino dos resíduos e os princípios de *lean manufacturing*, com vistas a propor melhorias referentes às máquinas, materiais, medidas, métodos, meio ambiente e mão de obra (ou seja, os 6M do referido diagrama).

Resultados e discussão

Sobre o primeiro tópico analisado pelo *checklist*, “Ações sustentáveis correlacionadas à área física do restaurante”, o empreendimento atendia ao programa de manutenção periódica nas tubulações do estabelecimento, com ênfase no controle da água. Além disso, são utilizadas quantidades adequadas de produtos para higienização e limpeza dos insumos, os colaboradores são conscientizados sobre o uso racional da água através de treinamentos e há manutenção periódica da estrutura elétrica. O serviço gastronômico não possui torneiras com sensor de abertura e fechamento automático, mas vale ressaltar que existem torneiras separadas para higiene das mãos de funcionários na cozinha e no restaurante desses colaboradores. O estabelecimento não armazena água pluvial, não usa iluminação natural no restaurante, nem material sustentável na construção e não conta com uma horta própria. A relevância da iluminação de restaurantes é um assunto que vem recebendo destaque na atualidade em função das percepções dos clientes ligadas a esse aspecto de ambiência, segundo pesquisa de Wu *et al.* (2021). Cabe destacar a perspectiva

de um maior conforto dos colaboradores quando há uma iluminação adequada no ambiente laboral, tornando menos desgastantes as atividades de trabalho.

Com relação à iluminação das áreas do Departamento de A&B, as luzes são apagadas em ambientes onde não estão sendo realizadas tarefas e há luz de LED no restaurante, ações que contribuem para minimizar o desperdício de energia elétrica no Departamento, entretanto, não existem luzes desse tipo na área de produção das refeições. Já no trabalho de Castro, Vieites e Daiuto (2015) foi possível verificar, em uma pesquisa realizada em restaurantes comerciais de Botucatu/SP, que nenhum dos estabelecimentos visitados adotava quaisquer medidas de controle do consumo de energia.

No tópico “Ações sustentáveis na aquisição de insumos” o empreendimento estava de acordo apenas ao uso de iniciativas visando minimizar o desperdício na etapa de recebimento de matérias-primas e ao ato de adquirir carnes provenientes de organizações que zelam pela rastreabilidade dos produtos. Os demais itens, como adquirir insumos produzidos na região, de produção próxima, agroecológicos, ecológicos, ou de produção sustentáveis não atendeu aos requisitos do checklist, pois de acordo com os guias da visita a região é distante da capital e não possui fornecedores próximos para atender tais demandas. Esses guias não souberam informar se usam pescado em época de reprodução, pois adquirem apenas peixes congelados. Pesquisa de Faria Júnior, Rodrigues e Silva (2020), realizada com serviços de alimentação do Pará, apontou que os restaurantes estudados não utilizavam pescado na época do defeso, optando por outros gêneros alimentícios desse grupo em épocas de reprodução das espécies animais. Já Kwoka, Huang e Hu (2016) afirmaram que a presença de “atributos verdes” em serviços gastronômicos é algo positivo perante os clientes, que consideram relevante, por exemplo, a inserção dos ingredientes agroecológicos e alimentos fornecidos por produtores locais em cardápios desses estabelecimentos. Ressalta-se que a contratação de fornecedores que atuam nas proximidades da organização pode contribuir com a sustentabilidade local, uma vez que favorece a geração de renda pelas empresas contratadas.

Na análise do tópico “Ações sustentáveis na gestão de estoque” o empreendimento atendeu todos os quesitos pesquisados. Com relação às

“Ações sustentáveis relacionadas ao preparo e ao pré-preparo dos alimentos”, o empreendimento possuía fichas técnicas de preparação culinária e orientação sobre técnicas de produção para evitar falhas. Sobre este ponto é importante mencionar que o chef de cozinha acompanhava e instruía todos os processos, além de, em suas horas vagas, treinar os funcionários sobre vários temas, inclusive visando uma futura promoção desses indivíduos. No dia da visita pertinente à presente pesquisa ele treinava, por exemplo, uma steward para futuramente ocupar o cargo de auxiliar de cozinha. Por outro lado, o Departamento não praticava o aproveitamento integral de alimentos e não utiliza as fichas técnicas de preparação culinária dos pratos que constam em seu cardápio. Outros pontos que não atenderam aos requisitos apresentados no checklist são a falta de monitoramento do tempo de cocção, pois apenas a temperatura de preparo dos alimentos é acompanhada, e a ausência de fichas técnicas para as bebidas. Destaca-se que, de acordo com Santiago e Roque (2016), as fichas técnicas contribuem para a “padronização da produção das refeições e beneficiar os trabalhos dos profissionais na cozinha pois facilitam o planejamento e execução das refeições”. Além disso, enfatiza-se que os cuidados para minimizar ou preferencialmente prevenir quaisquer tipos de desperdícios são essenciais à gestão *lean*, iniciativa que pode favorecer tanto a sustentabilidade financeira (pelas menores despesas com aquisição de insumos) quanto ambiental (em função da menor geração de lixo) de um serviço gastronômico.

Ainda com relação às questões ambientais, a avaliação das “Ações sustentáveis relacionadas ao tratamento e destino de resíduos” foi possível perceber que o empreendimento não realizava procedimentos de reciclagem. Sobre esse tipo de ação, apenas os resíduos graxos são armazenados e posteriormente coletados por uma empresa específica. Os funcionários do Departamento são orientados, através de treinamento, sobre temas ligados à reciclagem, mas não colocam esses conhecimentos em prática durante a execução de suas rotinas de trabalho. Santos e Martinazzo (2018) comentaram, em uma pesquisa realizada com serviços de alimentação e empresas coletoras de resíduos graxos, sobre a relevância da reciclagem do óleo residual

proveniente de restaurantes, enaltecendo o papel dessa iniciativa na preservação ambiental e na logística reversa de resíduos.

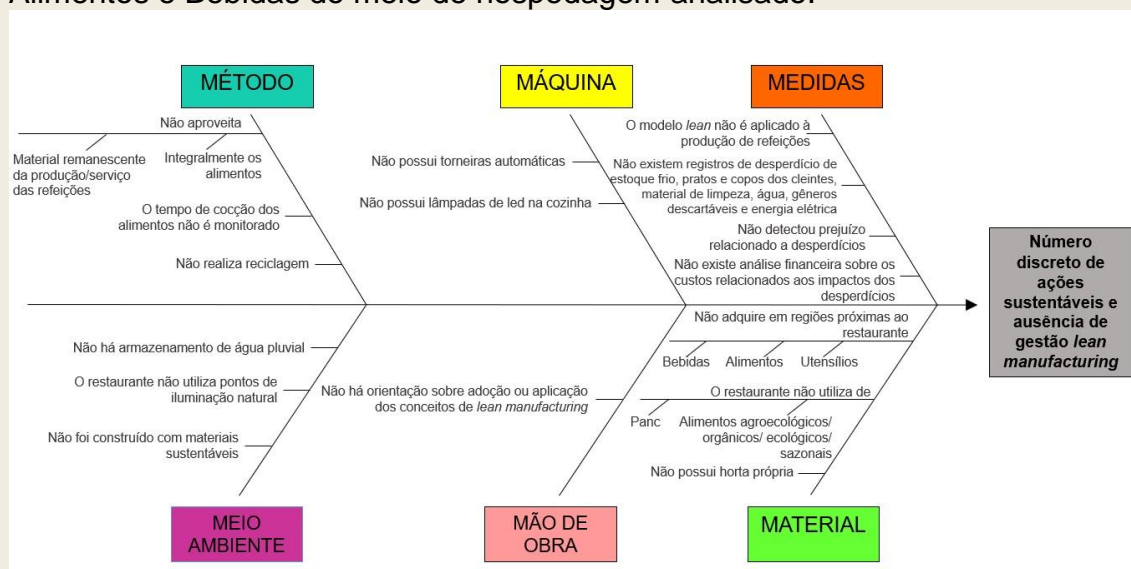
Sobre a “Aplicação dos princípios do *lean manufacturing*” o Departamento atendeu aos seguintes itens: a produção é interrompida quando ocorre falha no processo, há registro de desperdício de gêneros alimentícios em estoque seco (com destaque para a validade de bebidas), é realizada uma avaliação dos funcionários no que tange aos desperdícios causados por eles, o sistema de produção das refeições ocorre parcialmente mediante demanda (just in time) em três de seus quatro serviços (o café da manhã é produzido segundo o número de hóspedes, já o almoço, jantar e *room service* são fornecidos por sistema just in time), existem ações preventivas para evitar falhas, os equipamentos são regularmente calibrados e também possuem verificação de temperatura constante. Destaca-se que a metodologia lean permite apromorar o planejamento e o controle dos processos de produção (D’Antonio, Bedolla e Chiabert, 2017) de uma organização, que configuram vantagens não apenas para serviços gastronômicos, mas para quaisquer organizações que desenvolvem processos produtivos.

O conceito de *lean manufacturing* não é conhecido pela gerência e pelos colaboradores, portanto, os princípios desse método não são aplicados no Departamento em questão: não há ferramenta para gestão da qualidade dos alimentos, não há registro de desperdícios relacionados aos colaboradores, equipamentos ou utensílios, não há registro dos pratos que mais geram receita nem das etapas que agregam mais valor à produção destes; embora o chef de cozinha tenha afirmado que esses conhecimentos relacionados aos pratos estão em “sua memória”. Noorwali (2013) já destacou, em uma pesquisa pregressa, a aplicabilidade da gestão *lean* enquanto iniciativa para reduzir o desperdício na produção industrial de alimentos, como é o caso da unidade estudada. Resultados de uma pesquisa de forma semelhante, o trabalho de Silva *et al.* (2021), que abordou ações sustentáveis em um restaurante do Rio Grande do Sul, enfatizou a importância do treinamento do pessoal, em função de “sua influência direta nos processos, o que pode auxiliar na redução dos desperdícios no restaurante”.

Também é válido mencionar que todos os dados referentes à produção devem ser documentados, e não apenas “mantidos na memória” de colaboradores com cargos de liderança, o que pode ser justificado por fatores como: maiores chances de falha humana por erros ou confusões relacionadas às informações em questão, bem como necessidade de compartilhamento dessas informações de maneira profissional com os demais membros da equipe.

Com base na análise dos resultados, a representação gráfica da aplicação do diagrama de causa de efeito (diagrama de Ishikawa) para os pontos que podem ser melhorados ou corrigidos no Departamento de Alimentos e Bebidas do meio de hospedagem está apresentada na figura 1. Já na tabela 1 estão as ações sustentáveis desenvolvidas para o serviço de alimentação estudado.

Figura 1. Aplicação do diagrama de causa de efeito para o Departamento de Alimentos e Bebidas do meio de hospedagem analisado.



Fonte: As autoras (2025).

Tabela 1. Propostas de ações sustentáveis aplicáveis ao Departamento de Alimentos e Bebidas (A&B) estudado através de aplicação de *checklist* e diagrama de Ishikawa.

Propostas de ações sustentáveis para o Departamento de A&B	Objetivos das ações sustentáveis
Adquirir gêneros alimentícios, utensílios e itens para decoração produzidos em regiões próximas ao restaurante.	Diminuir o impacto ambiental causado pelo transporte desses insumos, e contribuir com o incremento da economia (desenvolvimento) local.
Realizar compras mensais e semanais segundo as especificidades (graus de perecibilidade) dos grupos de gêneros alimentícios.	Evitar que os alimentos permaneçam por longos períodos em estoque, o que potencialmente propicia um maior risco de deterioração desses insumos, bem como mantém o capital investido na aquisição desses alimentos desnecessariamente parado.
Planejar adequadamente as compras e criar uma carta de possíveis fornecedores confiáveis.	Evitar a interrupção de produção por ausência de matérias-primas, bem como evitar o desperdício de gêneros deteriorados.
Elaborar fichas técnicas de preparação culinária (FTPC) para todos os pratos e <i>drinks</i> dos cardápios, e criar fluxogramas para facilitar a compreensão dos processos de execução dessas FTPC.	Evitar falhas técnicas e padronizar as preparações, também visando minimizar o desperdício de gêneros alimentícios (especialmente os mais perecíveis).
Privilegiar a aquisição dos gêneros vegetais em períodos de safra.	Exaltar a sazonalidade dos gêneros vegetais, valorizando alimentos com maior qualidade nutricional, bem como um menor preço de aquisição.
Elaborar receitas com todas as partes comestíveis dos vegetais, sem descartar cascas, caules, folhas e sementes que sejam viáveis à alimentação humana (ou seja, sem risco toxicológico atrelado ao seu consumo).	Aproveitar integralmente os alimentos, evitando possíveis desperdícios de partes comestíveis dos gêneros vegetais e reduzindo a geração de lixo orgânico.
Incluir nas FTPC alimentos provenientes de sistemas agroecológicos (“orgânicos”) e ecológicos, bem como plantas alimentícias não convencionais (PANC).	Utilizar produtos de maior qualidade nutricional, diversificados e ambientalmente responsáveis para a produção de refeições.

Implantação de horta	Ter disponíveis os alimentos frescos e economizar capital na aquisição de insumos.
Zelar pela manutenção periódica das tubulações hidráulicas do estabelecimento.	Prevenir possíveis vazamentos e, por conseguinte, o desperdício de água e os problemas de contaminação atrelados a esse recurso.
Usar quantidades adequadas de produtos específicos para a higienização de alimentos <i>in natura</i> , equipamentos e utensílios.	Evitar contaminação (de múltiplas fontes) e desperdícios de produtos de limpeza e higienização.
Instalar torneiras com sensor de abertura e fechamento automático.	Prevenir desperdícios de água por esquecimento da torneira aberta, e evitar que os colaboradores toquem na torneira, reduzindo esta etapa de manipulação (redução do risco da contaminação cruzada).
Instalação de lâmpadas de LED.	Economia de energia e melhora da visibilidade no ambiente.
Aproveitar a iluminação natural no salão do restaurante.	Economia de energia nos períodos de manhã e tarde.
Instalar uma estrutura capaz de armazenar água pluvial.	Reutilizar água pluvial na lavagem de ambientes externos e manutenção de hortas e/ou jardins.
Treinar os colaboradores quanto ao uso racional da água.	Conscientizar a equipe sobre esse tema, visando minimizar o desperdício desse recurso durante as operações de produção de refeições e limpeza.
Usar, quando possível, o ar-condicionado somente em locais realmente necessários, ligá-lo somente quando estiver próximo do horário no qual os clientes começarão a chegar ao restaurante.	Evitar desperdício de energia elétrica.
Zelar pela manutenção periódica da estrutura elétrica do restaurante.	Evitar desperdício de energia elétrica.
Usar materiais sustentáveis na construção civil, ampliação e obras em geral nos ambientes relacionados ao Departamento de Alimentos e Bebidas.	Valorizar o emprego de materiais menos agressivos, duráveis e que provocam o mínimo de impacto possível para sua obtenção.

Elaborar orientações sobre as técnicas de produção adequadas de alimentos.	Evitar a geração de resíduos a partir de falhas nas técnicas de preparo dos alimentos, como, por exemplo, o descarte de refeições com textura inadequada pelo cozimento excessivo (macarrão que não está <i>al dente</i> , preparação assada que ressecou ou queimou), uso excessivo de condimentos, óleos, gorduras e sal, entre outras.
Registrar desperdícios do estoque frio.	Controlar quantidades de gêneros alimentícios e capital perdido, evitar falhas futuras através de análises desses desperdícios e elaborar propostas de melhorias.
Registrar desperdícios de material de higiene e limpeza, revendo procedimentos operacionais relacionados a estas rotinas.	Controlar as quantidades de gêneros de higiene e limpeza, visando detectar não-conformidades nos procedimentos em questão.
Registrar desperdícios diversos decorrentes da produção de refeições.	Controlar as quantidades de insumos perdidos, identificando quais técnicas estão sendo aplicadas de maneira inadequada nesse tipo de atividades.
Criar protocolos de ações corretivas quando ocorrem falhas na produção.	Formação e conscientização dos colaboradores via treinamento, a partir da padronização de todos os processos para a produção de refeições.
Realizar a análise financeira sobre os custos relacionados aos desperdícios.	Controlar custos e gerar dados para o controle de desperdícios.
Conscientizar todos os colaboradores sobre a importância das ações sustentáveis implementadas.	Criar um ambiente onde todos estejam trabalhando de forma coesa, focados no mesmo objetivo, cientes da contribuição de cada colaborador para esse tipo de ação.
Orientar os funcionários sobre os conceitos atrelados ao <i>lean manufacturing</i> e a aplicação desse modelo de gestão.	Apresentar novas ferramentas de trabalho e incentivar a participação dos colaboradores, bem como estimular a conscientização desses indivíduos.

Fonte: As autoras (2025).

Conclusão

Através da aplicação do *checklist* e do estudo de causas e efeitos das não conformidades pelo diagrama de Ishikawa, foi possível verificar que os fundamentos de *lean manufacturing* são aplicáveis ao Departamento de

Alimentos e Bebidas avaliado. Adicionalmente, a implementação de ações sustentáveis e soluções que permitiriam uma maior eficiência na produção de refeições (propostas ações envolvendo mudanças nos 6M) é viável, considerando a possível implementação das atividades sugeridas nesse trabalho.

Os possíveis custos atrelados a essas mudanças são variáveis, visto que algumas dessas iniciativas não aumentarão as despesas dessas organizações, pois demandam apenas alterações nas rotinas do Departamento, como planejar adequadamente as compras e criar uma carta de possíveis fornecedores confiáveis, elaborar fichas técnicas e fluxogramas para todas as preparações culinárias do menu, registrar qualquer tipo de desperdício e treinar os colaboradores quanto ao uso racional da água. Entretanto, outras mudanças propostas envolvem investimentos de valores diversos como a instalação de uma estrutura para armazenamento de água pluvial, torneiras com sensor de abertura e fechamento automático, luzes de LED, aquisição de alimentos provenientes de sistemas agroecológicos, criação e manutenção de hortas e uso de materiais de construção sustentáveis.

Esse Departamento poderia aprimorar suas ações no que tange ao melhor aproveitamento dos alimentos, materiais, recursos financeiros e recursos humanos, evitando desperdícios e também gerando melhores resultados organizacionais. Ainda com relação aos recursos humanos, ressalta-se que a gestão *lean* é um método baseado em melhorias contínuas em processos produtivos e também no aprimoramento profissional dos colaboradores, considerando que a produção enxuta permite que os funcionários atuem ativamente em operações que geram desperdícios de várias ordens.

Considerando o número discreto de trabalhos envolvendo o tema central dessa pesquisa, recomenda-se a realização de mais estudos envolvendo a aplicação da gestão *lean* na área de alimentação, tanto para conhecer as rotinas das organizações que trabalham com a produção enxuta quanto para difundir as vantagens de utilização do *lean manufacturing*.

Agradecimento

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela bolsa de iniciação científica concedida à primeira autora deste trabalho.

Referências

ABU, F.; GHOLAMI, H.; SAMAN, M. Z. M.; ZAKUAN, N.; STREIMIKIENE, D. The implementation of lean manufacturing in the furniture industry: a review and analysis on the motives, barriers, challenges, and the applications. *Journal of Cleaner Production*, v. 234: 660 – 680, 2019.

ALONSO-ALMEIDA, M. M. Environmental management in tourism: students' perceptions and managerial practice in restaurants from a gender perspective. *Journal of Cleaner Production*, v. 60: 201 – 207, 2013.

BRITO, T. C.; SANTOS, L. C. Aplicabilidade de práticas de produção enxuta em operações de serviços: uma análise pela perspectiva de volume e variedade. *Applicability of lean production practices in service operations: an analysis through the volume and variety perspective. Exacta*, v. 17, n. 3: 100 – 120, 2019.

CASTRO, R. S. D.; VIEITES, R. L.; DAIUTO, E. R. Boas Práticas no consumo de energia em restaurantes da cidade de Botucatu. *Revista Energia na Agricultura*, v. 30, n. 1: 94 – 97, 2015.

CONDÉ, G. C.; MARTENS, M. L. Projetos lean manufacturing para geração de portfólio: uma revisão da literatura. *Exacta*, v. 16, n. 1: 103 – 122, 2018.

COSTA, L. B. M.; GODINHO FILHO, M.; FREDENDALL, L. D.; GANGA, G. M. D. The effect of lean six sigma practices on food industry performance: Implications of the Sector's experience and typical characteristics. *Food Control*, v. 112: 107110, 2020.

COSTA, L. B. M.; GODINHO FILHO, M.; FREDENDALL, L.D.; PAREDES, F. J. G. Lean, six sigma and lean six sigma in the food industry: A systematic literature review. *Trends in Food Science & Technology*, v. 82: 122 – 133, 2018.

D'ANTONIO, G.; BEDOLLA, J. S.; CHIABERTA, P. A novel methodology to integrate Manufacturing Execution Systems with the lean manufacturing approach. *Procedia Manufacturing*, v. 11: 2243 – 2251, 2017.

DHINGRA, R.; KRESS, R.; UPRETI, G. Does lean mean green? *Journal of Cleaner Production*, v. 85, n. 15: 1 – 7, 2014.

DORA, M.; GELLYNCK, X. House of lean for food processing SMEs. *Trends in Food Science & Technology*, v. 44, n. 2: 272 – 281, 2015.

DORA, M.; KUMAR, M.; GOUBERGEN, D. V.; MOLNAR, A.; GELLYNCK, X. Operational performance and critical success factors of lean manufacturing in European food processing SMEs. *Trends in Food Science & Technology*, v. 31, n. 2: 156 – 164, 2013.

DUES, C. M.; TAN, K. H.; LIM, M. Green as the new Lean: how to use lean practices as a catalyst to greening your supply chain. *Journal of Cleaner Production*, v. 40: 93 – 100, 2013.

FARIA JÚNIOR, C. H.; RODRIGUES, B. R.; SILVA, G. M. Comercialização de pescado em restaurantes de balneários de Santarém e Belterra, Pará, Brasil. *Brazilian Journal of Development*, v. 6, n. 2: 8932 – 8947, 2020.

FOLINAS, D.; AIDONIS, D.; TRIANTAFILLOU, D.; MALINDRETOS, D. Exploring the greening of the food supply chain with lean thinking techniques. *Procedia Technology*, v. 8: 416 – 424, 2013.

GALEAZZO, A.; FURLAN, A.; VINELLI, A. Lean and green in action: interdependencies and performance of pollution prevention projects. *Journal of Cleaner Production*, v. 85, n. 15: 191 – 200, 2014.

KRAUSE, R. W.; BAHLS, A. A. D. S. M. Orientações gerais para uma gastronomia sustentável. *Turismo: Visão e Ação*, v. 15, n. 3: 434 – 450, 2013.

KWOKA, L.; HUANG, Y. K.; HU, L. Green attributes of restaurants: what really matters to consumers? *International Journal of Hospitality Management*, v. 55: 107–117, 2016.

MACEDO, C. C. Sustentabilidade em alimentação fora do lar: desafios e vantagens. Brasília: Sebrae, 44 p, 2015.

MULUGETA, L. Productivity improvement through lean manufacturing tools in Ethiopian garment manufacturing company. Materials Today: Proceedings, v. 37, n. 2: 1432 – 1436, 2021.

NOORWALI, A. Apply lean and Taguchi in different level of variability of food flow processing system. Procedia Engineering, v. 63: 728 – 734, 2013.

OLIVEIRA, L. R.; MEDEIROS, R. M.; TERRA, P. B.; QUELHAS, O. L. G. Sustentabilidade: da evolução dos conceitos à implementação como estratégia nas organizações. Produção, v. 22, n. 1: 70 – 82, 2012.

PÉREZ, A.; DEL BOSQUE, I. R. Sustainable development and stakeholders: a renew proposal for the implementation and measurement of sustainability in hospitality companies. Knowledge and Process Management, v. 21, n. 3, 198 – 205, 2014.

PIANA, M. C. A. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 233 p, 2009.

JAYANTH, B. V.; PRATHAP, B. V.; SIVARAMAN, P.; YOGESH, S.; MADHU, S. Implementation of lean manufacturing in electronics industry. Materials Today: Proceedings, v. 33, n. 1: 23 – 28, 2020.

SAKAGUCHI, L.; PAK, N.; POTTS, M. D. Tackling the issue of food waste in restaurants: options for measurement method, reduction and behavioral change. Journal of Cleaner Production, v. 180: 430 – 436, 2018.

SANTIAGO, A. D. B. R.; ROQUE, D. W.B. Fichas técnicas de preparações para restaurante de autosserviço. Revista Processos Químicos, v. 10, n. 20: 213 – 221, 2016.

SANTOS, L. P. A.; MARTINAZZO, A. P.; FREITAS, W. K. Atuação dos restaurantes na logística reversa do óleo de cozinha no município de Volta Redonda/RJ. *Engevista*, v. 20, n. 4: 589 – 600, 2018.

SANTOS, R. A.; MÉXAS, M. P.; MEIRIÑO, M. J.; SAMPAIO, M. C.; COSTA, H. G. Criteria for assessing a sustainable hotel business. *Journal of Cleaner Production*, v. 262: 121347, 2020.

SEHNEM, E. H.; KIPPER, L. M.; SILVA, J. I.; FREITAS, F.; CHOAIRE, G. T. Utilização dos princípios da manufatura enxuta e ferramenta de mapeamento de fluxo de valor para a identificação de desperdícios no estoque de produto acabado. *Exacta*, v. 18, n. 1: 165-184, 2020.

SILVA, D. J. C.; JOHANN, D. A.; NUNES, A. F. P.; SERPA, N. P.; POZZER, R. H. P. Alternativas de melhoria da qualidade nos processos de um restaurante sob a ótica das práticas sustentáveis. *Exacta*, v. 19, n. 4: 764-784, 2021.

SIMANOVÁ, L.; PAVOL GEJDOŠ, P. The use of statistical quality control tools to quality improving in the furniture business. *Procedia Economics and Finance*, v. 34: 276 – 283, 2015.

TANCO, M.; SANTOS, J.; RODRIGUEZ, J. L.; REICH, J. Applying lean techniques to nougat fabrication: a seasonal case study. *International Journal Adventure Manufacturing Technology*, v. 68: 1639 – 1654, 2013.

WU, L.; HE, Z.; KING, C.; MATTILA, A. S. In darkness we seek light: the impact of focal and general lighting designs on customers' approach intentions toward restaurants. *International Journal of Hospitality Management*, v. 92: 102735, 2021.

FORMAÇÃO CONTINUADA DE DOCENTES E AS TDICs NA SOCIEDADE DE RISCO: RISCOS E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO SUPERIOR URBANO

Maxilane Silva Viana¹

Márcio Luiz Correa Vilaça²

Resumo

Este artigo analisa os principais riscos enfrentados pelos professores do Ensino Superior no uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) em suas práticas docentes, considerando o contexto da sociedade de risco, com ênfase nas desigualdades urbanas e na democratização do conhecimento. A pesquisa ressalta a importância da formação continuada de docentes do Ensino Superior, sem se limitar a esferas públicas ou privadas, áreas ou disciplinas específicas. Essa escolha reflete o entendimento de que o aprimoramento profissional é essencial em todos os contextos educacionais. Fundamentado nas teorias centrais de Ulrich Beck (2011), David Harvey (2014) e Stuart Hall (1997), este estudo utiliza uma revisão bibliográfica para discutir os principais riscos do uso das TDICs, como o preparo insuficiente dos docentes, o acesso limitado dos estudantes às tecnologias digitais e à internet, a falta de tempo dos docentes para planejar o uso das TDICs em suas práticas pedagógicas e a fragmentação pedagógica no uso das tecnologias digitais. A análise ressalta a importância da formação continuada como estratégia essencial para preparar os professores a enfrentar esses riscos, promovendo práticas pedagógicas inclusivas, reflexivas e críticas. Além disso, o artigo destaca a necessidade de políticas institucionais que garantam infraestrutura adequada e suporte para o uso eficaz das tecnologias em ambientes educacionais urbanos. Por fim, as contribuições do estudo destacam a necessidade de fortalecer a formação continuada de docentes, visando garantir um ensino e aprendizado mais equitativo, inclusivo e transformador.

Palavras-chave: Sociedade de Risco; Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs); Ensino Superior; Formação Continuada.

Abstract

This article analyzes the main risks faced by higher education teachers when using digital information and communication technologies (DICTs) in their teaching practices, considering the context of the risk society, with an emphasis

¹ Estudante de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da Unigranrio|Afya.

² Professor Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da Unigranrio|Afya.

on urban inequalities and the democratization of knowledge. The research highlights the importance of continuing education for higher education teachers, without limiting itself to public or private spheres, specific areas or disciplines. This choice reflects the understanding that professional development is essential in all educational contexts. Based on the central theories of Ulrich Beck (2011), David Harvey (2014) and Stuart Hall (1997), this study uses a literature review to discuss the main risks of using DICTs, such as insufficient teacher preparation, limited student access to digital technologies and the internet, lack of time for teachers to plan the use of DICTs in their pedagogical practices and pedagogical fragmentation in the use of digital technologies. The analysis highlights the importance of continuing education as an essential strategy to prepare teachers to face these risks, promoting inclusive, reflective and critical pedagogical practices. In addition, the article highlights the need for institutional policies that guarantee adequate infrastructure and support for the effective use of technologies in urban educational environments. Finally, the study's contributions highlight the need to strengthen continuing education for teachers, aiming to ensure more equitable, inclusive and transformative teaching and learning.

Keywords: Risk Society; Digital Information and Communication Technologies (DICTs); Higher Education; Continuing Education.

Introdução

O avanço das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) tem transformado as dinâmicas sociais e educacionais, trazendo novas possibilidades e gerando desafios significativos, especialmente no Ensino Superior. No contexto da sociedade de risco, conforme descrito por Ulrich Beck (2011), os riscos associados a essas transformações vão além de questões locais e previsíveis, assumindo uma dimensão global, complexa e frequentemente imprevisível. Beck (2011) enfatiza que os riscos, frequentemente resultantes de ações humanas, afetam de forma desigual diferentes grupos sociais, ampliando desigualdades já existentes e exigindo uma abordagem reflexiva para sua gestão.

No âmbito educacional, as TDICs oferecem oportunidades para inovação pedagógica, contudo, ampliam vulnerabilidades, como a exclusão digital, a falta de preparo docente e as dificuldades estruturais enfrentadas pelas instituições de ensino. Essa realidade é ainda mais evidente em áreas urbanas marcadas

por desigualdades sociais, onde o acesso a tecnologias e a infraestrutura básica frequentemente é limitado.

David Harvey (2014), ao discutir o direito à cidade, destaca a importância de garantir acesso equitativo a recursos urbanos, como educação e espaços públicos, como forma de promover a inclusão social e a justiça econômica. Embora Harvey não mencione diretamente as tecnologias digitais, sua análise pode ser interpretada no contexto atual para incluir o acesso as TDICs, que desempenham um papel significativo na participação na sociedade atual. Contudo, a distribuição desigual das tecnologias digitais perpetua barreiras estruturais, limitando o acesso ao conhecimento.

Paralelamente, Stuart Hall (1997) aborda a fragmentação das identidades na modernidade tardia, destacando como as transformações culturais e tecnológicas impactam a construção das identidades individuais e coletivas. No contexto educacional, essas mudanças demandam práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e social dos estudantes, promovendo um uso crítico, reflexivo e inclusivo das tecnologias.

Diante desse cenário, este artigo analisa os principais riscos enfrentados pelos professores do Ensino Superior no uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) em suas práticas docentes, considerando o contexto da sociedade de risco, com ênfase nas desigualdades urbanas e na democratização do conhecimento. Baseado nas contribuições teóricas de Ulrich Beck (2011), David Harvey (2014) e Stuart Hall (1997), o estudo propõe interpretações que ajudam a compreender e abordar essas questões de forma crítica e contextualizada. Além disso, discute a importância da formação continuada como estratégia essencial para mitigar esses riscos e promover práticas educativas mais inclusivas e equitativas, alinhadas às demandas da sociedade.

1. Sociedade de risco e os desafios do uso das TDICs no Ensino Superior

Ulrich Beck, em sua obra *Sociedade de Risco: Rumo a uma Outra Modernidade* (2011), analisa como as transformações industriais, científicas e sociais da modernidade geraram novos riscos e desafios globais. Ele afirma que,

ao longo da modernidade, a produção de riqueza é acompanhada pela produção de riscos. Esses riscos, no entanto, não são mais locais ou facilmente previsíveis; ao contrário, são globais, complexos e frequentemente imprevisíveis.

Beck (2011) define o termo "risco" em dois sentidos distintos. O primeiro está relacionado a um contexto governado pelas leis da probabilidade, no qual é possível medir e calcular com precisão. O segundo refere-se a incertezas não quantificáveis, ou seja, riscos que não podem ser mensurados. Ele enfatiza que, ao tratar da sociedade de risco, adota esse segundo significado.

No contexto atual, os riscos vão além de desastres naturais, abrangendo ameaças criadas pela ação humana, como poluição, crises econômicas, mudanças climáticas e riscos tecnológicos. Esses riscos afetam os grupos sociais de maneira desigual, ampliando as desigualdades existentes, uma vez que os mais vulneráveis dispõem de menos recursos para enfrentá-los. De acordo com Beck (2011), a sociedade de risco exige uma abordagem reflexiva, na qual indivíduos e instituições devem antecipar, avaliar e gerenciar riscos diante de incertezas. Esse cenário desafia os modelos tradicionais de organização social, política e econômica.

Embora Ulrich Beck (2011) não aborde diretamente a aplicação do conceito de sociedade de risco ao uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), suas análises podem oferecer uma perspectiva para compreender os desafios educacionais no contexto da sociedade contemporânea. O autor enfatiza que os riscos da modernidade tardia, frequentemente resultantes de decisões humanas, exigem uma abordagem reflexiva para serem avaliados e gerenciados.

No âmbito educacional, a introdução das TDICs reflete esse cenário, trazendo tanto oportunidades quanto desafios e incertezas que impactam diretamente docentes, estudantes e instituições de ensino. Mesmo diante dos riscos e desafios, de acordo com Fava (2014), para que um sistema acadêmico seja bem-sucedido, é essencial que a educação esteja alinhada ao contexto da realidade cotidiana.

Portanto, analisar os riscos enfrentados pelos professores do Ensino Superior no uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) em suas práticas docentes, oferece uma perspectiva crítica para compreender as vulnerabilidades e desigualdades amplificadas pela incorporação dessas tecnologias.

Portanto, a seguir, destacam-se alguns dos principais riscos que podem ser enfrentados pelos docentes do Ensino Superior no uso das TDICs:

Preparo insuficiente dos docentes na utilização das TDICs

O preparo insuficiente dos docentes na utilização das TDICs, em suas práticas docentes, é um dos riscos mais significativos enfrentados no Ensino Superior. Esse problema decorre, em grande parte, da lacuna entre a formação inicial dos professores e as exigências práticas do contexto tecnológico digital atual. Muitos cursos de licenciatura e bacharelado não incluem disciplinas ou práticas que integrem as tecnologias digitais de forma crítica, reflexiva e pedagógica, deixando os docentes sem o preparo necessário para utilizá-las de maneira efetiva.

Professores sem formação adequada tendem a utilizar as TDICs de forma expositiva, limitando-se a apresentações de slides, vídeos ou plataformas de ensino que somente replicam modelos tradicionais. Essa superficialidade impede o uso pleno das potencialidades das tecnologias digitais, como a interação, a colaboração e o aprendizado baseado em resolução de problemas. Consequentemente, os estudantes perdem oportunidades de desenvolver habilidades e competências, como o pensamento crítico, a criatividade e a autonomia. Ademais, a falta de preparo gera insegurança entre os docentes, que podem resistir à adoção de novas ferramentas por medo de erros ou da percepção de que não possuem controle sobre os recursos tecnológicos.

Os professores que não estão preparados para utilizar as TDICs de forma inclusiva podem reforçar desigualdades entre os alunos. Por exemplo, atividades que requerem habilidades tecnológicas avançadas podem desconsiderar estudantes que não tiveram acesso prévio às tecnologias,

excluindo-os do processo de aprendizagem. Assim, para enfrentar esses desafios/riscos, é fundamental fortalecer a formação inicial, implementando disciplinas que abordem o uso pedagógico das TDICs, e investir em programas de formação continuada.

Para mais, de acordo com Carlini e Tarcia (2010, p.47), é importante destacar que:

As tecnologias, seus recursos e suas ferramentas não têm significado pedagógico se forem tratadas de forma isolada e desconexa do processo educativo. É o professor quem atribui valor pedagógico a elas, tornando-as geradoras de situações de aprendizagem.

Dessa forma, os programas de formação continuada devem formar os docentes tanto em habilidades técnicas, quanto em estratégias pedagógicas que promovam o uso crítico, reflexivo e inclusivo das tecnologias digitais, além de oferecer suporte institucional que garanta a infraestrutura necessária para sua aplicação no processo de ensino e aprendizagem.

Condição de acesso dos estudantes às TDICs e à internet

A desigualdade no acesso às tecnologias digitais e à internet é uma manifestação direta do risco de exclusão digital, um dos aspectos críticos no uso das TDICs no Ensino Superior. Estudantes de contextos socioeconômicos desfavorecidos frequentemente enfrentam dificuldades para acessar dispositivos como computadores, tablets ou smartphones e para manter uma conexão de internet de qualidade. Essas limitações podem comprometer o acompanhamento das aulas, e a realização de atividades extracurriculares, como pesquisas e trabalhos colaborativos.

Esse tipo de risco é intensificado em áreas urbanas com altos níveis de desigualdade social, onde a infraestrutura tecnológica frequentemente não consegue suprir as necessidades de acesso a dispositivos, internet de qualidade e suporte técnico adequados para estudantes e professores.

Em uma matéria publicada, no ano de 2019, na página do site *O Globo*, foi feita a seguinte afirmação:

RIO- Com uma rede composta por mais de 180 mil escolas, o uso de tecnologia nas salas de aula do Brasil não é realidade em grande parte das instituições de ensino. Seja por uma questão de infraestrutura ou pela falta de formação adequada para o corpo docente, a realidade, segundo professores, é bem distante da ideal.³

A exclusão digital não se limita ao acesso físico; contudo, ela abrange habilidades insuficientes para utilizar as tecnologias de forma significativa. Docentes e estudantes que não recebem suporte institucional adequado, como acesso a infraestrutura tecnológica ou programas de capacitação em tecnologia, enfrentam dificuldades significativas no processo educacional. Essa falta de suporte agrava as desigualdades já existentes, limitando as oportunidades de aprendizado e a inclusão no Ensino Superior.

Portanto, superar esse risco exige políticas públicas específicas, como a ampliação de programas de conectividade em áreas urbanas periféricas, iniciativas de distribuição gratuita ou subsidiada de dispositivos tecnológicos para estudantes de baixa renda, e o financiamento de programas de formação continuada para docentes. Além disso, ações institucionais, como parcerias com empresas de tecnologia para oferecer acesso a plataformas digitais educativas e infraestrutura de internet de qualidade nas instituições de ensino, são fundamentais para garantir acesso equitativo às tecnologias digitais.

Condição do tempo do professor para o planejamento didático quanto ao uso das tecnologias digitais nas práticas docentes

O uso significativo das TDICs nas práticas docentes requer planejamento didático detalhado, o que demanda tempo e recursos. Mas, muitos professores enfrentam sobrecarga de trabalho, equilibrando atividades de ensino, pesquisa e extensão. A falta de tempo é um risco significativo, pois pode levar a uma integração superficial das tecnologias, comprometendo sua efetividade pedagógica.

³ <<https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/educacao-360/falta-de-estrutura-de-formacao-impede-tecnologia-nas-escolas-23510040>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

De acordo com Libâneo (2008, p.222), “o trabalho docente [...] não se restringe à sala de aula; pelo contrário, está diretamente ligado a exigências sociais e à experiência de vida dos alunos.”. Diante disso, entende-se que planejar é uma atividade complexa.

A inclusão de tecnologias no planejamento didático exige que os professores adaptem seus métodos de ensino, desenvolvam materiais digitais e aprendam a operar ferramentas específicas. Quando o tempo disponível é insuficiente, os docentes tendem a utilizar as TDICs tão somente como recursos expositivos, sem explorar plenamente seu potencial interativo e colaborativo. Esse desafio torna-se ainda mais crítico devido à ausência de suporte institucional, como a oferta de programas de formação continuada e a redução da carga horária destinada ao planejamento didático.

Fragmentação pedagógica e o uso das TDICs

A fragmentação pedagógica no uso das TDICs reflete a necessidade de maior preparo dos docentes e de um planejamento mais integrado das práticas educacionais. Quando as TDICs não são utilizadas de maneira articulada com os objetivos pedagógicos, surgem práticas desconexas, incoerentes e, muitas vezes, contraproducentes. Professores podem enfrentar dificuldades em planejar e estruturar sequências didáticas que integrem as tecnologias de forma consistente, o que pode resultar em abordagens superficiais ou repetitivas.

Essa fragmentação compromete a qualidade do ensino e a capacidade de promover a razão de aprendizagens significativas, reduzindo o engajamento dos alunos e dificultando o desenvolvimento de competências como o pensamento crítico, a criatividade e a colaboração.

Superar a fragmentação pedagógica exige esforços concentrados em formação continuada de docentes, suporte institucional e mudanças nas práticas de ensino. A formação continuada é essencial para que os professores desenvolvam competências pedagógicas que integrem as TDICs de maneira crítica e criativa, alinhando as ferramentas tecnológicas aos objetivos educacionais. À vista disso, Veraszto *et al.* (2009) acrescentam que, mais do

que produzir ou apresentar a resolução de um problema, a tecnologia requer a razão, o motivo e a intenção do que se pretende alcançar.

É necessário adotar metodologias ativas que promovam práticas colaborativas e interativas, explorando o potencial das tecnologias para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Planejar atividades de forma integrada e personalizada, considerando as necessidades e perfis dos estudantes é fundamental para garantir coesão curricular, inclusão e relevância no uso das TDICs. Ao superar esses desafios, as tecnologias podem ser transformadas em aliadas para criar experiências educacionais mais engajantes, inclusivas e significativas.

2. Direito à cidade e inclusão digital

David Harvey, em *Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana (2014)*, destaca que o direito à cidade engloba o acesso equitativo a recursos urbanos essenciais, como educação, saúde, transporte e espaços públicos, considerados fundamentais para a promoção da inclusão social e da justiça econômica. Ele argumenta que esses recursos, quando apropriados de forma desigual, reforçam dinâmicas de exclusão social e econômica, evidenciando a necessidade de uma reorganização estrutural que priorize o bem-estar coletivo.

Embora David Harvey não trate diretamente das tecnologias digitais em sua análise, é possível interpretar seu conceito de direito à cidade de maneira ampliada, incluindo o acesso às TDICs. Essa aplicação é interpretativa e fundamentada na relevância contemporânea das tecnologias digitais como recurso essencial para a inclusão social e a democratização do conhecimento.

Os autores Lapa, Lacerda e Coelho (2018, p.21), afirmam que as tecnologias contemporâneas e a sociedade informacional estão interligadas com a sociedade e suas esferas. Ainda apontam que:

No discurso sobre as mudanças sociais contemporâneas, destaca-se a presença inevitável das tecnologias de informação e comunicação (TICs). [...] estão imbricadas na vida cotidiana como produto e também como produtoras.

As tecnologias digitais influenciam novas formas de pensar, sentir e agir, impactando as práticas sociais contemporâneas. Tais práticas, mediadas ou não pelas TDICs, atravessam e transformam áreas como a economia, a política, a educação e a cultura, trazendo tanto benefícios, quanto desafios. Essas tecnologias desempenham um papel central na democratização do conhecimento e na inclusão social. Contudo, assim como os recursos urbanos tradicionais, as TDICs, quando utilizadas de maneira desigual, acabam por perpetuar barreiras e aprofundar as desigualdades existentes.

Essa abordagem do direito à cidade reforça a necessidade de políticas públicas e institucionais que promovam a equidade no acesso às tecnologias digitais, permitindo que as TDICs sejam utilizadas como ferramentas de transformação social e educativa. A análise de Harvey oferece uma base teórica sólida para compreender como a inclusão digital está intrinsecamente ligada ao direito à cidade, ressaltando que a integração das TDICs deve ser acompanhada de iniciativas que garantam acesso universal e suporte contínuo, especialmente em contextos urbanos marcados pela desigualdade.

Os recursos urbanos, incluindo os recursos tecnológicos, são moldados por interesses econômicos que frequentemente marginalizam as populações vulneráveis. No Ensino Superior, isso reflete-se em limitações na infraestrutura, como laboratórios inadequados, conexão instável à internet e insuficiência de dispositivos para docentes e alunos. Essa inadequação compromete o uso das TDICs como ferramentas inclusivas, reproduzindo desigualdades existentes em vez de mitigá-las. Para mais, Harvey destaca que o direito à cidade deve incluir a democratização dos recursos urbanos. No entanto, muitos alunos e docentes enfrentam barreiras para acessar tecnologias básicas, como dispositivos e conexão à internet, especialmente em áreas urbanas periféricas. Essas barreiras criam disparidades na participação e no aprendizado, dificultando o pleno exercício do direito à educação e ao conhecimento, que são partes do direito à cidade.

O direito à cidade envolve a capacidade de transformar o espaço urbano para torná-lo mais justo. No contexto educacional, os docentes desempenham um papel central como mediadores desse direito ao integrar as TDICs de forma

que promovam a inclusão e o engajamento dos estudantes. Mas, sem formação continuada e suporte institucional, os professores enfrentam maiores riscos para adaptar suas práticas pedagógicas às necessidades dos alunos, especialmente em contextos de desigualdade urbana. Harvey associa a transformação urbana à participação ativa e ao planejamento coletivo.

No Ensino Superior, essa ideia se traduz na necessidade de planejamento pedagógico que considere as desigualdades de acesso e promova práticas colaborativas. A ausência de suporte institucional e a sobrecarga de trabalho dificultam que os docentes desempenhem esse papel transformador, limitando o potencial das TDICs como ferramentas efetivas de ensino e aprendizagem.

3. Fragmentação das identidades e ensino digital

Stuart Hall, em *Identidades Culturais na Pós-Modernidade* (1997), analisa como as identidades individuais e coletivas são construídas e transformadas em contextos históricos, culturais e sociais específicos. Ele aponta que, na modernidade tardia, as identidades tornam-se fragmentadas, fluídas e instáveis, como resultado de múltiplas transformações, incluindo a globalização, as mudanças culturais e os avanços nas tecnologias de comunicação.

Hall (1997) descreve como, anteriormente, as identidades eram percebidas como fixas e centradas, frequentemente vinculadas a uma cultura ou nação específicas. Na pós-modernidade, as identidades são múltiplas e em constante negociação, influenciadas por discursos culturais, históricos e midiáticos. A tecnologia e os meios de comunicação desempenham um papel central ao criar formas de pertencimento, ao mesmo tempo em que podem acentuar tensões e ampliar desigualdades.

Seguindo a perspectiva de Hall (1997) sobre a fragmentação das identidades, é possível estabelecer uma correlação interpretativa com o Ensino Superior, particularmente no uso das TDICs. Embora Hall não aborde diretamente as TDICs em sua análise, os princípios de sua discussão sobre identidades fragmentadas e fluídas permitem refletir sobre como essas tecnologias podem intensificar os desafios relacionados à diversidade cultural e

social no contexto educacional. Essas tecnologias espelham as mudanças nas identidades contemporâneas e intensificam os desafios relacionados à diversidade cultural e social dos estudantes.

A fragmentação das identidades descrita exige que os docentes compreendam a pluralidade cultural, social e econômica presente nas salas de aula. No entanto, muitos enfrentam o risco de ignorar os contextos individuais dos alunos, tratando a turma como um grupo homogêneo, o que pode resultar em práticas pedagógicas descontextualizadas e pouco inclusivas; reforçar estereótipos ou exclusões, especialmente ao utilizar tecnologias que favorecem certos perfis culturais ou econômicos. As TDICs, quando usadas sem reflexão crítica, podem amplificar essas desigualdades, criando barreiras para estudantes de contextos menos favorecidos ou com perfis culturais diversos.

Hall destaca que os meios de comunicação moldam identidades de forma fragmentada, muitas vezes privilegiando conteúdos superficiais e descontextualizados. No Ensino Superior, esse risco está presente quando as TDICs são utilizadas como ferramentas expositivas ou de reprodução de conteúdo, ignorando seu potencial para promover interatividade, criatividade e participação ativa.

Essa superficialidade reforça práticas pedagógicas centradas na transmissão de informações, em vez de promover o engajamento dos estudantes na construção de conhecimento relevante às suas realidades e identidades. É importante ressaltar que “este é um momento na história em que as tecnologias digitais já não podem ser analisadas apenas enquanto ferramentas, mas como participantes ativas em nossa cultura.” (Bortolazzo, 2016, p. 13).

Segundo Bates (2016, p. 259), “há um perigo em olhar muito para a tecnologia pura, e não o suficiente para os contextos pessoais, sociais e culturais em que usamos a tecnologia, particularmente a educação.”

Os docentes podem enfrentar o risco de não estarem preparados para lidar com as diferenças culturais e identitárias na mediação das TDICs. Isso se manifesta em falta de formação para criar conteúdos que respeitem e integrem a diversidade dos estudantes, bem como na dificuldade em adaptar as

tecnologias para atender às necessidades de grupos específicos, especialmente aqueles que enfrentam exclusão digital ou barreiras culturais.

Esses desafios ressaltam a importância da formação continuada para o desenvolvimento de competências tecnológicas e para a promoção de reflexões sobre identidade, diversidade e inclusão.

4. A importância da formação continuada para minimizar os riscos na utilização das TDICS no Ensino Superior

A formação continuada é um elemento essencial para preparar os docentes a enfrentar os desafios e riscos associados ao uso das TDICs no Ensino Superior, especialmente no contexto da sociedade de risco descrito por Ulrich Beck (2011). A formação continuada desempenha um papel estratégico ao permitir que os professores reflitam criticamente sobre suas práticas e desenvolvam novas abordagens que integrem as tecnologias digitais de maneira pedagógica e inclusiva.

Conforme aponta Freire (1996), na formação continuada de professores, é importante refletir sobre a prática de hoje para que se possa aprimorar a próxima prática, e, assim, estar em constante desenvolvimento docente.

Além disso, o artigo 62 da LDB nº 9.394/96 aponta em seu parágrafo único que:

Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

Conforme apontado, a falta de preparo inicial dos docentes é um dos principais desafios no uso das TDICs. Muitos cursos de licenciatura e bacharelado não incluem disciplinas ou práticas que articulem as tecnologias digitais ao planejamento pedagógico, deixando os docentes vulneráveis à superficialidade e ao uso descontextualizado dessas ferramentas. Essa lacuna é ampliada no contexto urbano, onde as desigualdades sociais e a infraestrutura tecnológica insuficiente tornam a prática educativa ainda mais desafiadora.

A formação continuada, nesse cenário, atua como um mecanismo para minimizar riscos como, a exclusão digital, na qual é importante formar os professores para desenvolver estratégias que considerem o acesso desigual às tecnologias entre os estudantes, promovendo a inclusão; oferecer subsídios para que os docentes integrem as TDICs ao currículo de forma articulada, explorando seu potencial interativo e colaborativo e criar condições para que os professores superem barreiras técnicas e psicológicas relacionadas à adoção de novas ferramentas, ampliando sua confiança e domínio no uso das tecnologias digitais.

A perspectiva reflexiva proposta por Beck (2011) é essencial para que os docentes compreendam e gerenciem os riscos associados às tecnologias no ambiente educacional, considerando as incertezas e as desigualdades ampliadas pela sociedade de risco. Essa reflexão é complementada pelas ideias de David Harvey (2014), que destaca o papel das instituições na promoção de condições equitativas de acesso aos recursos urbanos. No contexto contemporâneo, esse conceito pode ser expandido para incluir tecnologias digitais, que são fundamentais para a inclusão social e a democratização do conhecimento. A consideração de Stuart Hall (1997) sobre a fragmentação das identidades na modernidade tardia ressalta a importância de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade cultural e social dos estudantes. No contexto das TDICs, essas práticas devem promover a inclusão, evitando reforçar desigualdades ou estereótipos.

A formação continuada é indispensável para que os docentes do Ensino Superior possam se adaptar às demandas da modernidade tardia e às especificidades dos contextos urbanos. Ela possibilita um espaço para a criação de práticas educacionais mais inovadoras, equitativas e alinhadas às realidades dos estudantes, contribuindo para a transformação do Ensino Superior em um espaço mais acessível e democrático.

No campo da formação continuada de docentes, as TDICs precisam ser integradas de maneira estratégica e de modo que se alinhem com as necessidades específicas. Isso requer uma compreensão intrínseca dos

contextos, da mesma maneira das possíveis contribuições das tecnologias para aprimorar essas práticas.

A formação continuada no Ensino Superior pode ser fortalecida com iniciativas, como oficinas práticas sobre o uso de TDICs, cursos que abordem a diversidade cultural dos estudantes, e laboratórios de inovação pedagógica para experimentação de metodologias ativas, como o ensino híbrido. Programas de mentoria entre docentes experientes e iniciantes podem fomentar a troca de boas práticas, enquanto o suporte institucional, como redução da carga horária para planejamento e subsídios para criação de materiais digitais, amplia a eficiência pedagógica. Além disso, cursos específicos sobre inclusão digital e parcerias com empresas de tecnologia educacional podem preparar os professores a integrarem ferramentas emergentes e enfrentar desafios contemporâneos.

5. Considerações Finais

Este estudo analisou os principais riscos enfrentados pelos docentes no uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) no Ensino Superior, especialmente em contextos urbanos marcados por desigualdades sociais. A partir das teorias de Ulrich Beck (2011), David Harvey (2014) e Stuart Hall (1997), foi possível compreender como as TDICs refletem os desafios da sociedade de risco, ampliam desigualdades existentes e impactam as práticas educacionais de forma significativa.

A formação continuada de docentes é indispensável para mitigar os riscos associados às TDICs, incluindo a exclusão digital, o preparo inadequado de professores, o tempo limitado para planejamento e a fragmentação pedagógica. Ao oferecer suporte técnico e pedagógico, essa formação possibilita os docentes a integrarem as tecnologias de maneira reflexiva e crítica, promovendo práticas inclusivas e alinhadas às demandas do contexto educacional.

Ademais, políticas institucionais que garantam infraestrutura adequada e equidade no acesso às tecnologias são fundamentais para transformar as TDICs em ferramentas efetivas de inclusão e democratização do conhecimento. Nesse sentido, as perspectivas de Harvey (2014) sobre o direito à cidade e de Hall

(1997) sobre a fragmentação das identidades, reforçam a importância de práticas educativas que reconheçam e valorizem a diversidade, promovendo um ambiente de aprendizagem mais justo e representativo.

Portanto, analisar os riscos enfrentados pelos professores do Ensino Superior no uso das TDICs em suas práticas docentes proporciona uma perspectiva crítica para compreender as vulnerabilidades e desigualdades intensificadas pela incorporação dessas tecnologias. Nesse sentido, é fundamental integrar políticas públicas equitativas, formação docente contínua e infraestrutura tecnológica adequada como pilares essenciais para promover um Ensino Superior mais inclusivo, democrático e alinhado às demandas da sociedade.

6. Referências

BATES, T. **Educar na era digital**: design, ensino e aprendizagem. São Paulo: Artesanato Educacional, 2016.

BECK, U. (2011). **Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34.

BORTOLAZZO, S. F. O imperativo da cultura digital: entre novas tecnologias e estudos culturais. **Rev. Cad.Comun**, Santa Maria, Porto Alegre, v.20, n.1, art. 1, p.1 -24, jan/abr. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2316882X22133>>. Acesso em: 07 nov. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. CARLINI, A. L.; TARCIA, R. M. L. **20% a distância e agora?** São Paulo: Pearson, 2010.

FAVA, R. **Educação 3.0**: Aplicando o PDCA nas instituições de ensino. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2014.

FERREIRA, P. Falta de estrutura e de formação impede tecnologia nas escolas. **Globo.com**, São Paulo, 11 de mar. de 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, S. (1997). **Identidades Culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A.

HARVEY, D. (2014). **Cidades rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes.

LAPA, A. B. L.; LACERDA, A. L.; COELHO, I. C. A cultura digital como espaço de possibilidade para a formação de sujeitos. **Inclusão Social**, v. 10, n. 1, p.19-32 abr. 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2008.

VERASZTO, E. V.; SILVA, D.; MIRANDA, N. A.; SIMON, F. O. Tecnologia: buscando uma definição para o conceito. **Prisma.com**, n. 8, p. 19-46, 2009.

Notas sobre os mecanismos de desumanização dos oprimidos

Walace Rodrigues¹

Resumo

Este artigo nasce a partir de discussões no IV GELLNORTE, ocorrido em outubro de 2023, em Porto Nacional/TO. Nossa tentativa, com este trabalho, é mostrar como os mecanismos coloniais de opressão e subjugação dos grupos oprimidos ainda persiste em nossa sociedade brasileira, revelando uma tentativa de desumanização dos sujeitos sociais marginalizados (não-centrais), o que se reflete até mesmo na língua portuguesa brasileira. Nossa pesquisa para este artigo foi bibliográfica e nossa análise foi qualitativa. Os resultados deste artigo revelam que os mecanismos coloniais de dominação e opressão ainda estão vigentes no Capitalismo e no Neoliberalismo, revelando uma faceta cruel e de perpetuação de tentativas de desumanização dos sujeitos mais vulneráveis socialmente (não somente economicamente, mas também simbolicamente).

Palavras-chave: Subalternização; Opressão; Colonialismo; Capitalismo; Neoliberalismo.

Abstract

This paper was born from discussions at IV GELLNORTE, held in October 2023, in Porto Nacional/TO. Our attempt with this work is to show how the colonial mechanisms of oppression and subjugation of oppressed groups still persist in our Brazilian society, revealing an attempt to dehumanize marginal (non-central) social subjects, which is reflected even in the Brazilian Portuguese language. Our research for this paper was bibliographic and our analysis was a qualitative one. The results of this work reveal that colonial mechanisms of domination and oppression are still in force in Capitalism and Neoliberalism, revealing a cruel and perpetuating facet of attempts to dehumanize the most socially vulnerable subjects (not only economically, but also symbolically).

Keywords: Subordination; Oppression; Colonialism; Capitalism; Neoliberalism.

¹ Pós-Doutor pela Universidade de Brasília – UnB/POSLIT. Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ e com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (PPGLit/UFNT). Pesquisador no grupo de pesquisa Grupo de Estudos do Sentido - Tocantins – GESTO, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – CAPES/CNPq.

Introdução

As observações aqui apresentadas nasceram a partir de discussões de uma apresentação oral no IV Encontro dos Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Norte do Brasil (IV GELLNORTE), realizado de 24 a 27 de outubro de 2023, na cidade de Porto Nacional/TO.

Este artigo emerge a partir de nossas observações de que os mecanismos coloniais de opressão se baseavam na tríade “raça, gênero e classe social”. Acreditamos que tais mecanismos se fundavam na desumanização dos negros, das mulheres, dos corpos LGBTQIA+, entre outros grupos marginalizados na sociedade brasileira. Esses mesmos mecanismos de subalternização são ainda utilizados pelo Capitalismo e suas vertentes liberais atuais, como deixamos claro neste artigo.

Ainda, nossa pesquisa para este artigo foi qualitativa e baseou-se em uma busca bibliográfica por conceitos que podem nos auxiliar a compreender o funcionamento dos mecanismos de exclusão dos sujeitos subalternizados, oprimindo-os socialmente e desumanizando-os. Alguns autores utilizados nesta discussão foram: Paulo Freire, Judith Butler (2020), Michel Foucault (2018), João Pacheco de Oliveira (2010), Ana Mae Barbosa (1995), Valéria da Hora Bessa (2008), Wallace Rodrigues (2014, 2016, 2021), entre outros.

Desumanizando por meio dos mecanismos de subalternização dos sujeitos

Esta discussão sobre mecanismos que buscam desumanizar as pessoas não poderia deixar de começar a partir das teorias e pensamentos de um dos maiores intelectuais brasileiros: Paulo Freire. Freire enxergava os a educação dos sujeitos oprimidos e marginais (que não detêm um papel social central importante) e suas lutas por melhoria de vida como necessárias aos enfrentamentos das opressões verificadas já na década de 1960. Freire defendia a ideia de que a opressão se dá pela ação de todo aquele sujeito ou instituição que, através de poder ou influência em defesa de uma ideia, espaço social ou status, desumaniza os demais para, assim, continuar perpetuando uma situação de comando, de opressão e de subjugação. Tais mecanismos estão diretamente

ligados, no caso brasileiro, à continuação de poder pelas camadas sociais mais abastadas.

Para Valéria Bessa, os oprimidos vislumbrados por Freire são aqueles com menos acesso aos serviços sociais e educacionais da sociedade capitalista. Neste caminho, ele construiu, por meio da educação escolar, um mecanismo pelo qual valorizava o pensar crítico que deve surgir a partir da educação escolar dos sujeitos oprimidos. Bessa comenta que:

Paulo Freire, na sua prática educacional, preocupa-se com as classes populares. No contexto do que denominou ser uma “pedagogia do oprimido”, construiu uma verdadeira concepção política do ato de educar, adotando como princípios fundamentais a valorização do cotidiano do aluno e a construção de uma práxis educativa que estimule a leitura crítica do mundo. Na visão do educador, a Educação popular progressista não separa, em nenhum momento, o ensino dos conteúdos de desvelamento da realidade. Em sua proposta, o ato de conhecimento tem como pressuposto fundamental a cultura do educando; não para cristalizá-la, mas como “ponto de partida” para que ele avance na leitura do mundo, compreendendo-se como um sujeito da história, compreendendo que é por meio da relação dialógica que se consolida a educação como prática da liberdade (Bessa, 2008, p. 112)

Neste mesmo caminho de educar-se para ter mais liberdades e lutar por melhores condições de vida, Rodrigues enfatiza um pouco mais sobre os resultados esperados do processo de escolarização freireano:

[...] a mudança de olhares em relação ao mundo que cerca o estudante faz com que este se torne mais crítico de suas condições sociais, econômicas, políticas, educacionais etc. Isso diretamente faz com que as pessoas conscientes e críticas se rebelem contra as injustiças, algo que, por exemplo, o regime militar brasileiro, como um regime autoritário, não desejava que acontecesse. Compreendemos que a educação não pode formar ovelhas para o rebanho, mas deve transformar indivíduos oprimidos em seres humanos conscientes de suas condições no mundo e lutadores por melhores condições de vida. (Rodrigues, 2021, p. 104)

Assim, partindo do princípio freireano de “oprimido”, alargamos esta compreensão para os grupos indígenas, os negros, os grupos LGBTQIA+, as mulheres, entre outros grupos sistematicamente fragilizados no Brasil em suas relações sociais, laborais, educacionais etc. Estes grupos podem ser considerados como os oprimidos, os subjugados, os subalternos, na sociedade brasileira. Pensamos que somente ser parte destes grupos faz com que o sujeito sofra preconceitos, subalternização e discriminação a todo tempo, mas esses grupos detêm as pessoas que sofrem mais com as relações sociais desiguais no Brasil. Até mesmo no caso das mulheres, pois mesmo as mulheres mais abastadas e em altos cargos funcionais sofrem com algum tipo de misoginia em uma sociedade tão patriarcal e machista como a nossa.

Voltamos a lembrar que o mecanismo colonial de subjugação dos corpos que deveriam trabalhar sempre se pautou na tríade “raça, gênero e classe”. Tal mecanismo passa das relações coloniais para o capitalismo neoliberal brasileiro sem muitas mudanças fundamentais na mentalidade nacional. Apesar de termos leis contra a discriminação de pessoas, contra o racismo, contra a homofobia etc, nossa sociedade ainda reverbera os estigmas de diferenciação social que nasceram lá na época colonial e que perduram ainda hoje. O patriarcalismo da colonização brasileira perdura até hoje, beneficiando os homens brancos, bem-sucedidos financeiramente e heterossexuais em detrimento dos “outros” grupos sociais.

Se as relações de força e poder durante o período colonial se formaram e se solidificaram via as relações sociais, elas inda perduram por esta via no capitalismo à brasileira. O filósofo Michel Foucault informa-nos que o poder se baseia nas relações sociais, confirmando nosso entendimento de que a subjugação dos grupos oprimidos acontece por meio das relações sociais:

O poder não é uma coisa. O poder são relações. O poder são relações entre indivíduos, uma relação que consiste que um pode conduzir a conduta do outro, determinar a conduta do outro. E determinada voluntariamente em função de uma série de objetivos que são seus. Dito de outra forma, quando olhamos o que é o poder, o poder é um exercício de governo, no sentido amplo do termo. Pode-se governar uma sociedade, pode-se governar um grupo, uma comunidade, uma família, e se pode

governar alguém. Quando digo governar alguém é simplesmente no sentido de que se pode determinar sua conduta em função de estratégias, usando certas táticas. (Foucault, 1981, s.p.)

Este entendimento de que o poder são as relações entre pessoas e por meio de tais relações pode ser verificado leva-nos a compreender como os grupos socialmente mais vulneráveis, oprimidos e subalternizados são tratados. Desprovidos de toda característica de sujeitos humanos, essas pessoas são animalizadas pela via da língua. Em nosso caso, trabalharemos com a língua portuguesa utilizada no Brasil para oferecer exemplos deste mecanismo de opressão social.

Nomear como forma de poder e animalização como mecanismo desumanizador

Temos que compreender, neste momento, que nomear é um ato de poder. Ou seja, o ato de nomear algo ou alguém, por si só, já revela poder. No período colonial, eram os invasores que detinham este poder. Como a língua está em constante mudança e varia de região para região no Brasil, utilizaremos aqui alguns termos mais correntes em todo o território nacional para compreender o ato de nomear animalizando as pessoas como um mecanismo de desumanização, tirando da pessoa sua humanidade e aproximando-as dos animais não racionais. O nomear animalizando é entendido aqui como um mecanismo eficiente de subalternização dos oprimidos e desumanização das pessoas, sendo utilizado correntemente em nossa sociedade.

Começamos pelo exemplo dos indígenas brasileiros, os habitantes destas terras antes das invasões colonizadoras. Os indígenas brasileiros dividiam-se em muito grupos linguísticos e estendiam seus domínios da costa atlântica até os interiores mais profundos das florestas brasileiras. Com modos de vida muito adaptados aos ambientes que habitavam, foram vistos como "selvagens" pelos europeus da época e que aqui chegaram para dominar terras e gentes.

A arte-educadora Ana Mae Barbosa informa-nos que fomos “domados” pelos jesuítas que aqui chegaram nas caravelas portuguesas. Os indígenas, tidos como “xucros”, adjetivo utilizado para cavalos que necessitam ser amansados, deveriam ser “domados”:

A consciência de ser colonizado dos brasileiros é titubeante, confusa e mal-explicitada. Precisáramos de um decodificador cultural como Frantz Fanon para nos analisar, pois só alguém como ele, psicanalista, antropólogo e anticolonialista, daria conta de nossa conturbada personalidade colonizada. Diferentemente dos outros países da América do Sul e da maioria dos países colonizados do mundo, depois de três séculos de dominação portuguesa, de repente nos vimos como capital do Reino Português. Os anos anteriores de dominação tinham sido muito degradadores, como, em geral, o foi a colonização européia. Proibidos termos imprensa, escolas superiores e mesmo um ensino primário e secundário organizado, fomos domados pelos jesuítas e mesmo eles terminaram por ser expulsos do Brasil pelo poder central, configurado pelo Marquês de Pombal. Até aí a história é a mesma de qualquer país descoberto pelos europeus. Estávamos condenados à ignorância e a receber como habitantes os prisioneiros e indesejáveis do país que nos dominava (Barbosa, 1995, p. 59)

No mesmo caminho de compreensão da subalternização e desumanização dos indígenas, João Pacheco de Oliveira deixa-nos ver que os autóctones brasileiros eram vistos pelos europeus como selvagens e indolentes:

Ocasão que me parece muito adequada para propor outra leitura da História de nosso país e de sua relação com os povos autóctones. Não basta mudar as valorações da narrativa convencional, informando às crianças e à opinião pública que os índios não são inferiores, primitivos, traiçoeiros ou indolentes. As nossas etnografias estão repletas de exemplos belíssimos da humanidade dos indígenas, da elevação de seus valores éticos e estéticos, da sofisticação de seus conhecimentos. Quando tentamos levar tudo isto a um público mais amplo, seja através de entrevistas, livros didáticos ou de filmes e exposições, somos apenas pontualmente ouvidos, pois os novos dados e as imagens acabam por ser incorporados a uma estrutura narrativa que lhes é totalmente adversa, montada para excluir ou ressignificar informações que contrariem seus pressupostos. (Oliveira, 2010, p. 11)

Oliveira percebe que a narrativa colonial de que os indígenas brasileiros eram “inferiores, primitivos, traiçoeiros ou indolentes” ainda persiste em muitos meios, apesar de todos os esforços para que estes estigmas e discriminações sejam suavizados ou inexistam.

Trabalhando na cidade de Tocantinópolis, uma pequena cidade no norte do estado do Tocantins, tivemos a oportunidade de compreender como as narrativas de subalternização dos indígenas acontecem ainda hoje. Os Apinayé, grupo Timbira que habita a cidade e tem uma Terra Indígena que se estende por alguns municípios da região, sofrem os preconceitos dos cidadãos em relação a como são vistos. Um exemplo disto é a utilização de uma narrativa popular, na área urbana da cidade de Tocantinópolis, de que o homem do saco que leva as crianças desobedientes é caracterizado como um indígena. Ainda, os conflitos por terra na década de 1980 (época da demarcação da TI Apinayé) levaram a uma certa “apatia” em relação aos indígenas, seus saberes, seus fazeres etc.

Outro grupo bastante subalternizado e desumanizado na sociedade brasileira é o dos LGBTQIA+. Historicamente marcados pelos estigmas do preconceito e da marginalização, as lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queers*, intersexo e assexuais, e grupos relacionados sofrem constante preconceito e são animalizados na sociedade brasileira. Os gays são correntemente chamados de “bicha” (palavra que se relaciona a bicho ou à verminoses intestinais), “viado” (do animal veado), entre outras palavras.

Vale ressaltar que a LGBTfobia é o preconceito em relação à identidade de gênero ou orientação sexual das pessoas. Ela alcança, além da homofobia, a lesbofobia (preconceito contra lésbicas), a gayfobia (preconceito contra gays), a bifobia (preconceito contra bissexuais) e a transfobia (preconceito contra pessoas trans). Vale lembrar, também, que o Brasil é um dos países que mais mata transsexuais no mundo. Susan Butler nos fala sobre os feminicídios das mulheres trans na América Latina:

Pensem nas vítimas de feminicídio na América Latina, especialmente em Honduras, Guatemala, Brasil, Argentina, El Salvador, mas também aqui, no México, que incluem toda pessoa brutalizada ou assassinada pelo fato de ser

feminizada, e isso inclui um grande número mulheres trans e de membros da comunidade de travestis. Essas mortes são frequentemente divulgadas ou publicadas como notícias sensacionalistas nos jornais; são seguidas por uma manifestação momentânea de comoção pública e, pouco tempo depois, acontecem novamente. Quando são divulgadas há uma reação horrorizada, não há dúvida, mas a reação nem sempre é acompanhada por uma análise focada em uma mobilização contra essas mortes tão generalizadas. Às vezes se diz que os homens que cometem esses crimes sofrem algum tipo de patologia, ou são considerados uma tragédia, ou a história é abordada como a enésima e periódica incidência de algo aberrante. Pensemos, no entanto, na descrição das feministas, que estão tentando teorizar a situação com o objetivo de conhecer os termos com os quais ela deve ser enquadrada e entendida. Montserrat Sagot, por exemplo, da Costa Rica, sustenta que **“o feminicídio expressa de forma dramática a relação desigual entre o feminino e o masculino e mostra uma manifestação extrema de domínio, terror, vulnerabilidade social, de extermínio e inclusive de impunidade”**. (Butler, 2020, s.p, grifos nossos)

Neste mesmo caminho de exclusão, de subalternização, de opressão, as mulheres sofrem com uma constante misoginia na sociedade brasileira, mesmo que de forma disfarçada. Em relação às mulheres que têm relações sexuais fora dos padrões morais patriarcais e machistas, elas são chamadas de “piranha”, “galinha” etc, sendo animalizadas por saírem dos padrões morais patriarcais arraigados da sociedade brasileira. Butler nos informa como as mulheres são vistas como “propriedade” dos homens nas sociedades machistas latino-americanas (incluindo o Brasil):

Podemos dizer que as mulheres são assassinadas não por causa de qualquer coisa que tenham feito, mas pelo que os outros percebem que são. **Como mulheres, são consideradas propriedade do homem, é o homem que ostenta o poder sobre suas vidas e suas mortes.** Não há nenhuma razão natural que justifique essa estrutura fatal e injusta de dominação e terror: faz parte de se transformar em gênero nos termos da norma dominante. Tornar-se homem, nessa perspectiva, consiste em exercer o poder sobre a vida e a morte das mulheres; matar é prerrogativa do homem a quem foi atribuído um determinado tipo de masculinidade. Portanto, espera-se de todos os que são designados no nascimento o gênero masculino que assumam uma trajetória masculina, que seu desenvolvimento e vocação sejam masculinos. (Lembramos que

o Brasil é um dos países do mundo onde mais feminicídios acontecem. (Butler, 2020, s.p, grifo nosso)

A partir da passagem seguinte, podemos verificar como o poder sobre a vida e a morte das mulheres é pensado como um “direito” dos homens. As mulheres, nas sociedades conservadoras e patriarcais, não detêm a liberdade sobre seus corpos, sendo objeto constante de controle por meio dos mecanismos de misoginia, subjugação, opressão e desumanização.

Outro caso interessante para este artigo é como as pessoas negras são tratadas no Brasil e no mundo que gira em torno da ótica colonizador-colonizado. Mesmo os negros famosos e ricos do futebol mundial sofrem com racismo em muitos momentos. Muitos são atacados com bananas em jogos, metaforizando sua animalização com os primatas. Ainda, como nos diz Rodrigues, durante o período colonial, os negros escravizados foram tidos como preguiçosos, num claro mecanismo de subjugação desses sujeitos:

[...] o estereótipo da preguiça baiana faz parte de representações criadas através de relações desiguais de poder na Bahia, desde os tempos coloniais, onde o escravo negro era quem trabalhava, porém era chamado como preguiçoso. **Através de seus mecanismos de poder os brancos senhores de escravos atuavam com sua força discursiva coagindo, disciplinando e controlando seus escravos.** (Rodrigues, 2014, p. 10, grifo nosso)

No entanto, mesmo os negros escravos sendo subjugados, a colônia não conseguiria sobreviver sem sua força de trabalho. Ou seja, o reinado colonial dos portugueses assentava-se fortemente na mão de obra dos sujeitos negros e das sujeitas negras escravizados.

Freire mostra-nos que o homem somente se humaniza por meio de seu fazer/ação no mundo, em sua práxis cotidiana: “somente o homem, como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser da práxis” (Freire, 1989, p. 39).

Neste caminhar, compreendemos que a busca por inferiorizar as pessoas nasceu como um mecanismo colonial de dominação e opressão para o

aproveitamento da mão de obra das pessoas e perdurou até hoje. Os sujeitos que mais são animalizados e desumanizados são as pessoas não masculinas, não cisgêneros, não brancos, pobres e vulneráveis sociais e simbolicamente, entre outros grupos.

Vale pensar que o neoliberalismo se apoderou destes mecanismos de exclusão social para desumanizar ainda mais as pessoas socialmente. A falácia do empreendedorismo, por exemplo, somente marca uma fase histórica nacional (que esperamos que não seja longa) onde os subempregados são chamados de empreendedores, numa clara lógica de suavização das crueldades e desigualdades do mercado de trabalho informal versus o mercado formal. Nessa seara, negros pobres viram motoboys e, com alguma sorte a mais, motoristas de aplicativos, tentando sobreviver por vias onde a vulnerabilidade do trabalho formal fica clara.

Humanizar por meio da educação

Neste caminho, podemos pensar em um ensino humanizador, ou seja, aquele focado em ensinar por uma ética empática, de compreensão das diferenças e das riquezas que as pessoas podem proporcionar a uma sociedade. Tais conteúdos voltados para aspectos éticos devem estar inseridos nos currículos escolares (cf. Rodrigues, 2016), currículos mais humanizadores e empáticos às vicissitudes dos sujeitos “oprimidos”.

Compreendemos que é por meio da diferença que uma sociedade se solidifica e é a escola o local especial onde as diferenças se fazem presentes. É na escola, também, que as crianças se comunicam, socializam e aprendem. Aprender, portanto, respeitando o “outro” (o não-eu, o diferente de mim) é um aprendizado que devemos levar para toda a vida, pois, em uma sociedade que se diz “civilizada”, não há espaço para utilizar diferenças para discriminar e desumanizar as pessoas.

Como nos diz a feminista e pesquisadora dos Estudos Culturais Gayatri Spivak: “Se nós aprendemos racismo, nós podemos desaprendê-lo, e desaprendê-lo precisamente porque nossas ideias sobre raça representam um fechamento de possibilidade criativa, a perda da opção do outro, outro

conhecimento” (Spivak *apud* Landry; Maclean, 1996, p. 4, tradução nossa). Ou seja, racismo, discriminação e preconceitos são processos aprendidos. E se são aprendidos, podem ser desaprendidos. E este movimento pode acontecer por meio das instituições escolares. No entanto, necessitamos de currículos que levem em conta uma ótica ética, humanista e de natureza ambientalista, compreendendo que não podemos destruir o mundo que nos cerca e nos abarca, pois o homem não domina a natureza, mas é, ele mesmo, natureza.

Assim, um fechamento aos saberes e fazeres que os “outros” podem nos proporcionar acaba por não ser uma opção inteligente para ninguém. Uma abertura ética e sincera pelo que as pessoas têm a nos oferecer reflete um ato de inteligência emocional que pode privilegiar a todos que aprendem. E aprendemos sempre.

Percebemos que há um longo caminho educacional para desaprender a subjugar os corpos, sejam eles de que tipos forem, pois, historicamente, fomos ensinados a separar, qualificar, classificar etc a partir de padrões coloniais que nos foram passados. E os mecanismos de desconstruções de mentiras sobre os corpos deve perpassar, também, por um entendimento de como chegamos até aqui e de como os discursos de poder colonial ainda nos afetam e podem ser desaprendidos.

Desta forma, a escola coloca-se como local privilegiado de humanização de seus estudantes, de respeito aos “outros” (os não-eus), de aprendizados que valorizem o homem como natureza e como raça única (a raça humana), mas que influencia diretamente no mundo natural e dele sofre direta influência.

Algumas considerações finais

Este artigo buscou mostrar como os mecanismos de subjugação e opressão utilizados desde a época colonial ainda estão vigentes no Brasil e como eles podem ser claramente detectados por meio da língua falada, revelando uma tentativa de desumanização dos sujeitos mais vulneráveis nas mais diversas áreas da vida social brasileira.

Nosso foco recaiu, a guiza de exemplificação, sobre os indígenas, os negros, os LGBTQUIA+ e as mulheres, mas sabemos que outros grupos também sofrem com preconceitos os mais diversos e com uma tentativa de animalização de suas existências. A desumanização das pessoas talvez seja a faceta mais cruel dos mecanismos de opressão e dominação colonial, capitalista e neoliberal. E contra esses mecanismos não podemos parar de lutar, implementando políticas públicas de proteção e de valorização da vida e da diferença.

Compreendemos que devemos sempre pensar criticamente sobre estes mecanismos de desumanização que tentam nos enfraquecer e nos tirar poder de fala e de viver nossas vidas como realmente somos. Tais pensamentos devem nos levar a ações que forcem os políticos a implementarem políticas públicas de proteção dos grupos mais vulneráveis e devem, também, nos ajudar a modificar a sociedade onde vivemos, sempre tentando criar uma sociedade mais plural e que respeitas as diferenças, sabendo conviver com estas diferenças.

Para concluir, a degradação das condições de humanidades das pessoas deve ser repelida a todo o custo e por todos os agentes sociais que detêm o poder, mesmo que mínimo, de transformação social. E tal transformação pode ocorrer a partir do ambiente escolar, lugar propício para aprendizagens que valorizem as diferenças e os saberes e fazeres dos não-eu. Ainda, a compreensão de que o homem é natureza faz com que nos entendamos como uma raça única no mundo (a raça humana) em que habitamos e dele devemos cuidar, pois somos dependentes dele para a continuação de nossas vidas neste planeta azul.

Referências

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. Educação Pós-colonialista no Brasil: Aprendizagem Triangular. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 21, p. 59-64, jan./abr. 1995.

BUTLER, Judith. De quem são as vidas consideradas choráveis em nosso mundo público? Babelia. **EL PAÍS Brasil**, 10 Jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault na Universidade Católica de Louvain em 1981 – Trad. Santos. Berten entrevista Foucault (1981). **Clinicand**. Abril 15, 2018 por Anderson dos Santos.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O Nascimento do Brasil: Revisão de um paradigma historiográfico. **Anuário Antropológico**. 2009-1, p. 11-40, 2010.

RODRIGUES, Wallace. A “Ladeira da Preguiça” e o estereótipo histórico da preguiça dos negros. **Anais Eletrônicos do IV Congresso Internacional de História: Cultura, sociedade e poder**. UFG/Jataí, p. 1-11, 23 e 25 de setembro de 2014.

RODRIGUES, Wallace. Considerações sobre os ensinamentos antiautoritários de Paulo Freire. **Revista Anthesis**. Dossiê Paulo Freire centenário: a relação dialógica como processo de emancipação. V. 9, n. 18, p. 96-106, 2021.

RODRIGUES, Wallace. **O processo de ensino-aprendizagem Apinayé através da confecção de seus instrumentos musicais**. Tese no doutoramento em Humanidades da *Universiteit Leiden*, Leiden, Países Baixos, 2025, 241f.

RODRIGUES, Wallace. Reflexões sobre o III Fórum de Licenciaturas da UFT: o currículo como campo de batalhas ideológicas. **Revista Entreletras**. Araguaína/TO. V. 7, ed. 2, p. 221-231, 2016.

SPIVAK, Gayatri. **The Spivak reader**. LANDRY, Donna; MACLEAN, Gerald (org.). New York: Routledge, 1996.

A Casa dos Homens e Movimento Redpill/MGTOW: Etnografia de grupos misóginos em redes sociais no Brasil

*Rafael Ademir Oliveira de Andrade*¹

*Suyane de Oliveira Costa*²

*Cristiano de Almeida Fernandes*³

*Wuelison Lelis de Oliveira*⁴

*Aciê Iguchi*⁵

*Alice Andrade de Souza*⁶

Resumo: O objetivo deste trabalho é realizar uma investigação sobre as manifestações da masculinidade associada à violências contra mulheres e minorias apresentadas em comunidades online da Red Pill/MGTOW (Men Going Their Own Way). A perspectiva aqui adotada é de como esses movimentos desenham-percebem coletivamente as mulheres. A metodologia utilizada será da etnografia virtual, que é uma metodologia de pesquisa que combina técnicas etnográficas tradicionais com o estudo de comunidades online. Ela envolve a observação participante em ambientes virtuais, como fóruns de discussão, redes sociais e jogos online, para compreender a cultura, comportamentos e interações dos participantes. Os pesquisadores utilizam ferramentas digitais para coletar dados, como capturas de tela, gravações de áudio e vídeo, além de entrevistas online. A análise dos dados busca identificar padrões, normas e significados compartilhados pelos membros da comunidade virtual, proporcionando insights sobre a dinâmica social e cultural desses espaços digitais. Serão analisadas duas comunidades na rede social *Facebook* que serão melhor descritas na metodologia deste trabalho. Após o levantamento de dados serão analisados os discursos que envolvam a construção de uma perspectiva sobre a mulher. Este trabalho está dispensado de tramitação em comitê de ética por se encaixar em uma pesquisa censitária, ou seja, com uma amostra tão grande e dispersa que o anonimato garante sua impossibilidade de individualização, além disto, os

¹ Sociólogo e Doutor em Desenvolvimento Ambiental e Meio Ambiente. Orientador no curso de Psicologia São Lucas Afya Porto Velho. Líder do Laboratório de Estudo em Populações Negligenciadas da Amazônia - LEONA.

² Enfermeira, Mestra em Biologia Experimental, Doutoranda em Bioprospecção e Biotecnologia pela Rede Bionorte. Vice-Líder do Laboratório de Estudo em Populações Negligenciadas da Amazônia - LEONA. Docente no curso de Medicina São Lucas Afya Porto Velho.

³ Psicólogo e Mestre em Psicologia. Membro do Laboratório de Estudo em Populações Negligenciadas da Amazônia - LEONA. Docente no curso de Psicologia São Lucas Afya Porto Velho.

⁴ Enfermeiro e Residência em Saúde da Família e Comunidade. Membro do Laboratório de Estudo em Populações Negligenciadas da Amazônia - LEONA. Docente no curso de Medicina São Lucas Afya Porto Velho.

⁵ Psicóloga na Secretaria Municipal de Assistência Social e Família, Pós-graduada em Psicologia Organizacional. Pesquisadora no Laboratório Amazônico de Estudos em América Latina da Universidade Federal de Rondônia.

⁶ Graduada em Psicologia São Lucas Afya Porto Velho.

dados serão coletados na rede mundial de computadores, com as informações dadas livremente pelos sujeitos que discursam nas redes.

Palavras-chave: redpill. casa dos homens. misoginia. etnografia

Abstract: The aim of this study is to investigate the manifestations of masculinity associated with violence against women and minorities, presented in online communities of the Red Pill/MGTOW (Men Going Their Own Way). The perspective adopted here is how these movements collectively shape and perceive women. The methodology used will be virtual ethnography, a research method that combines traditional ethnographic techniques with the study of online communities. It involves participant observation in virtual environments, such as discussion forums, social media, and online games, to understand the culture, behaviors, and interactions of participants. Researchers use digital tools to collect data, such as screenshots, audio and video recordings, and online interviews. Data analysis aims to identify patterns, norms, and shared meanings among community members, providing insights into the social and cultural dynamics of these digital spaces. Two communities on the Facebook social network will be analyzed, which will be described in detail in the methodology section of this paper. After data collection, the discourses surrounding the construction of a perspective on women will be analyzed. This study is exempt from review by an ethics committee as it fits the criteria of a census research, meaning it involves such a large and dispersed sample that anonymity ensures the impossibility of individualization. Furthermore, the data will be collected from the World Wide Web, with information freely provided by the subjects who engage in discourse on the networks.

Keywords: redpill, men's house, misogyny, ethnography.

Introdução ao tema: RedPill, MGTOW e Mulheres

O movimento Redpill, uma subcultura emergente da internet, surgiu a partir de fóruns e comunidades online, onde homens discutem sobre relacionamentos, gênero e poder, não raramente sendo conduzidos por “coachs” de empoderamento masculino, mas também retroalimentando os discursos de violência a partir de fóruns, páginas do instagram e outras redes sociais (Amato; De Barros, 2024). Derivado da metáfora do filme "A Matrix", onde tomar a "pílula vermelha" (redpill) revela a verdade oculta, esse movimento sustenta que a sociedade moderna está fundamentada em mentiras, particularmente no que diz respeito às dinâmicas de gênero e feminismo.

Os aderentes ao movimento Redpill argumentam que os homens são desfavorecidos em várias áreas da vida moderna, especialmente em questões legais, como divórcios, mães solteiras, empoderamento feminino e guarda de filhos, e nas expectativas sociais relacionadas à masculinidade. Criticam o feminismo contemporâneo, alegando que ele promove uma visão distorcida das relações de poder entre os gêneros, prejudicando os homens ao apresentar as mulheres como sempre vítimas e os homens como opressores (Amato; De Barros, 2024), o que seria uma forma de “conspiração mundial” para se diminuir o poder do ocidente ou de grandes homens.

Um dos pilares centrais do movimento Redpill é a crença na hipergamia feminina, que sugere que as mulheres têm uma tendência natural a buscar parceiros de status superior. De acordo com essa visão, as mulheres são programadas biologicamente para se relacionar com homens que oferecem maior segurança e recursos, o que, segundo os *redpillers*, leva os homens a serem constantemente avaliados e descartados se não atenderem a essas expectativas. A questão central é que os homens não estão ali, de forma alguma, defendendo seus direitos, mas sim buscando formas mais eficientes de atacar as mulheres, mesmo que o objetivo fim deste refino maléfico seja causar a morte de mulheres de forma direta, como ataques às escolas no Brasil e mundo afora que possuem forte reforço em fóruns e páginas redpill e MGTOW (Aronovich, 2019).

O movimento também enfatiza a importância do auto aperfeiçoamento masculino, incentivando os homens a melhorar suas finanças, aparência e habilidades sociais para se tornarem mais atraentes e bem-sucedidos, ou seja, estruturam a ideia de hipergamia e a reforçam internamente, criando uma espécie de competição entre os homens que são classificados entre Alfas (escolhidos) e Betas (não escolhidos) no que tange ao interesse das mulheres - a ênfase na competição e no status dentro do movimento pode levar a comportamentos tóxicos e prejudiciais, reforçando uma visão de masculinidade que valoriza a dominação e o controle em detrimento da empatia e da colaboração.

Nesse sentido, há uma forte ênfase na auto-suficiência e no desenvolvimento pessoal, que pode ser visto como uma reação ao que eles percebem como uma cultura que desvaloriza os homens, salientamos que este processo requer também a negação de mulheres que seriam consideradas cheias de “*red flags*”, ou seja, de bandeiras vermelhas, sinais de que elas seriam mulheres inferiores.

Críticos do movimento Redpill argumentam que ele promove uma visão misógina e simplista das relações de gênero, sendo uma forma de casa aos homens ainda mais adoecida - conceito que será debatido no tópico a seguir deste trabalho a partir das análises do sociólogo Welzer Lang (2001).

O movimento Redpill representa uma resposta a sentimentos de alienação e injustiça percebida entre alguns homens na sociedade contemporânea, entretanto, não voltados para o que realmente causa tal alienação como a captura das subjetividades em prol da questão do consumo, a ascensão do controle sobre o trabalho, o desenvolvimento do hiperconsumo enquanto moeda de troca entre sujeitos (Santos; Andrade, 2016) e sim direcionados para alvos que, em si, também são violentados pela estrutura ideológica que fomenta e lucra com tais violências.

Segundo Jie Liang Lin (2017) MGTOW é um movimento composto principalmente por homens heterossexuais, brancos e de classe média da América do Norte e da Europa. Diferentemente de outros grupos antifeministas, os MGTOW defendem o afastamento dos meninos/homens das mulheres e da sociedade ocidental, que consideram corrompida pelo feminismo e pela cultura contemporânea como um todo. Para eles, o sistema atual é irremediável, levando-os a “seguir seu próprio caminho”, uma vida de solidão. Os adeptos do MGTOW acreditam que são vítimas do “ginocentrismo” (Lin, 2017) e que o papel de gênero masculino aprisiona os homens como provedores silenciosos.

Convencidos de que o feminismo resultará no colapso da sociedade como um todo, os MGTOW prometem se livrar das influências ginocêntricas e fortalecer suas masculinidades sitiadas com o apoio de outros homens online (Lin, 2017), elementos clássicos da masculinidade da “casa dos homens” (Baeré;

Zanello, 2020) como cultivo da violência, da força, aversão ao apelo estético (inclusive apontando que as redes sociais seriam uma forma de aprisionamento ao poder feminino) e outros elementos são constantemente utilizados para evidenciar esta “retomada” do poder masculino: negar o moderno e abraçar o passado, ou seja, uma visão anterior do que seria ser homem.

Os adeptos do MGTOW argumentam que as leis de divórcio e custódia de filhos favorecem desproporcionalmente as mulheres, deixando muitos homens em situações financeiras e emocionais difíceis após o término de um casamento e buscam o reforço de tal questão nos grupos, fóruns e outros espaços virtuais (Lin, 2017). Eles também criticam a expectativa social de que os homens devem ser os principais provedores financeiros, o que, segundo eles, leva a uma pressão injusta sobre os homens para manterem suas famílias. Nesse contexto, os homens são incentivados a focar em seus próprios interesses, carreiras e hobbies, em vez de buscar a aprovação feminina ou o casamento, são chamados de “gados” aqueles homens que buscam sempre a aprovação feminina ao invés de “seguirem seus caminhos”.

Além disso, o movimento MGTOW aponta para a cultura moderna, que, em sua visão, promove um feminismo radical que demoniza os homens e mina sua posição na sociedade. Eles veem o casamento como um risco financeiro e emocional que pode ser prejudicial para os homens. Portanto, eles promovem a ideia de evitar relações íntimas comprometidas como uma forma de autoproteção e empoderamento masculino.

Em uma grande síntese, redpill e MGTOW são movimentos antifeministas e que caminham para a misoginia facilmente quando condensam o descontentamento de jovens privados de uma vida sexual ou amorosa “saúdável” (seria necessária uma discussão sobre tal tema em outro momento) buscam refúgio na fala de outros homens que dividem a mesma perspectiva sobre a realidade social e cultural do tema, reforçando assim estereótipos, interesses e relações. É o que chamaremos de casa virtual dos homens no tópico à seguir, partindo da análise de outros textos já publicados.

Casa Virtual dos Homens

A “casa dos homens” é um conceito profundamente explorado por Valeska Zanello em suas pesquisas sobre masculinidades e saúde mental, partindo das perspectivas do Sociólogo Daniel Welzer-Lang (Baeré; Zanello, 2020). Neste contexto, Zanello e Baeré (2020) analisam como a construção social da masculinidade impacta a vida dos homens, frequentemente de maneira negativa, ensinando formas de exercer sua sexualidade e masculinidade de forma agressiva, tendo o espectro feminino como algo não desejado e que deve ser “derrotado” ou “combatido de alguma forma”. Essa “casa” é uma metáfora para os espaços sociais, culturais e psicológicos onde os homens aprendem e reproduzem comportamentos associados ao que é considerado ser homem na sociedade contemporânea e que historicamente tem aglutinado narrativas violentas.

Welzer-Lang (2001) destaca que essa casa é construída a partir de pilares rígidos, que incluem a repressão emocional, a valorização da força física, a competitividade extrema e a aversão a qualquer comportamento que possa ser considerado “feminino”. Esses pilares sustentam uma estrutura que, embora pareça oferecer proteção e status, na verdade confina os homens em papéis restritivos, limitando sua expressão emocional e contribuindo para uma série de problemas de saúde mental, assim como a reprodução das violências contra aqueles considerados “não homens”, mulheres e a comunidade LGBTQIA+, por exemplo.

Um dos aspectos centrais discutidos por Zanello e Baeré (2020) é como a casa dos homens perpetua violências, tanto contra os outros quanto contra si mesmos. A necessidade de provar constantemente sua masculinidade pode levar os homens a adotar comportamentos de risco, abusar de substâncias, envolver-se em brigas e outras formas de agressão. Além disso, essa pressão para manter uma fachada de invulnerabilidade pode resultar em altos níveis de estresse, ansiedade e depressão, problemas muitas vezes ignorados ou não tratados devido ao estigma associado à busca de ajuda.

A casa dos homens, segundo Welzer-Lang (2001), é também um espaço de isolamento emocional. Desde cedo, os meninos são ensinados a não demonstrar fraqueza ou vulnerabilidade, o que dificulta a formação de vínculos emocionais profundos e saudáveis. Essa desconexão emocional não apenas afeta a saúde mental dos homens, mas também suas relações interpessoais, contribuindo para a perpetuação de ciclos de violência e abuso.

No entanto, a discussão de Kimmel (1998) sugere que é possível “reformular essa casa”, criando limites entre novas e velhas masculinidades, esta desconstrução dos padrões tradicionais de masculinidade e a promoção de uma visão mais inclusiva e flexível do que significa ser homem são passos essenciais. Isso envolve a criação de espaços onde os homens possam expressar suas emoções livremente, buscar ajuda sem medo de julgamento e desenvolver relações baseadas no respeito e na empatia - o que na verdade significa abrir mão de prerrogativas culturais que facilitam a vida dos homens em diversos aspectos.

A casa dos homens, conforme explorada pelos autores supracitados, é uma estrutura complexa e muitas vezes opressiva, construída sobre fundamentos sociais que promovem comportamentos nocivos e limitam a saúde mental dos homens, sendo estes não o principal alvo e quem recebe tais danos em sua maioria. Quem são os alvos desta narrativa é justamente aquele corpo-ser “Não homem”, mulheres e outros corpos não dentro do padrão assim entendido como masculinos por esse discurso hegemônico.

Nossa perspectiva, juntando o que foi observado com o referencial teórico acima, é que as comunidades virtuais estudadas se comportam enquanto casas dos homens virtuais que possuem algumas peculiaridades específicas: primeiro que são gerenciadas por homens em um espaço que é considerado pelos mesmos “sem lei”, a rede mundial de computadores, segundo que não há mediação de mulheres de forma alguma nestes grupos e terceiro que há a presença de muita objetificação do corpo feminino nestes grupos que cria um vocabulário próprio para se referenciar ao feminino ou ao “não masculino padrão”.

Metodologia

A presente pesquisa adotou a metodologia da etnografia virtual, uma abordagem robusta que combina técnicas tradicionais de etnografia com o estudo de comunidades online. Inicialmente, os pesquisadores realizaram uma imersão participante nas comunidades selecionadas, “*REDPILL E MGTOW BRAZIL 007*” e “*CDG Coisas de Garotos*”, ambas localizadas na plataforma *Facebook*. Eventualmente outras páginas foram visitadas quando postagens destas duas fizerem conexão com as outras. Uma prática destes grupos é fazer postagens entre si, potencializando a rede e repetindo as mesmas afirmações.

Durante a etapa de imersão, os pesquisadores observaram as interações e discussões dessas comunidades online. Analisando os padrões de comportamento, as dinâmicas de grupo e os temas recorrentes que emergem dentro desses espaços virtuais. Além disso, foram feitas capturas de tela para documentar aspectos visuais e registrar os contextos das interações.

A intenção é explorar mais profundamente as percepções, atitudes e experiências dos participantes em relação às questões de gênero e, em particular, à construção de perspectivas sobre a mulher dentro desses grupos.

Após a fase de coleta de dados, os pesquisadores realizaram análise qualitativa dos textos coletados. Foram examinados os discursos e interações coletadas, buscando identificar padrões, normas culturais implícitas e significados compartilhados pelos membros das comunidades. Esta análise permitiu uma compreensão da dinâmica social e cultural presente nos espaços digitais estudados, análise que será exposta na seção à seguir.

É importante ressaltar que este estudo está dispensado de tramitação em comitê de ética, pois se trata de uma pesquisa censitária com uma amostra tão ampla e dispersa que o anonimato dos participantes é garantido. Além disso, os dados serão coletados na internet, onde as informações são fornecidas livremente pelos próprios participantes durante suas interações nas redes

sociais. Essa abordagem não apenas preserva a privacidade dos indivíduos, mas também reflete a natureza pública e acessível desses espaços digitais.

Resultados e Discussões

Nossa tese central deste trabalho é que esses grupos são formas ainda mais agressivas de se "criar homens", pois antes eram os pais que viviam em uma realidade mediada - querendo ou não - por mulheres. Nestes grupos há apenas homens disseminando violência e em espaço considerando ainda "sem lei" no Brasil: a internet. Para analisar tal contexto, faremos aqui a exposição de narrativas frequentemente visualizadas nos grupos, a intenção é descrever elementos culturais trocados entre os participantes que reforçam as perspectivas *Redpill* e *MGTOW*. Destacamos que os grupos possuem muitas postagens sem comentários, repetidas muitas vezes e copiadas de outros grupos *redpill/MGTOW*, aqui serão analisadas as postagens com interação suficiente para entender um diálogo entre os participantes.

"Sem paciência pra moleques" é como os participantes se referem recorrentemente à mulheres com filhos que desejam ser valorizadas em relacionamentos futuros. Repetem a frase de forma pejorativa por entenderem que uma mulher com filhos não teria direito à escolha e/ou que após uma vida de promiscuidade - cabe destacar que a maternidade é infantilmente associada à fazer muito sexo e com muitas pessoas diferentes - ela estaria buscando homens para custear suas necessidades.

Na postagem aqui analisada, as respostas seriam sempre para que a mulher, que tem 05 filhos, procure os pais para que assumam um relacionamento com ela. Entende-se que a cultura *redpill/mgtow* perpassa aos respostas nos vários entendimentos: de que a mulher teve vários parceiros e/ou um filho com cada uma, desvalorização da mulher e sua objetificação (entendendo-a como uma vagina apenas que, por ter filhos, não tem mais o mesmo uso/formato/interesse), a busca da mulher não por interesses emocionais e sim por recursos financeiros. Destacamos que tal postagem é um print de um

aplicativo de relacionamentos, colocado ali sem autorização óbvia da mulher em questão.

Em um vídeo postado por um usuário, provavelmente falso, pois sua foto de perfil é um personagem usando um terno e seu nome V. Res, postou um vídeo de uma adolescente dançando enquanto o pai assistia sem expressão e a mãe sorria. Destaca-se a expressão de descontentamento do pai ao fim do vídeo. Neste vídeo os comentários giram em torno de: o apoio da mãe para a postura da jovem que é considerada uma agressão ao pai e falas sobre não ter filhos. Ao passo que um perfil afirma que o melhor agora é “não ter filhos”, outro comenta:

“eu falo isso rapa! Aí as pessoas falam: - Não vai ter filhos por causa dos outros? Mal eles esquecem , que o **progressismo está pegando pesado no plano da destruição da família**. As influências de **putaria e arco-íris tá muito grande!** Pois pra não ter dor de cabeça futura, pra quem não tem filhos, o melhor realmente é não ter mesmo.” (Grupo “**REDPILL E MGTOW BRAZIL** 007, s/p, grifos nossos)

Percebe-se que há uma forte influência do que Lin (2017) chamou de associação com discursos conservadores, não apenas aqueles presentes na América do Norte e Europa, mas também no Brasil. A ideia de que há uma conspiração mundial para o fim da família tradicional foi e é mote de candidatos e agentes políticos no Brasil e nestes outros espaços citados. Na cultura *redpill* e *MGTOW* há eco e reflexo de tais discursos-práticas.

Dentro do espectro de palavras destes grupos há “leitada” e “ghost”. Ao passo que o primeiro faz referência à ejacular na mulher o segundo se associa com desaparecer após o sexo, sem dar satisfação. Entende-se que tais palavras possuem um espectro de reforço de outras estruturas culturais dentro das ideologias: são práticas associadas à mulheres que são consideradas inferiores - e precisamos analisar tal categorização que beira o racismo, a pedofilia e outras parafilias, o que será feito à seguir - e que reforçam a ideia de quem homens devem seguir seus caminhos sem se importar com o destino de filhos/mulheres para serem livres.

Em uma postagem sobre “é melhor viver de “xvídeos”, ler o livro “Manual Antiotário”, ter um pc gamer e comprar uma boneca inflável do que casar” os membros do grupo debatem se é melhor seguir uma vida com pornografia, jogos e o caminho redpill do que ter um casamento. As visões de que o casamento é um lugar triste, preferencialmente para homens, e que acaba sempre com o homem depressivo e dilapidado financeiramente são comuns, pois as leis brasileiras beneficiam e são criadas por um feminismo estrutural/modernismo esquerdista, reforçam o “caminho à ser trilhado” pelos MGTOWs. A presença do “manual antiotário” uma espécie de bíblia redpill brasileira do influencer Rafael Aires entre os objetos de desejo dos debatedores reforça a ideia de que *redpill* e *MGTOW* são movimentos separados apenas em suas origens. Destacamos a fala de um participante:

“O casamento chega a ser pior do que isso aí, o cara tem que **implorar pra comer a própria mulher, não pode falar alto com ela porque pode ser acusado de agressão (a)**, vive numa prisão desgraçada. Olhe num shopping ou outro lugar movimentado como ficam os rostos dos **caras casados, sempre com aspecto cansado (b)**, a mulher sempre com cara de descontente, **qualquer coisa que o cara saia fora da linha ela trai**, isso **quando já não está traindo (c)** e está com o cara **só pra não ficar só ou sem grana (d)**.” (Grupo “**REDPILL E MGTOW BRAZIL** 007, s/p, grifos nossos)

Destacamos nesta fala alguns elementos já presentes na cultura *redpill/mgtow*, a percepção que a função da mulher é puramente sexual e que falar alto com a mulher seria um direito do marido/homem que é cerceado pelo Direito contemporâneo (destaque a), afirma também que os homens casados estão sempre em uma posição desfavorável (destaque b).

Destaca-se o aspecto determinístico da cultura *redpill/mgtow*: seguindo elementos de teorias já ultrapassadas na análise cultural de grupos (Laraia, 1986) e que foram e são utilizadas como forma de massificar comportamentos segregacionais (como por exemplo a análise corporal para determinar traços criminosos da teoria eugenista), os membros do grupo apresentam que mulheres terão características inexoráveis em seus comportamentos - como traírem ou trocarem “betas por alfas” - desconsiderando a perspectiva antropológica de que

os sujeitos estão entrelaçados à rede de contextos-estruturas que estão culturalmente ligados e respondem a tal estrutura (Geertz, 1989) e ainda que os grupos culturais e suas categorias - mulheres ocidentais brasileiras, por exemplo - respondem às macro e micro histórias (Laraia, 1986).

Outra comparação comum que é feita pelos grupos analisados é a comparação da mulher com bonecas sexuais, o mundo pornô e a idealização de uma mulher perfeita, deixando sempre claro que há uma superioridade natural nesta “mulher” que é idealizada pelo movimento. Abaixo, foi organizado um quadro sobre o que seria uma mulher ideal a partir dos dados coletados:

Quadro I - Modelo Ideal de Mulher para os movimentos analisados

Categoria de Análise de idealização da mulher conforme análise do conteúdo		
Comportamental Pública	Biológica-Estética	Comportamental Sexual
Não possui opinião	Não possui TPM nem “variações hormonais”	Liberalismo Sexual
Não vai trair - comportamento normal	Não deveria ter funções biológicas excretoras (“mijar/cagar”)	Deve ser virgem
Deve fazer refeições ao parceiro	Deve ser jovem	Deve ter pouca experiência sexual
Não deve ter muitos pré-requisitos na escolha de parceiros	Não deve ter estrias ou deve ter um corpo padrão	Deve estar à serviço do prazer sexual do homem
Não deve realizar joguinhos mentais	Há uma valorização da mulher branca	
Não deve ser uma “alpinista social” trocar homens pobres por homens ricos/poderosos	Deve ter um tipo ideal de anatomia vaginal	
Mulheres do sul/sudeste são superiores às mulheres do Norte/Nordeste		
Não deve ser mãe solteira		

Fonte: Os autores, 2024.

Categoria Comportamental Pública

A primeira questão desta categoria é a problemática para os membros dos grupos que as “mulheres têm opinião” ao passo que as bonecas sexuais ou garotas de programa não, o que já se classifica como uma intencionalidade de objetificação da mulher, de sua sujeição completa (Baeré; Zanello, 2020). O movimento de “saída do espaço doméstico” pelas mulheres no mundo contemporâneo (Menezes, Sousa, 2017) representa uma ameaça para os frequentadores da “casa virtual dos homens” que entendem o espaço doméstico como lugar “natural” mulher, fazendo sempre brincadeiras com “motorista de fogão” e similares.

O fato que deve ser aqui analisado é que ter opinião não representa apenas a questão da fala, mas de ter uma fala política (na perspectiva mais genérica de política) e o reconhecimento de outros direitos formais dentro da sociedade em que habitam. De forma contumaz, retirar ou debater a humanidade ou capacidade política de grupos/sujeitos é uma forma de se retirar poder decisório sobre sua própria vida, exercendo uma forma de biopoder (Mbembe, 2016), associando-se estas perspectivas, a ideia do movimento seria transformar a mulher viva em uma boneca sexual, como não é possível, escolher-se a segunda.

Na perspectiva *redpill/MGTOW* a mulher é um ser movido pelo desejo de forma incansável: ela tem o desejo sexual e vai trair seu companheiro, sempre retratado como leal e dedicado, quer seja na busca por este desejo ou pela perspectiva de um alpinismo social - trocar o “macho beta pelo macho alfa” que tem ou poder, ou beleza, ou aparência e força muscular, ou capacidade de violência ou riqueza. Desta forma, a mulher ideal vai ter algumas características relacionadas à negativa deste desejo, não trair (o que é considerado um comportamento normal para este gênero) e não ser uma alpinista social.

Outro elemento da questão comportamental é a divisão público/doméstico que fazem os participantes que se manifestam nas redes: a mulher deve se ocupar das questões domésticas como fazer comida (almoço/jantar), limpar a

casa, esperar o marido com um sorriso e com filhos ao lado, destacando de forma positiva quando existem ações de mulheres registradas em vídeos. Cabe ao homem sustentar a família e a mulher uma forma de obediência e submissão. Os MGTOW vão definir que a não realização desta separação faz com que não valha mais a pena se relacionar e sim construir uma vida individualizada.

Outras características apontadas “Não deve ter muitos pré-requisitos na escolha de parceiros” e “Não deve realizar joguinhos mentais” se relacionam com opções e necessidades inerentes não apenas às mulheres, mas a todos os seres humanos e são elementos que demonstram uma incapacidade de gerenciamento social desses sujeitos quando falamos de relações amorosas. Como será feita uma escolha de relações/parceiros sem critérios? Doutro lado “joguinhos mentais” seria algo como “viver ao lado de uma pessoa que possui diferentes comportamentos de acordo com a situação que vive” algo considerado normal pela sociologia e psicologia, mas não pelo *redpill*/MGTOW.

Reforçamos a tese de que estes sujeitos desejam se relacionar com uma boneca humana que pode ser facilmente manipulada, utilizando-se de diversos critérios prévios para se alcançar tal objetivo. Iremos falar mais sobre tal questão na análise das outras categorias.

Categoria Biológica-Estética

Retomando o que foi debatido na categoria anterior, analisando as falas do que seria uma mulher ideal para os participantes aos movimentos aqui estudados, a mulher almejada deveria se comportar mais como algo não humano, inclusive em suas funções biológicas e/ou representações estéticas.

A primeira questão é que a mulher deve ser jovem, sem estrias e deve ter um corpo padrão. Este corpo, pelo que foi possível perceber, se parece com um corpo infantil ou um que tenha constância na prática de exercícios físicos, com predominância do primeiro tipo. Há associações diretas com desenhos pornográficos ou não com a mulher ideal, fato é que esta idealização se contrasta com o que se chama de “corpos reais” tanto daqueles que exigem quanto das

mulheres que possuem suas vidas atravessadas pela realidade econômica e biológica do ser “ser humano”: este ideal está longe do real e causa dano para a auto-imagem, performance, busca por parcerias e até violência contra mulheres de forma similar ao que a idealização pornográfica causa (Baumuel *et al*, 2019).

Antes de falar sobre a questão que se destaca mais, pois se relaciona com outros aspectos político-ideológicos, duas outras características reforçam a intenção de desumanizar as mulheres dos participantes da comunidade *redpill/MGTOW*: a mulher não pode possuir TPM (tensão pré menstrual) ou mesmo possíveis “variações hormonais”. E mais, a mulher ideal não deveria ter funções biológicas excretoras como urinar ou defecar (“mijar/cagar”), assim, fica o questionamento qual tipo de ser vivo complexo ou do nosso reino *animalia* não realiza tais funções? Em síntese, tais questões reforçam a negativa de tudo que é feminino como elemento fundamental da criação desta casa virtual dos homens (Baeré; Zanello, 2020).

Destacamos, por último nesta categoria analítica, a supervalorização da mulher branca (advinda de países centrais do capitalismo, nórdicos ou do Sul brasileiro) frente às mulheres pretas, indígenas, nordestinas ou não-brancas. Remontando a perspectivas eugênicas da superioridade moral natural e determinada (Laraia, 1986) da mulher branca frente às outras raças/etnias, o movimento se associa à extrema-direita racial que tem ganho força no Brasil e no mundo nos últimos anos, com ampliação de suas forças a partir das redes sociais (Jacobini *et al.*, 2024). Na perspectiva do grupo, a mulher branca seria naturalmente mais resistente à necessidade de trair e trocar de parceiros do que as mulheres em geral possuem (hipergamia).

Ainda neste contexto, há uma idealização da vagina feminina, que deve ser “fechada”, sem grandes lábios, sem pêlos e de cor rosada, pois segundo os membros da comunidade, seria uma forma de mostrar que a mulher ainda é virgem ou não teve filhos. Alguns elementos de análise que permeiam a cultura e sua rede de significados coletivos (a) que essa vagina rosada é associada à mulheres brancas pelos membros, o que reforça o discurso anterior da supervalorização da mulher branca e depreciação racista das demais

raças/etnias e (b) de que a “vagina ideal” se aproxima de uma versão infantil de um órgão sexual feminino, aproximando o inconsciente coletivo do grupo da pedofilia, tal elemento será debatido mais profundamente no tópico sobre comportamento sexual.

Categoria Comportamental Sexual

Aqui encontramos, talvez, a parte mais violenta e conspiratória dos dados coletados a partir da metodologia aplicada. A análise do comportamento sexual feminino e a criação de um modelo ideal para os *redpill/MGTOW* de como seria o sexo praticado por esta mulher que caberia no desejo coletivo do grupo. De antemão, apontamos que são questões contraditórias: a mulher ideal deve de forma binomial ser virgem ou ter pouca experiência sexual e, ao mesmo tempo, deve estar à serviço do prazer sexual do homem e ter uma espécie de “liberalismo sexual” para responder a tal demanda.

Teorias conspiratórias sobre reprodução humana e comportamento sexual feminino são somadas à uma intenção globalista de dominação pela “esquerda ultramoderna” e similares. Destacamos dentre as postagens com maior número de comentários uma que afirma “toda vez que vc deita com uma pessoa, vc deita com o passado dela” e outra que aponta que “filhos podem nascer com categorias genéticas dos ex - parceiros da mulher”.

O grupo requebra o velho medo do liberal médio e da burguesia ascendente: de que a mulher possa se reproduzir com outro que não seja o marido/parceiro e para isto vai criar elementos regulatórios simbólicos ou aparelhos repressivos: quer seja para todos via Estado e ideologia de classe (Engels, 2019), na forma de religiosidades, proibições, arte (Freud, 2012; Sófocles, 1998) ou na forma de pseudociência compartilhada em grupos.

Ainda sobre a questão da virgindade, destacamos a fala de um participante: “depende da **classe social e local que mora...** O Governo pede para vacinar meninas de 12 anos contra o HPV, logo, se presume que em **classes menos favorecidas existe uma erotização precoce.**” (Grupo “**REDPILL E MGTOW**”)

BRAZIL 007, s/p, grifos nossos) ao passo que outro membro responde “0.5 % **maioria deficiente**” (Grupo “**REDPILL E MGTOW BRAZIL** 007, s/p, grifos nossos). Em dois comentários ressaltamos as categorias utilizadas para livremente colocar ou retirar mulheres de um status negativo - não virgens, logo, não dignas - as coisas dependem da classe social (quanto mais pobres, mais erotizadas precocemente) e onde moram. O outro comentário, respondendo a primeira fala afirma que apenas mulheres “deficientes” ou seja, com necessidades especiais, seriam ainda virgens, talvez, pela lógica deturpada de quem fez a postagem, por estarem impedidas de compartilhar da “cultura feminina” e “pós-moderna” que está afastando as mulheres de serem “honradas”.

Ainda reforçando aspectos da supervalorização da virgindade e da objetificação da mulher como algo feito para o sexo, destacamos duas falas, com grifos nossos:

“Muitas mulheres desejam casar com um cara bem sucedido na vida... Mas, o que **elas tem pra oferecer a um homem bem sucedido, em troca de casamento ??? Se não forem virgens, com certeza, já não possuem mais nada pra oferecer em troca!!!** Pois a virgindade, é o bem mais precioso que uma mulher possui pra entregar ao homem... Se já não tem o “**selinho de garantia**”, não presta pra compromisso sério nem casamento!!! Ou seja: **mulher rodada só serve pra diversão e s3x0 sem compromisso.**”

“Se não tem **o selo**, é por que **não é boa filha e não vai ser boa mãe nem boa esposa**, então não caia na mancada” (Grupo “**REDPILL E MGTOW BRAZIL** 007, s/p, grifos nossos)

Nas frases acima temos a representação de um espírito cultural coletivo que abunda no grupo, a ideia de que a virgindade é a garantia de que uma mulher terá, intrinsecamente, características positivas para ser boa mãe ou esposa e, não sendo mais virgem, ela não foi/é uma boa filha. Reforçando o espectro misógino do grupo, tais características não se impõem sobre os homens, sendo estes incentivados a viverem uma vida ligada ao sexo, como destacado na primeira frase anteriormente, “mulher rodada só serve pra diversão e s3x0 sem compromisso” (importante reparar no cuidado para não ser taxado pelo algoritmo da rede social ao disfarçar a palavra sexo).

Tal perspectiva é majoritária culturalmente nos setores conservadores, machistas e misóginos do Brasil e pauta de luta de movimentos feministas e progressistas da sociedade, não temos aqui nenhuma “novidade” do ponto de vista de análise destas tensões. O que destacamos é a forma pelo qual esta casa virtual dos homens é utilizada como forma de reforçar-renovar-recrutar tais aspectos, migrando discursos conspiratórios, pseudociência, fake news e outros aspectos da extrema direita mundial que vêm retomando a superfície do tecido social nos últimos anos.

Em uma postagem de tom alarmante (uma fake news) sobre robôs com pênis de 30 centímetros vão substituir os homens, um participante - que é um perfil verdadeiro, com emprego em uma empresa real, com formação em um Instituto Federal - comenta: “Acho isso um grande tocar de berrante, chamando o gado para o pasto, querendo fazer com que voltem pra plantação... Shamming não é. Homens são mais discretos com suas Dolls, não ficam fazendo propaganda que elas só pelo silêncio, são melhores que as mulheres... Deixe elas fazerem isso a vontade, pelo menos vão dar um tempo da dog pill”.

A “dog pill” é mais uma teoria *redpill/MGTOW*. Afirmar que as mulheres preferem se relacionar com cachorros do que com homens. Em vídeo em nota de rodapé⁷ abaixo é possível ouvir pelo autor que “tem cachorro que tá comendo mais gente do que você, tá?”, somado a tudo isto, temos, novamente, teorias da conspiração da possibilidade de mulheres engravidarem de cavalos ou cachorros, algo negado pela ciência básica. O autor do vídeo destaca dois autores que irão, segundo ele, usando de teoria científica, explicar o comportamento bestial da mulher que busca a tal da “dog pill”. O curto vídeo teve 400 comentários na plataforma e foi repostado em diversos espaços, incluindo a comunidade aqui analisada no artigo, acompanhado das hashtags “#redpillbrasil #mgtowtiktok #sigma #relacionamento” destaca dois autores que aglomeram discursos e seguidores deste movimento.

⁷ Não recomenda-se assistir este vídeo a não ser para aferir a veracidade da análise. Mesmo que não tenha nada explícito, o que seria um crime e denunciado pelos autores do artigo, faz referências esdrúxulas na relação ser humano-animais. Link: https://www.tiktok.com/@hercules_s/video/7194835734891695365

Conclusões e Reflexões

Primeiro, as reflexões. Finalizando este trabalho foi possível chegar a conclusão que é o primeiro de muitos possíveis. O que começou com um debate entre psicólogos, enfermeiros e sociólogos (e estudantes da área em formação) sobre masculinidades se transformou no mergulho em um mundo de violência, conspirações, mentiras, misoginia e outras ideologias ultra-violentas. Foi um esforço pessoal terminar a leitura e escrita.

Sobre as conclusões possíveis, destacamos que ainda há muito o que se analisar e que possivelmente as palavras, os elementos estéticos, as aproximações com a pedofilia e outras parafilias, visões políticas (eleições, representantes e similares ao campo) e sobre a mulher devem se transformar em outros trabalhos de Iniciação Científica ou formação continuada de estudantes de Psicologia, Ciências Sociais, Enfermagem e outras ciências que debaterem a questão de gênero, políticas públicas e sociedade.

São muitos os elementos reforçadores de comportamentos culturais e muitos podem ser vistos nas comunidades *redpill/MGTOW*, o que deduzimos a partir das que foram aqui analisadas que os processos de endoculturação na formação de jovens e adolescentes para o que seria relacionamentos/sexo está presente na forma de rituais e cerimônias coletivas, sendo elementos de transição de uma fase para outra, coletivamente aceitas por aquele povo/grupo (Van Gennep, 2014) e que vão reforçar coesão social e comportamentos esperados, assim como atribuir elementos de tabu/exclusão em comportamentos rejeitados, promovendo a solidariedade entre os sujeitos.

Desta forma, os rituais de fazer parte da comunidade, comentar, compartilhar textos/imagens/vídeos, participar de lives e ler livros da *Redpill/MGTOW* seriam formas de abraçar a cultura da comunidade. Destacado de tempos em tempos, a imagem do filme Matrix - tomar a pílula vermelha e despertar ou a azul e adormecer - reaparece no grupo. Engolir a redpill seria como sair de um contexto e ir para outro.

A estrutura tripartite do Ritual em Van Gennep (2014) pode ser analisada na transição do blue para redpill:

(a) o processo de separação (pré-liminar) onde o sujeito é separado de seu status anterior, o que requer um isolamento físico ou simbólico, no contexto aqui analisado, cria-se uma espécie de ódio ao blue pill que são chamados por nomes ofensivos para a comunidade: beta (contrário de alfa), miquéias (o homem bom com mulheres, que é o contrário de chad, o que apenas transa), dentre outros. Importante separar simbolicamente o novo redpill/MGTOW (neófito) a partir desta vergonha, em pouco tempo o iniciante sentirá vergonha de publicamente ser afetuoso com mulheres ou transar visando um relacionamento futuro.

(b) Na Margem (parte Liminar) o sujeito está entre estados (não é nem red nem bluepill), mas está em processo de aprendizado e transformação. Este momento de ambiguidade é suscitador de anomias sociais, sendo o sujeito impelido a transicionar para a nova etapa, pós-ritualística.

(c) na fase de Incorporação (pós-liminar) o sujeito retorna para a sociedade com um novo estado, sendo totalmente desligado de seu estado anterior. Na imagética redpill é como se o mesmo tivesse tomado a pílula vermelha e despertado. A partir daí ele “compete” por um status dentro da comunidade da mesma forma que outros grupos sociais contemporâneos, com relatos, comentários, produzindo ou compartilhando vídeos, dentre outras ações que quanto mais se vinculam diretamente à ideologia dominante, mas são reproduzidas e reforçam o poder do produtor/divulgador.

Este processo ritualístico é poderoso tal qual seria em outros grupos: se torna uma filosofia de vida seguida, ao menos, nas redes sociais, e que vai levar-nos até ataques contra meninas em escolas e violência física e simbólica contra mulheres (Aaronovich, 2019). Aqueles que abandonam são logo classificados como inferiores e fracos. Para finalizar e destacar o poder social do discurso redpill, destacamos a fala de um participante da comunidade: “Nem refutou e nunca refutará a redpill, mais de uma coisa eu tenho certeza e que a redpill é cirúrgica , logo ele vai cair nas profecias da red.”. A filosofia redpill é,

para seus seguidores, capazes de prever algo que ocorrerá, como uma profeta da forma de agir das mulheres e da sociedade como um todo.

É neste caldeirão coletivo que bebem muitos de nossos adolescentes e jovens brasileiros.

Referências

Amato, B., & de Barros Pinto Miguel, R. (2024). De Matrix a Suzano: manosfera, teoria red pill e o massacre da escola Raul Brasil. **Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura**, 7(22). Recuperado de <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15797>

ARONOVICH, Lola. **Massacre de Suzano, um crime anunciado**. Escreva, Lola, Escreva (blog). 14 de março de 2019. Disponível em: <<https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2019/03/massacre-de-suzano-um-crime-anunciado.html>>. Acesso em: JUL 2024

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska. Suicídio e masculinidades: uma análise por meio do gênero e das sexualidades. **Psicologia em estudo**, v. 25, p. e 44147, 2020.

BAUMEL, Cynthia Perovano Camargo et al. Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências. **Psico-USf**, v. 24, p. 131-144, 2019.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, do Estado e da propriedade privada**. Boitempo Editorial, 2019.

FREUD, Sigmund. Freud (1912-1914)-Obras completas volume 11: **Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. Editora Companhia das Letras, 2012.

JACOBINI, Ana Clara Borini et al. A ascensão do neonazismo em Santa Catarina e sua correlação com a extrema direita na internet. **Revista Avant**-ISSN 2526-9879, n. Especial, 2024.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n.9, p.103-117, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 1986.

LIN, Jie Liang. **Antifeminism online. MGTOW (men going their own way)**. Acessado em [degruyter.com](https://www.degruyter.com), transcript, 2017.

MENEZES, Elisângela Ferreira; SOUSA, Rúbia Elza Martins de. AS SUBJETIVIDADES DA REALIDADE VIVENCIADA NO ESPAÇO RIBEIRINHO: JUVENTUDE E GÊNERO NA COMUNIDADE DE NAZARÉ". In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 th Women's Worlds Congress**, 2017.

SANTOS, M. do C.; ANDRADE, R. A. O. de. Adorno, Horkheimer e Huxley: leituras sobre nosso "Admirável Mundo Novo". **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas-BA: Fábrica de Letras - UNEB, v. 1, n. 1, p. 55–84, 2016. DOI: 10.30620/gz.v1n1.p55. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/2239>. Acesso em: 12 jul. 2024.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Curitiba: Coleção L&PM Pocket, 1998.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Editora Vozes Limitada, 2014.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, vol.9, n.2, p.460-482, 2001.

Palco da Acolhida: Práticas Teatrais como Integração para Refugiados Estudantes

Beatriz Brandão¹

Resumo

Este artigo visa integrar Arte e Educação, utilizando as práticas teatrais como estratégias de promover a cidadania e inclusão de alunos refugiados no Ensino Básico. O estudo analisa as políticas públicas de Educação para refugiados no Brasil, no âmbito da integração e sociabilidade juvenil na escola. A Constituição Federal (artigo 205) garante o direito à educação como princípio universal, incluindo refugiados e seus filhos residentes no Brasil, o que torna o debate sobre o status cidadão tema constante na agenda pública, política e acadêmica. Assim, é abordada a dimensão da cidadania e dos Direitos Humanos na Educação, com enfoque na sociabilidade pelas práticas teatrais dos refugiados. A pesquisa se centra nas artes teatrais no ensino, analisando o acesso à educação para pessoas em refúgio e seus desafios. Ao examinar o papel da escola na educação cidadã e democrática, podemos compreender como as práticas culturais e artísticas podem acolher refugiados de forma intercultural.

Palavras-chave: Práticas teatrais; Ensino Básico; Refugiados; Políticas Públicas.

Abstract

This article aims to integrate Art and Education by using theatrical practices as strategies to promote citizenship and the inclusion of refugee students in Basic Education. The study analyzes public policies on Education for refugees in Brazil, focusing on youth integration and sociability in schools. The Federal Constitution (Article 205) guarantees the right to education as a universal principle, including refugees and their children residing in Brazil. This makes the debate on citizenship status a constant theme on public, political, and academic agendas. Thus, the article addresses the dimension of citizenship and Human Rights in Education, with an emphasis on sociability through the theatrical practices of refugees. The research focuses on theatrical arts in education, analyzing access to education for refugees and the challenges they face. By examining the role of schools in civic and democratic education, we can understand how cultural and artistic practices can welcome refugees in an intercultural manner.

Keywords: Theatrical practices; Basic Education; Refugees; Public Policies.

¹ Professora dos Programas de Pós-graduação em Humanidades, Cultura e Artes (PPGHCA) em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS) da Unigranrio Afya. Coordenadora Executiva e Geral do Comitê de Cultura do Estado do Rio de Janeiro na Política Nacional dos Comitês de Cultura do Ministério da Cultura - MinC. Pós-Doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo, USP (2019-2022). Doutora em Ciências Sociais pela PUC-RIO (2013-2017). Mestra em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ (2011-2013).

Introdução

Diante da demanda internacional por políticas de acolhimento e proteção aos refugiados, é fundamental problematizar o processo de integração e vinculação à educação. Nesse contexto, as artes teatrais podem ser absorvidas como espaço articulador, cujos processos pelos quais os refugiados percorrem, passam a ser dramatizados em suas experiências. Há décadas, o saber pedagógico tem explorado o teatro como ferramenta para a formação e construção de aprendizagem (Montenegro et al, 2005). No entanto, apesar da longa trajetória que une Arte e Ciência, essas duas áreas podem parecer distantes atualmente (Lopes; Dahmouche, 2019).

O sentido trazido para a integração não pressupõe o teatro como forma de assimilação da cultura dominante e sim como potencialidade emancipatória, que emerge da tradução e ressignificação das questões sociais vivenciadas pelos refugiados. Partindo da premissa de que o espaço teatral pode promover a integração social na educação, identifiquei quatro mecanismos fundamentais para tal, conforme proposto por Paugam (2006): o laço de filiação, o laço de participação eletiva, o laço de participação orgânica e o laço da cidadania.

A educação para a cidadania é um elemento crucial para fomentar a reflexão sobre as subjetividades e identidades dentro da escola, especialmente no contexto da crise dos refugiados e da busca pela cidadania. Além disso, é essencial analisar o papel da escola como uma instituição cidadã e democrática, especialmente diante dos desafios de expansão.

Nessa perspectiva, o artigo nasceu de uma experiência prática com apresentações e oficinas de teatro em uma escola da Baixada Fluminense, que atende alunos refugiados do Ensino Básico. Durante uma das oficinas, observamos um fenômeno interessante: os alunos brasileiros que interagem com colegas refugiados na mesma turma não os viam como refugiados, apesar de conhecerem a definição de imigrante em situação de refúgio. Havia uma desconexão entre o conhecimento teórico e a realidade prática: os alunos brasileiros viam seus colegas refugiados como amigos de escola, e não como “outros” distantes ou estrangeiros. Quando falavam sobre refugiados, sempre se referiam a um problema social distante.

Essa situação emergiu uma série de reflexões que giram em torno da formação da sociabilidade juvenil na interação entre alunos refugiados e brasileiros no Ensino Básico em escolas municipais. A escola é escolhida como locus de observação e análise das sociabilidades juvenis devido ao seu papel central na cultura juvenil, onde as relações sociais são construídas, firmadas e amadurecidas. Antônio Flávio Moreira e Vera Maria Candau (2000) destacam que as crises na escola são resultado de sua complexidade como instituição educacional e democrática, refletindo as diversidades culturais e curriculares presentes na vida escolar. A crise na escola, portanto, reflete a dificuldade da instituição em lidar com novos desafios, incluindo a integração de alunos refugiados.

Nesse contexto, o artigo busca refletir as contradições e possibilidades de uma formação cidadã dentro da Educação Básica, conforme estabelece a Constituição Federal, em seu artigo 205, que define os objetivos da educação brasileira como o “pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 2016).

Embora a ideia de educar para a cidadania tenha ganhado legitimidade na academia, em documentos governamentais e na sociedade em geral, seu significado não é consensual. A expressão “educar para a cidadania” foi apropriada por defensores de ideologias diversas, desde uma perspectiva conservadora, que a associa à formação de empreendedores, até uma visão progressista, que vê na construção da cidadania uma possibilidade de criar uma sociedade mais justa (Gadotti, 2010; Candau, 2002; Zenaide e Tosi, 2004; Cury, 2002; 2008; Benevides, 1991; 2004).

É fundamental explorar como os laços sociais são estabelecidos e negociados, especialmente em relação aos refugiados. Como tais laços sociais são visibilizados, se complementam ou se excluem, que esferas mobilizam e repercutem na relação aqui proposta, entre arte e refúgio na escola? Ao investigar essas questões, focalizaremos em duas dimensões principais: no exame das noções de proteção e reconhecimento e a forma como elas estabelecem suportes, recursos e interações. Em suma, com quem os refugiados podem contar e para que(m) eles importam.

Educação para a cidadania

A “educação para a cidadania” é um tema que tem ganhado destaque nos debates educacionais contemporâneos, e este projeto introduzirá nesse debate o contexto da crise dos refugiados e da busca por soluções para a integração desses indivíduos em sociedades receptoras. Nesse cenário, é fundamental refletir sobre os significados e as práticas associadas à educação para a cidadania, considerando as complexidades e as tensões que envolvem a construção de identidades e a luta por direitos e reconhecimento.

Com base nas contribuições de Ernesto Laclau, é possível identificar o conceito de “educação para a cidadania” como um exemplo de “significante vazio”. Isso ocorre quando múltiplos atores se apropriam desse conceito, atribuindo-lhe significados divergentes. Segundo Laclau (1996, *apud* Mendonça, 2007, p. 252), o significante vazio é um “significante sem significado”, utilizado estrategicamente para obter hegemonia discursiva. Em outras palavras, a apropriação de um significante vazio não visa afirmar algo sobre um conceito, mas criar condições favoráveis para que o agente implemente sua ideologia, apoiando-se numa categoria legitimada socialmente.

No entanto, é fundamental lembrar que a elaboração da nossa Constituição e, em particular, a incorporação da cidadania como princípio basilar da educação brasileira, foram impulsionadas pela atuação de movimentos sociais. Esses movimentos vinham se constituindo no país desde o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, de 1932, influenciados por intelectuais como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Florestan Fernandes e Paulo Freire.

Com o fim da ditadura civil-militar (1964-1985), esses movimentos sociais encontraram uma oportunidade para serem ouvidos na Assembleia Constituinte (Ribeiro, 2002; Avritzer e Santos, 2000). Como resultado, conseguiram influenciar a inclusão do “preparo para o exercício da cidadania” como um dos objetivos centrais da educação nacional.

Considerando a concepção de “educar para a cidadania” como um “significante vazio”, é fundamental definir o que isso significa. Para isso, adoto a noção de “Cidadania Ativa”, que é um referencial prioritário para o Estado brasileiro, como evidenciado em documentos oficiais, tais como os Parâmetros

Curriculares para o Ensino Fundamental. Esses parâmetros definem a cidadania que se pretende construir na escola como “uma noção de cidadania ativa, que tem como ponto de partida a compreensão do cidadão como portador de direitos e deveres, além de considerá-lo criador de direitos, condições que lhe possibilitam participar da gestão pública” (Brasil, 1998, p. 20).

Maria Victória Benevides é uma das precursoras da teoria da “Cidadania Ativa” no Brasil. Segundo a autora, a educação política é o “ponto nevrálgico” para formar cidadãos ativos, capazes de interferir conscientemente na criação, transformação e controle do poder (Benevides, 1991, p. 18-19). A definição de “Cidadania Ativa” proposta por Benevides se baseia nos seguintes pressupostos:

- Sujeito criador de direitos
- Atuante (em oposição à passividade)
- Consciente politicamente
- Participante dos assuntos políticos
- Protagonista

A Constituição Federal (CF) apresenta a educação para a cidadania como um conceito que abrange um ideário amplo e um diálogo profundo com os Direitos Humanos. Isso implica reconhecer e valorizar as diversidades e desigualdades presentes na sociedade, incluindo questões de raça, etnia, gênero, orientação sexual, entre outras. No contexto da cidadania ativa, o foco da análise se concentra nos desafios enfrentados pelos refugiados em sua aceitação e vivência no cotidiano escolar.

Entretanto, é paradoxal que, apesar do ideário inclusivo, a presença dos refugiados ainda não seja plenamente reconhecida e valorizada na formulação de leis e políticas públicas. A participação e escuta dos refugiados não são consideradas na elaboração de leis, mesmo aquelas que visam garantir acesso a serviços, oportunidades de emprego, interação social e direitos políticos.

Além disso, a abordagem dos refugiados como um “problema” a ser resolvido pela lógica estatal reforça uma perspectiva que ignora sua capacidade de influir em suas próprias vidas (Bertino Moreira, 2014, p. 95). Essa exclusão

se torna um paradoxo, pois as leis que visam promover a interação social e a cidadania dos refugiados não os consideram atores capazes de influência.

A expansão da escolarização no Brasil, especialmente do ensino médio, a partir dos anos 1990, trouxe um novo contingente de jovens alunos que anteriormente não tinham acesso a esse nível de ensino. Esses jovens trouxeram para a escola as tensões e contradições de uma sociedade marcada pela desigualdade.

Tal expansão da escolarização no Brasil trouxe mudanças significativas na experiência de escolarização dos jovens. Mônica Peregrino (2010) questionou quais tipos de escola surgiram com essa expansão e quais experiências de escolarização foram proporcionadas. Além disso, é fundamental investigar em que medida a escola amplia as possibilidades de experimentação da condição juvenil.

Assim, um dos principais desafios da escola pública é reconhecer o jovem existente no aluno, considerando suas trajetórias juvenis, práticas sociais e culturais, relação com o mundo do trabalho, amigos e lazer. Essa compreensão é fundamental para entender os sentidos, motivações, atitudes e práticas que os jovens desenvolvem em processos educativos, que diferem significativamente das gerações anteriores.

Nesse contexto, acredito que a relação dos jovens com a escola deve ser analisada à luz das motivações e sentidos que eles atribuem à escola. Esses sentidos resultam da conjugação entre o quadro mais amplo das relações sociais e aspectos ligados à trajetória individual e familiar. Dependendo dos suportes a que têm acesso, como apoio familiar, redes sociais e institucionais, os jovens podem desenvolver diferentes modos de ser estudante, expressando um continuum diferenciado de posturas em relação à escola.

O papel da escola como cidadã se torna ainda mais veemente num contexto ainda mais complexo com jovens estrangeiros, refugiados, na tentativa de dividir um espaço sendo ainda “não cidadão”, que para Michel Agier (2006), é aquele em que existe a falta de estado nacional em suas relações. A busca pela cidadania de um Estado social, político, que os proteja e o represente se torna o rumo seguido de seus objetivos.

Dentro desse caminho, não há como compreender a permanência de um refugiado em outro país, sem levar em conta que sua categoria carrega em si uma tríade de transitoriedade, provisoriedade e temporalidade. (Bertino Moreira, 2014, p.80). São identidades em trânsito com um protagonismo dirigido, “formadas em constante movimento em espaço-tempo, cuja noção de pertencimento é refutada por passearem por tantos espaços, fazendo de suas vidas um permanente trânsito físico e existencial” (Brandão, 2016, p. 114).

Ao chegarem, os refugiados trazem consigo biografias marcadas por conceitos e noções solidificados, como território, família e cultura. No entanto, o trânsito permanente e a perda forçada de suas referências fundamentais os levaram a um processo de redefinição de suas identidades. Nesse contexto, “o sentimento de pertença a uma nação, constituído por meio de simbologias, sistemas de valores, crenças e ideologias criadas para dar unidade à identidade coletiva assume um papel fundamental” (Brandão, 2016, p. 114).

Esse sentimento funciona como um fator de aproximação e identificação entre refugiados que compartilham experiências semelhantes de perda e falta, criando uma sensação de unidade e ligação nacional e cultural, mesmo que essa unidade não esteja baseada em raízes fortificadas. Seu estado de liminaridade jurídica, política e identitária é assentado “na falta de pertencimento pleno enquanto membros da comunidade receptora e nos vínculos introjetados por códigos partilhados com a comunidade de origem e o país de destino”. (Bertino Moreira, 2014, p.82).

Tal estado marginal, antes de tudo, trata-se de uma questão de Estado Nação, autores como Haddad (2008), no indicam a categoria dos refugiados não existe sem uma o conceito de soberania que se apresenta na relação entre Estado, cidadania e território. Por isso, “emerge como consequência das ações ou omissões políticas empreendidas pelo Estado. Diante disso, o país acolhedor deve prover proteção a essa população estrangeira recebida em seu território e garantir direitos que estavam em risco no país de origem” Haddad (2008, p. 23).

Pensando nesse hiato existente entre a esfera legal e as práticas de vivência, pode se tornar a escola um ator relevante na permanência desse refugiado já que a sociabilidade e a formação de raízes num lugar são aspectos

para se consolidar o processo migratório definitivo, de acordo com o marroquino Mohamed Elhajji, professor e estrangeiro:

A decisão de ficar e “criar raízes” como se diz, a decisão (consciente ou não) de se deixar tomar pelo sentimento de uma nova *philia*, pertença, identificação e compartilha de um novo destino comum (que se traduz por sensibilidades ideológicas e adesões políticas) não é um processo automático, simples ou unilinear. Vários fatores entram em jogo, mas, geralmente, é uma história de encontros: encontros com pessoas, lugares, leituras (Elhajji, 2017, p.200).

Avalio que uma análise, que vá além dos termos ausência e ruptura, e alargue um diálogo com o papel da educação e da escola que performatizem os sentidos dos refugiados serem - e se sentirem - não somente cidadãos, como também atores políticos, se coloca como relevante e atual. Acredito na necessidade de sempre mais pesquisas com refugiados no Brasil por um motivo já mencionado por Eljaziu (2017):

Além de ser um vetor de desenvolvimento econômico e enriquecimento material, a presença do migrante e refugiado tem essa função didática e empírica de grande valia para o desenvolvimento humano e abertura do brasileiro sobre o mundo. Diria que não é o refugiado que precisa do Brasil, mas o Brasil que precisa de seus migrantes e refugiados (Eljaziu, 2017, p. 201).

A afirmação de Eljaziu (2017, p. 201) ecoa um reconhecimento crescente do papel fundamental de migrantes e refugiados para o Brasil. Para além da inegável contribuição econômica e cultural, a presença dessas populações desafia a sociedade brasileira a expandir seus horizontes, a questionar preconceitos e a construir uma cultura de acolhimento e respeito. Eljaziu (2017, p. 201) nos convida a repensar a nossa relação com a migração e o refúgio, a reconhecer o valor da experiência do outro.

A construção social da categoria refugiado e a escola

A situação descrita no artigo de que os alunos brasileiros viam seus colegas refugiados como amigos de escola, e não como “outros” distantes ou estrangeiros, revela um fenômeno antropológico interessante: a desconexão entre o conhecimento teórico sobre refugiados e a experiência prática da convivência com colegas refugiados na escola. Essa desconexão pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas.

Do ponto de vista antropológico, as categorias que utilizamos para classificar e compreender o mundo são construções sociais, ou seja, são produto de relações sociais e culturais específicas. A categoria refugiado, embora tenha uma definição legal, é também carregada de significados sociais e culturais que podem variar de acordo com o contexto.

Isso é, a convivência com colegas refugiados na escola coloca os alunos brasileiros diante de uma experiência de alteridade, ou seja, do contato com o “outro” diferente, como explora Claude Lévi-Strauss (1996). Essa experiência pode gerar estranhamento em um primeiro momento. Ao interagirem com seus colegas refugiados, os alunos brasileiros podem perceber que eles são pessoas como eles, com histórias de vida, sonhos e desafios próprios. O que pode levar a uma ressignificação da categoria, que passa a ser associada a um colega, um amigo, como argumenta Nigel Rapport (2000; 2003).

Rapport (2015) explora como os indivíduos constroem suas identidades por meio de narrativas sobre si mesmos e suas vidas. Essas narrativas não são apenas relatos do passado, mas também projetos para o futuro, que moldam as ações e as escolhas dos indivíduos. O antropólogo destaca a importância do individualismo na sociedade contemporânea, mas adverte que essa ênfase na individualidade não significa isolamento ou atomização, propondo o conceito de “individualismo expressivo”, que valoriza a singularidade e a autonomia de cada pessoa, mas também reconhece a importância das relações sociais e da comunidade.

No cenário da escola, podemos ver as teorias de Rapport (2015) na expressão dos alunos refugiados de seu individualismo e sua capacidade de agência ao se relacionarem com os alunos brasileiros. Ao reconhecer essa

dimensão individual, é possível evitar a homogeneização da categoria refugiado e valorizar a diversidade de experiências e identidades dentro desse grupo.

No caso em questão, os alunos brasileiros podem ter internalizado uma representação social de refugiado como um “outro” distante, alguém que enfrenta problemas em um lugar longínquo. Essa representação pode ser reforçada por discursos midiáticos, políticos e sociais que associam a figura do refugiado a crises humanitárias, guerras e pobreza.

Dessa forma, a crítica à essencialização da categoria refugiado, Malkki (2015) questiona a tendência de homogeneizar e essencializar a categoria refugiado, ignorando a diversidade de experiências e identidades dentro desse grupo. Ela argumenta que é fundamental reconhecer a agência dos refugiados e sua capacidade de construir suas próprias vidas e futuros. Nesse contexto, a escola é um espaço de socialização e de construção de identidades. Ao promover o contato entre alunos brasileiros e refugiados, a escola pode contribuir para a criação de laços de amizade e de solidariedade, quebrando estereótipos.

Contudo, a presença dos refugiados na participação e escuta ainda não é reconhecida e nem posta em análise para a formulação de leis. Mesmo aquelas que pretendem propiciar o acesso a serviços e oportunidades de empregos, assim como a aceitação dos refugiados em termos de interação social, e aquisição de direitos, inclusive políticos. “Tratar a categoria dos refugiados como um ‘problema’ a ser administrado e resolvido a partir da lógica soberana estatal no sistema internacional reforça uma perspectiva que se furta a reconhecê-los como sujeitos capazes de influir” (Bertino Moreira, 2014, p.95). Tendo eles fora desse reconhecimento de atores capazes de influência em leis que afetam diretamente suas vidas se põe como um paradoxo para processo de interação que essas próprias leis tentam divulgar.

No sentido da preocupação com a subjetivação juvenil na esfera contemporânea, há a possibilidade de um caminhar como sugerido por Norma Takeuti (2002) sobre colocar questões sobre o devir jovem, sobre a condição de possibilidade dos jovens inventarem novos modos de existência, com inspiração na genealogia do sujeito de Michel Foucault e na noção de devir em Deleuze e Guattari. E assim, discutir como eles possam assumir novos riscos e, em

decorrência, pensar individual e coletivamente saídas para os bloqueios que se lhes interpõem em vários níveis.

Como já mencionado, a expansão da escolarização, em especial do ensino médio, ocorrida no Brasil a partir dos anos 1990, gerou, dentre outras consequências, a entrada de um novo contingente de jovens alunos que antes não tinham acesso a esse nível de ensino. Um dos desafios da escola (principalmente a pública) é reconhecer o jovem existente no aluno, ou seja, as trajetórias juvenis, suas práticas sociais e culturais, sua relação com o mundo do trabalho, com os amigos e com o lazer, dentre outras dimensões, como condição para compreender os sentidos, motivações, atitudes e práticas que desenvolvem na sua inserção em processos educativos, que é muito diferente dos jovens alunos das gerações anteriores.

Nos fica a pergunta de em que medida a escola amplia as possibilidades de experimentação da condição juvenil. É, nesse contexto, que acredito que a relação dos jovens com a escola deve ser evidenciada pelas motivações e sentidos em relação à escola, que parecem resultar da conjugação entre o quadro mais amplo das relações sociais em que eles se inserem e aspectos ligados à trajetória individual e familiar. Dependendo dos suportes a que têm acesso via apoio familiar, redes sociais e institucionais, os jovens podem tecer diferentes modos de ser estudante, expressando um continuum diferenciado de posturas na sua relação com a escola.

Avalio, dessa forma, que o grupo étnico não está baseado nem na ocupação de territórios exclusivos, nem no isolamento, mas na reafirmação contínua de sua diferença *na* relação e *em* relação aos outros. Deve-se colocar em destaque não exatamente a unidade social, mas a atitude ou performance dos sujeitos quando estes atuam em situação de alteridade.

O Palco da Acolhida: Práticas Teatrais como Integração na Escola

Ao pensar tal teoria na articulação entre refugiados e teatro, temos duas dimensões principais. Uma diz respeito ao lugar que os refugiados buscam na sociedade que devem/querem se estabelecer, em razão dos regimes de vínculo, que não se manifestam da mesma forma de um país para o outro. Assim, devem

passar a operar com os símbolos, códigos, linguagens e expressões diferentes dessa nova sociedade. A outra dimensão se refere aos modos pelos quais eles buscarão se integrar nessa sociedade, por meio de que formas buscam a formação de laços sociais e vínculos. Utilizo “laços sociais e vínculos” como categorias analíticas, em diálogo com Serge Paugam (2006).

Tanto a entrada, quanto o percurso dos refugiados, são demarcados por uma carreira de rupturas biográficas, que resulta no enfraquecimento dos vínculos sociais. Ao passo que expõe a dupla face das políticas e ações de proteção social (FASSIN, 2012), que amparam, mas ao mesmo tempo estigmatiza - o que Paugam nomeia de “quadro de desequilíbrio” (Paugam, 2006), nos mostra que ao chegarem em determinado país são inseridos de uma forma precária.

Levo em conta as dimensões da *proteção* e do *reconhecimento* e, pesquisar tal fenômeno, nos dá instrumentos para compreender os mecanismos que permitem a entrada e permanência dos refugiados pelo teatro.

A **proteção** remete ao conjunto dos suportes que o indivíduo pode mobilizar diante dos riscos da vida – recursos familiares, comunitários, profissionais, sociais... –, e o **reconhecimento** remete à interação social que estimula o indivíduo ao lhe dar prova de sua existência e de sua valorização pelo olhar do outro ou dos outros. A expressão “**contar com**” [*compter sur*] resume muito bem o que o indivíduo pode esperar de sua relação com os outros e com as instituições em termos de proteção, enquanto a expressão “**importar para**”² [*compter pour*] exprime a também tão vital expectativa de reconhecimento (Serra, 2019, p.216).

Pesquisar os laços que vinculam os indivíduos *entre si* e *à sociedade*, e a diferenciação entre o “contar com” e “importar para” é significativa no processo de relação dos refugiados com a sociedade pelo teatro. Formar vínculo pode os levar a contar com as instituições em termos de proteção, ou esta pode ser essa uma decisão pela busca de reconhecimento por uma maior interação social.

A escolha da análise através do teatro se dá porque “com as artes cênicas exploramos dimensões dramáticas da vida social e os modos como dramas

² Grifos meus.

sociais se relacionam com dramas rituais e estéticos” (Dawsey *et al*, 2013, p.19). No livro “Do ritual ao teatro” (2015), Victor Turner narrou as etapas do drama social: *ruptura, crise, reparação e desfecho*, com a afirmação de que “o drama social é concluído – se é que podemos dizer que possui um ‘último ato’ – na reconciliação das partes” (Turner, 2015, p. 11).

Nesse sentido, na fase da *reconciliação* é possível encontrar referência com essa pesquisa, pois os refugiados encenam suas culturas, dramatizam experiências culturais reais com o objetivo de alcançarem recepção, aceitação, reparação e diálogo através do teatro. Isso ocorre porque “as raízes do teatro provêm do drama social”.

Segundo Turner, desse modo, o teatro se constitui numa modalidade de reparação e, ainda que a proximidade do teatro com a vida mantenha uma distância de espelho, a performance é a forma mais apta a “metacomentar” o conflito.

Por meio de gêneros como o teatro [...] são apresentadas performances que têm a capacidade de investigar as fraquezas de uma comunidade, cobrar seus líderes, dessacralizar seus valores e suas crenças mais prezadas, retratar seus conflitos característicos, sugerir reparação para eles e, no geral, refletir sobre sua situação atual no “mundo” desconhecido. (*Ibid.* p.13).

Se “o teatro ajuda os outros a entenderem melhor não apenas a si próprios, mas os tempos e as condições culturais que compõem sua experiência geral da realidade [...] é ele meio importante para a transmissão intercultural das modalidades de experiência levadas a cabo dolorosamente”. (Turner, p. 22-23). Tal pensamento se conecta com o problema da pesquisa, já que os refugiados dramatizam suas vivências, trajetórias e travessias de seus países até a chegada nos países que os recebem.

Partindo dessa análise sobre a importância do teatro para a formação de laços sociais, faço uma conexão com a escola, unindo as práticas teatrais na integração dos refugiados. As práticas artísticas desempenham um papel crucial na integração de alunos refugiados no ambiente escolar, proporcionando uma série de benefícios que vão além do desenvolvimento de habilidades artísticas.

A arte transcende as barreiras linguísticas, permitindo que alunos de diferentes origens se conectem e se comuniquem através de expressões visuais, musicais, teatrais ou corporais. A participação em atividades artísticas permite que os alunos refugiados explorem sua identidade cultural e se reconectem com suas raízes. O teatro, como atividade colaborativa, estimula a interação e a cooperação entre os alunos (Rapport, 2000), se torna, assim, um catalisador de relações interpessoais positivas, criando um ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo. Além disso, ao explorar diferentes formas de expressão teatral de diversas culturas, os alunos aprendem a valorizar a diversidade e a construir pontes entre diferentes universos culturais (Hage, 2017).

Portanto, retomando autores em debate, vemos que a análise de Eljaziu (2017) e Paugam (2006) sobre os desafios enfrentados pelos refugiados, como as rupturas biográficas e o enfraquecimento dos vínculos sociais, nos mostra como o teatro pode ser um espaço de reconstrução e fortalecimento desses laços.

Considerações Finais

O teatro, como linguagem universal que transcende as barreiras linguísticas, oferece aos refugiados a oportunidade de se expressarem e se comunicarem de forma não verbal, facilitando a interação e o entendimento mútuo (Eisner, 2002). Ao participarem de atividades teatrais, os refugiados podem compartilhar suas experiências, seus sentimentos e suas histórias, estabelecendo conexões com outros colegas e com a comunidade escolar. O teatro se torna, assim, um espaço de acolhimento e de escuta, onde suas vozes são ouvidas e suas identidades são reafirmadas (Malkki, 1995).

As práticas teatrais, como a participação em peças e oficinas, permitem que os refugiados desenvolvam novas habilidades, descubram talentos e se sintam valorizados por suas contribuições (Dissanayake, 2001). Ao se sentirem parte de um grupo e ao receberem reconhecimento por suas capacidades, os refugiados são incentivados a se engajarem no ambiente escolar.

A análise de Paugam (2006) sobre o “quadro de desequilíbrio” nos mostra como os refugiados, ao chegarem em um novo país, são inseridos em uma

situação de precariedade e vulnerabilidade social. O teatro na escola pode oferecer um espaço de acolhimento, de expressão e de interação social, auxiliando os refugiados a superarem esse quadro de desequilíbrio e a se integrarem de forma mais plena na sociedade. Ao se sentirem parte de um grupo, ao desenvolverem suas habilidades e ao fortalecerem sua autoestima, os refugiados são capazes de construir um novo projeto de vida e de se tornarem agentes de sua própria história.

Em suma, o teatro se configura como uma ferramenta poderosa de integração para refugiados na escola, promovendo a reconstrução de vínculos sociais, o fortalecimento da autoestima, a interação social e a promoção da interculturalidade. Ao oferecer um espaço de acolhimento, de expressão e de reconhecimento.

Referências

AGIER, M. "Refugiados diante da nova ordem mundial". São Paulo, SP, *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 18, n. 2, 2006 (p 197 a 215).

AVRITZER, L. e SANTOS, B. de S. *Para Ampliar o Cânone Democrático. In: Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

AZEVEDO, F. et. al. *Manifestos dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e dos Educadores (1959)*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

BENEVIDES, M. V. *A Cidadania Ativa: Referendo, Plebiscito e Iniciativa Popular*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. "Cidadania e Direitos Humanos". In: CARVALHO, J. S. *Educação, Cidadania e Direitos Humanos*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Brasília, 2016.

BERTINO MOREIRA, J. "Refugiados no brasil: reflexões acerca do processo de integração local", *REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, vol. 22, núm. 43, julio-diciembre, 2014, pp. 85-98.

BRANDÃO, B. *Entre a rua e o refúgio: juventude e abrigo no Rio e em Roma*. Curitiba: Editora Appris, 2016.

CANDAU, V. M. "Interculturalidade e Educação Escolar". In: CANDAU, Vera (org.). *Reinventar a Escola*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. "Cidadania e pluralidade cultural: questões emergentes". In: V. M. CANDAU (org.). *Sociedade, educação e culturas: questões e propostas*. Petrópolis: Vozes, 2002

CURY, C. "Direito à Educação: direito à igualdade, direito à diferença". In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 245-262, jul. 2002.

_____. A Educação Básica como direito. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 134, p. 293-303, mai./ago. 2008

DAWSEY, J; MOLLER, R; MONTEIRO, M. *et al. Antropologia e performance: ensaios na pedra*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.

DISSANAYAKE, E. *Art and human nature: The biological foundations of creativity*. University of Washington Press, 2001.

EISNER, E. W. *The arts and the creation of mind*. Yale University Press, 2002.

ELHAJJI, M. Migrantes, uma minoria transacional em busca de cidadania universal. *INTERIN*, v. 22, n. 1, jan./jun. 2017. p. 203-220.

FASSIN, D. *Humanitarian Reason. A moral history of the presente*. University of California: Press Berkeley/Los Angeles, 2012.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. *Escola Cidadã*. 13. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

HADDAD, E. *The refugee in international society: between sovereigns*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

HAGE, G. *Is multiculturalism dead?* Polity, 2017.

LACLAU, E. e MOUFFE, C. *Hegemonía y Estrategia Socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Madrid: Siglo XXI, 1987.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LOPES, T.; DAHMOUCHE, M. S. Teatro, ciência e divulgação científica para uma educação sensível e plural. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 3, n. 36, p. 306-325, 2019.

MALKKI, L. H. The need to narrate: On refugees' practices of self-making. In: *The anthropology of displacement* (pp. 229-252). Berghahn Books, 2015.

MENDONÇA, D. A teoria da hegemonia de Ernesto Laclau e a análise política brasileira. In: *Ciências Sociais Unisinos*, vol. 43, núm. 3, setembro-dezembro, 2007, pp. 249-258. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.

MONTENEGRO, B. *et al.* O papel do teatro na divulgação científica: a experiência da seara da ciência. *Cien. Culto.*, São Paulo, v. 57, n. 4, pág. 31-32, 2005.

PAUGAM, S. "O Enfraquecimento e a Ruptura dos Vínculos Sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social". In: SAWAIA, B.

(org.). *As artimanhas da exclusão social: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

PEREGRINO, M. *Trajetórias desiguais: um estudo sobre o processo de escolarização pública de jovens pobres*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

RAPPORT, N. *Social theory and its discontents*. Berghahn Books, 2000.

_____. *Being human: Anthropological science in the twenty-first century*. Palgrave Macmillan, 2003.

_____. The need to narrate: On refugees' practices of self-making. In: *The anthropology of displacement* (pp. 229-252). Berghahn Books, 2015.

RIBEIRO, M. Educação para a Cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. In: *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 2, p113-128. São Paulo, jul./dez.2002.

SERRA, P. M. "Desigualdades e laços sociais: por uma renovação da teoria do vínculo. Entrevista com Serge Paugam *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.26.1, 2019, p.208-232

TAKEUTI, N. *No outro lado do espelho: a fratura social e as pulsões juvenis*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

TURNER, V. *Do ritual ao teatro: a seriedade humana de brincar*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

ZENAIDE, M. e TOSI, G. O que é Educação para a Cidadania? In: BUONFIGLIO, M. C. (org.) *Políticas Públicas em questão: o plano de qualificação do trabalhador*. Núcleo Unitrabalho/PRAC/UFPB.

O futebol para além das quatro linhas: história, identidade e memória da Biblioteca Zeferino Brazil do Sport Club Internacional

Rebeca de Sant'Ana Correa¹

Bianca Rihan²

Resumo:

Com base na literatura teórica das áreas da Biblioteconomia, da Ciência da Informação e da Memória Social, este artigo tem por objetivo examinar a Biblioteca Zeferino Brazil - ligada ao Sport Club Internacional - debatendo elementos fundamentais de sua constituição como um espaço de memória, de identidade e de informação para o clube e sua torcida. A pesquisa se justifica pela escassa abordagem do tema nas Ciências Humanas e Sociais, de modo geral, e pela relevância da Biblioteca Zeferino Brazil para os campos memorialístico e informacional, em particular, na medida em que figura como a primeira biblioteca de acesso aberto a ser fundada por um clube de futebol no mundo. Além de investigar a história da biblioteca e suas relações com os torcedores e a sociedade por meio de abordagem metodológica qualitativa e exploratória, ancorada na análise bibliográfica e documental, o artigo ressalta o papel dos profissionais bibliotecários no espaço de memória futebolística, descrevendo suas atribuições e desafios.

Palavras-chave: Biblioteca Zeferino Brazil; Sport Club Internacional; memória; identidade; futebol.

Abstract:

Based on theoretical literature from the fields of Librarianship, Information Science, and Social Memory, this article aims to examine the Zeferino Brasil Library—affiliated with Sport Club Internacional—by discussing fundamental elements of its establishment as a space of memory, identity, and information for the club and its supporters. This research is justified by the limited academic exploration of the topic within the Humanities and Social Sciences in general, as well as by the library's significance in the fields of memory and information. The Zeferino Brasil Library stands out as the first open-access library ever founded by a football club worldwide. In addition to investigating the library's history and its relationships with fans and society through a qualitative and exploratory methodological approach—anchored in bibliographic and documentary analysis—this article highlights the role of librarians in preserving football memory, detailing their responsibilities and challenges.

Keywords: Zeferino Brasil Library; Sport Club Internacional; memory; identity; football.

¹ Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

² Professora do Departamento de Processos Técnico-Documentais (DPTD) e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS) da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

1. Introdução

A partir dos anos de 1970, observamos cada vez mais estudos na área das ciências humanas e sociais abarcarem o mundo dos esportes, com atenção especial ao fenômeno sociocultural conhecido como futebol (RODRIGUES, 2003). Futebol que não se define - importa salientarmos - apenas pelas quatro linhas que demarcam o campo, uma vez que atravessado por profundos vínculos institucionais, afetivos e memorialísticos. A tais questões nos dedicaremos neste artigo ao abordarmos a história, a identidade e a memória da Biblioteca Zeferino Brazil, vinculada ao Sport Club Internacional (SCI), que se destaca como a primeira biblioteca de acesso aberto ligada a um clube de futebol no mundo.

Considerando as poucas investigações realizadas anteriormente, de acesso e conhecimento públicos, sobre a Biblioteca Zeferino Brazil, nosso intuito passa por abordar, através de metodologia qualitativa, elementos da memória e da identidade do torcedor colorado, diretamente relacionados à construção e ao uso da referida biblioteca.

Os dados foram coletados a partir de pesquisa no Blog Memória do Inter, e incluem imagens, textos, recortes de jornais, etc. Para além da análise desse vasto material documental, realizou-se pesquisa bibliográfica junto aos campos da Ciência da Informação, da Memória Social e da Biblioteconomia.

Por fim, desenvolveu-se um instrumento de coleta de dados, formado por um conjunto de perguntas abertas, direcionado à equipe de trabalho da biblioteca Zeferino Brazil, a fim de entendermos detalhes de sua história e funcionamento, assim como o papel do profissional bibliotecário como mediador da memória e da informação em uma instituição ligada ao futebol.

Apoiando-nos na literatura da Memória Social, é possível vincularmos o futebol à deflagração de uma espécie de memória herdada, ou “construída por tabela” (POLLAK, 1992), passada de núcleo familiar para núcleo familiar, de geração para geração, embebida de “lugares de memória” (NORA, 1993), acontecimentos e personagens (POLLAK, 1992).

Apesar de fortemente vinculado à construção das identidades individuais e coletivas, passando pela costura dos sentimentos de pertencimento e de identificação nacionais - com sua utilização política e enquadramentos conservadores - mas ao mesmo tempo disputado e celebrado por pessoas de distintas classes, raças, gêneros e credos, pode-se dizer, sem receio de clichês, que o futebol é, antes de tudo, uma paixão nacional.

À revelia de sua enorme relevância para a formação desta comunidade imaginada (ANDERSON, 2008) chamada Brasil, o futebol brasileiro se desenvolve, ainda, em uma estrutura bastante verticalizada, em que as temáticas da memória e da história, mesmo que incontornáveis para seu alicerce, ainda encontrem pouco espaço e ressonância. Como destaca Santos:

[...] apenas uma pequena parte dos agentes envolvidos com o futebol divide o gigante volume de dinheiro que movimenta esse jogo. Nessa estrutura completamente desigual, projetos relacionados à história, memória e preservação de acervo, dentro de um clube de futebol, mas também noutras instituições, são rotineiramente descartados por não apresentarem “resultados” imediatos e retorno financeiro para os clubes. [...] Mais do que isso, não há por parte dos dirigentes uma avaliação adequada acerca da importância, até mesmo para a construção de novos produtos, da preservação de um acervo histórico (SANTOS, 2014, p. 3).

Como se pode notar, os investimentos em ações memorialísticas e de cunho historiográfico, preocupados em salvaguardar importantes registros de nosso passado coletivo, são ainda tímidos se comparados ao montante movimentado pela economia futebolística na atualidade. Contudo, algumas ações começam a despontar, como os casos de tours pelos estádios, que contam a história dos times e seus momentos mais marcantes; de algumas ações de marketing, como as que revivem diversos produtos “retrô”; e, sobretudo, da criação de museus e de centros de memória do esporte. Nesse contexto, alguns projetos ganham destaque, como o Museu do Futebol (2008) e o Centro de Memória Vasco da Gama (2001).

Ultrapassando também as linhas do campo, sublinhamos o “gol de letra” marcado pelo Sport Club Internacional, time gaúcho que ocupa uma das vinte vagas da série A do campeonato brasileiro de futebol do ano de 2025. Trata-se

da criação da primeira biblioteca de acesso público em um clube de futebol do mundo.

O Inter, como é popularmente conhecido, foi fundado na cidade de Porto Alegre, em 1909, por três irmãos da família Poppe, e alicerçado sobre o princípio de abertura a brasileiros e estrangeiros, diferentemente de seu maior rival, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (MEMÓRIA DO INTER, 2019).

Trinta e cinco anos após a fundação do Sport Club Internacional inaugurou-se oficialmente, no dia 04 de abril de 1944³, a Biblioteca Zeferino Brazil, em homenagem ao poeta e jornalista gaúcho de mesmo nome - detentor de uma estreita relação com o clube (BANDEIRA, 2012).

Desde a década de 1990, a biblioteca do Inter faz parte do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Rio Grande do Sul e, em 2010, passou também a integrar o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (INTERNACIONAL, [201-?]). Tais fatos são de extrema relevância para uma biblioteca que não é mantida por fundos públicos, mas que possui a sua utilidade e serviços voltados para toda a comunidade.

O acervo da biblioteca, que conta com mais 80 mil itens, é fruto de doações de diversas camadas da sociedade, incluindo torcedores, jogadores, funcionários do clube e da população porto alegreense em geral. Exercendo um papel fundamental para a salvaguarda da memória colorada, a biblioteca agrega ainda uma coleção especial sobre o esporte, com relevo para o futebol (MEMÓRIA DO INTER, 2018).

Ao longo desse processo, destacam-se as figuras de profissionais fundamentais para a organização do conhecimento e a disponibilização desse vasto acervo ao público, o que nos dá pistas sobre o papel da biblioteca para a manutenção da identidade do clube gaúcho, e sobre a centralidade do profissional bibliotecário como mediador da memória e da informação em uma instituição ligada ao futebol. Todas essas questões serão debatidas a seguir.

³ Apesar de a biblioteca vigorar informalmente desde 1929, após decisão do conselho deliberativo.

2. Informação, memória, história e identidade no Sport Club Internacional: reflexões teóricas em torno de conceitos e eventos

Ao longo da trajetória dos estudos informacionais, sobretudo aqueles vinculados à institucionalização do Campo da Ciência da Informação, a partir de meados da década de 1950, diferentes paradigmas dispostos a definir o que é - afinal - a informação já estiveram em evidência. Em nosso caso, vinculamo-nos ao chamado paradigma social, que coloca o sujeito no centro da cena, como um agente ativo nos processos de produção, circulação e apropriação informativas (CAPURRO, 2003). .

Refletindo sobre o conceito, atentamos, ainda, para o fato de a informação só se realizar por meio de um documento; isto é, esta só pode ser percebida, transmitida ou usada se alicerçada em um sinal ou suporte físico (BUCKLAND, 1991).

Nesse sentido, entendemos, conforme já propunha Meyriat, o potencial de qualquer objeto se tornar um documento, desde que haja desejo de obter informação, por parte dos sujeitos, a partir de tais objetos (ORTEGA; LARA, 2008). Está dado o elemento imprescindível para que a informação seja percebida: as relações sociais, mediadas por objetos, o que implica diretamente em questões vinculadas à memória e à identidade dos sujeitos que informam e são informados.

A informação relacionada à memória e à identidade pode ser facilmente identificada no futebol através da materialidade simbólica dos documentos, expressa em camisas de jogadores, ingressos de partidas, troféus, fotos de comemorações, vídeos de gols etc. Tal materialidade, por sua vez, não se limita a um conceito de fisicalidade encerrado, pelo contrário, transborda-o, fornecendo “um sentido de compartilhamento de passados, constantemente construídos e reinterpretados” (NETTO, 2007, p. 14) por meio dos objetos.

No caso do Internacional, até mesmo o seu estádio pode ser considerado um documento, capaz de movimentar memórias e símbolos, embasar histórias e fortalecer a identidade e os laços entre colorados.

O processo de construção do Beira-Rio, como é chamado o estádio, a partir de 1956, contou com algumas dificuldades tanto devido a questões

financeiras, como por conta da localização desafiadora do terreno, acima do rio Guaíba. Assim, teve lugar uma enorme mobilização de apoio ao clube para que a obra pudesse se efetivar: foram realizadas vendas de cadeiras e títulos para a nova “casa” colorada, além da “campanha do tijolo”, que incentivou os torcedores a doarem materiais de construção, como tijolos, cimento, ferro, etc. (SPORT CLUB INTERNACIONAL, [201-?b]). Segundo Gastal, esse foi o momento de maior popularização do clube até os dias de hoje (GASTAL, 2009).

FOTOGRAFIA 1 - Campanha do tijolo lançada na partida entre Internacional x Farroupilha em novembro de 1967



Fonte: Sport Club Internacional, [201-?b]

Por tais acontecimentos, é comum ser o estádio Beira-Rio identificado como uma edificação erguida pelos torcedores e jogadores do alvirrubros, funcionando como um dos instrumentos de representação que preenche a memória coletiva do internacional como o “Clube do Povo”.

Para Netto:

[...] a questão da memória coletiva só se viabiliza nos processos sociais de transferência da informação, onde se utilizam artefatos, monumentos/documentos (LeGoff, 2003) como instrumentos de representação de identidades culturais e reafirmação de cidadania (NETTO, 2007, p. 3).

O estádio Beira-Rio, caracterizado como um documento, espaço de encontro e lugar de memória do torcedor colorado, ao sediar as finais das copas

Libertadores de 2006 e de 2010, nas quais o time se consagrou campeão, afirma-se também como palco-monumento das maiores conquistas recentes do Sport Club Internacional.

Mais um dos elementos fundamentais para a construção da identidade colorada trata-se de seu mascote, o Saci-Pererê, num primeiro momento pejorativamente aproximado ao clube por parte da imprensa e de torcedores rivais. Durante o período conhecido como “rolo compressor”⁴, nos anos de 1940, aproximadamente metade do elenco do Inter era composto por jogadores negros, associados de maneira racista à “figura do jovem negro malandro, que engana os adversários com dribles e travessuras” (SPORT CLUB INTERNACIONAL, 2019).

A despeito das acusações de uso de “magia negra” para garantir os bons resultados nos jogos; e aos gritos preconceituosos, ouvidos durante as partidas, como “clube dos negrinhos”, o símbolo do Saci foi oficializado em 2016 pelo Inter e apropriado “a contrapelo” (BENJAMIN, 1994), como forma de resistência ao racismo no futebol (MAGRI, 2019). A figura do mascote, inclusive, foi usada em estatuetas entregues aos jogadores que se destacavam nas partidas.

FOTOGRAFIA 2 - O mascote do time fotografado em campo



Fonte: Sport Club Internacional, [201-?c]

Assim como o mascote, a bandeira e o escudo do Inter são elementos indissociáveis de sua identidade. O escudo, que devido a conquistas de títulos sofreu diversas alterações ao longo da história, é capaz de nos informar, a cada

⁴ O apelido foi conferido a um dos times de maior destaque na trajetória do clube gaúcho.

elemento adicionado, características importantes dos distintos contextos que atravessaram a trajetória do clube gaúcho.

FIGURA 1 - Alguns dos símbolos do SCl



Fonte: Autoria própria

Todos esses elementos, podemos dizer, também fazem parte da construção da memória institucional alvirrubra que, Conforme Thiesen (1995), trata-se de um conceito ainda em construção, sendo tangenciado por noções como identidade, patrimônio, sociedade, memória, nação, história, tempo, poder e cultura.

Nesse sentido, é correto afirmarmos que as instituições, por si só, ou de maneira isolada, não são capazes de construir suas memórias e identidades. As memórias institucionais dependem dos sujeitos que as identificam e a apropriam, e das imagens que os coletivos moldam das instituições a partir de suas vivências e de seu fazer social (SANTOS; VALENTIM, 2021).

Thiesen acredita, assim, ser fundamental para o desenvolvimento da memória institucional:

a definição de caminhos (métodos, políticas, meios adequados, etc.) a serem percorridos tendo por objetivo a sua organização. Tais caminhos deveriam ser fundados numa política de memória voltada para ação. Tal política visa alcançar dois objetivos fundamentais: 1) Organizar o acervo histórico (bibliográfico, arquivístico e museológico, etc.) de modo a preservar as informações que as instituições e seus agentes produzem; 2) Divulgar (transmitir, disseminar) a memória institucional através de ações específicas (programas, projetos) (THIESEN, 1995, p. 45).

Nesse sentido, encontramos atualmente cada vez mais iniciativas para a preservação e transmissão das memórias do alvirrubro, capazes de mobilizar muitos sujeitos e de conectar, como elucida Thiesen, três importantes eixos de ações institucionais e socioculturais: o arquivístico, o museológico e o bibliográfico. Neste artigo, nos dedicaremos ao bibliográfico.

3. A biblioteca do Internacional: um gol de letra!

Biblioteca prova que nem só de futebol vive o Inter
(JORNAL DO BRASIL, 1980).

De acordo com o Dicionário virtual Priberam de língua portuguesa (2022), a palavra biblioteca é definida como um conjunto de livros, manuscritos etc., que podem ser destinados ao público ou constituírem propriedade particular. Contudo, nem sempre a biblioteca foi entendida dessa forma. Como salientam Morigi e Souto (2005), a palavra “biblioteca tem sua origem no grego biblîon (livro) e teke (caixa, depósito), portanto um depósito de livros” (HOUAISS, 2001 apud MORIGI; SOUTO 2005).

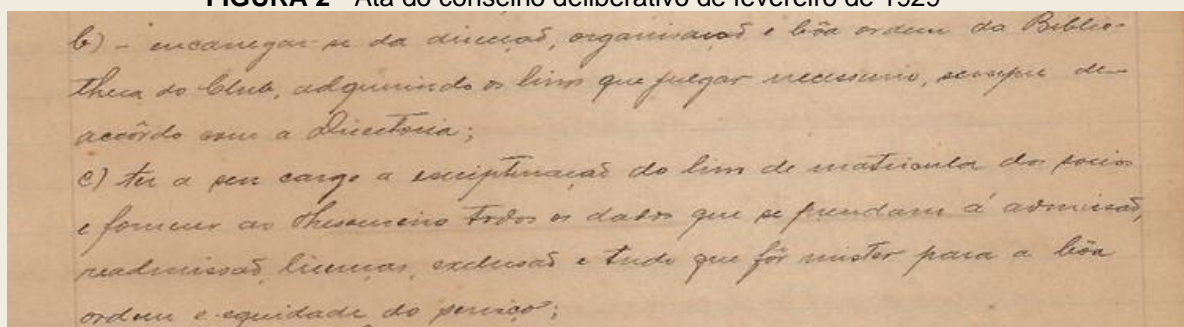
Na antiguidade e durante parte da idade média, as bibliotecas eram vistas como guardiãs das obras e do conhecimento, logo, seu acesso era restrito a uma pequena parcela da sociedade, processo lento e continuamente modificado:

[...] os processos de mudança para a laicização, democratização, especialização e socialização da biblioteca ocorreram lenta e continuamente. A biblioteca moderna rompeu os laços com a Igreja Católica, estendendo a todos os homens a possibilidade de acesso aos livros. Com isso precisou se especializar para atender as necessidades de cada leitor ou comunidade, deixando de ser passiva, deslocando-se até o leitor, buscando atendê-lo e trazê-lo para a biblioteca (MARTINS, 2001, p.86 apud MORIGI; SOUTO, 2005).

Buscando essa inovação e com o objetivo de promover uma articulação entre o esporte e a cultura na cidade de Porto Alegre, surge de Saul Totta, então diretor do Internacional, o desejo de criar, no interior do clube, uma biblioteca que atendesse aos colorados e às suas famílias (SPORT CLUB INTERNACIONAL, [201-?e]).

Após reunião do conselho deliberativo do SCI, em fevereiro de 1929, iniciam-se os trabalhos para a execução do projeto de fundação da primeira biblioteca em um clube de futebol no Brasil. Naquele momento, o desenvolvimento do acervo ficou a cargo do secretário do clube, que conseguiu reunir aproximadamente 3 mil livros, essenciais para que o projeto fosse viabilizado.

FIGURA 2 - Ata do conselho deliberativo de fevereiro de 1929



Fonte: Memórias do Inter, 2018

Durante a gestão de Abelard Jacques Noronha, em 04 de abril de 1944, data em que o Internacional comemorava seu trigésimo quinto aniversário, inaugurou-se oficialmente a Biblioteca Zeferino Brazil. Durante a cerimônia, Saul Totta proferiu um discurso justificando o interesse do clube pela fundação da biblioteca, além da escolha do poeta gaúcho Zeferino Brazil como patrono:

Dando à nossa biblioteca o nome aureolado de Zeferino Brazil, prestamos homenagem justíssima à figura exponencial de um dos luzeiros de nossa literatura: à figura daquele que foi consagrado príncipe dos nossos poetas; aquele cujos versos de beleza imperecível atravessaram triunfalmente as nossas fronteiras para levarem a todos os recantos do Brasil a nossa musa gloriosa do Rio Grande (Totta apud BANDEIRA, 2012)

As celebrações envolvendo a biblioteca Zeferino Brazil não se encerrariam, pois, com sua inauguração. Na década de 70, o espaço de memória ganharia diversos novos elementos, fundamentais para as reivindicações de sua importância, sua ampliação e abertura ao público.

4. O envolvimento da torcida e ampliação da Biblioteca Zeferino Brazil

No início da década de 1970, após mais de 20 anos da inauguração da biblioteca Zeferino Brazil, Saul Totta começa a dar vazão a um antigo desejo: o de ampliá-la e abri-la ao público em geral.

No dia 14 de abril de 1972, matérias nos jornais Zero Hora e Correio do Povo informavam as intenções do Internacional em iniciar uma campanha para a ampliação de sua biblioteca. Elaborada pelo prefeito de Porto Alegre e também conselheiro do Inter, Thompson Flores, o mote da campanha era: “de 3 mil para 50 mil livros”. Propagando a ousada intenção, Flores prometeu empenhar-se para que os 50 mil exemplares fossem incorporados à biblioteca até o dia 3 de abril de 1973, ou seja, em menos de um ano após o início da campanha (BANDEIRA, 2012).

Em 13 de junho de 1972, Totta publicaria carta no jornal Correio do Povo fazendo o apelo a Carlos Stechman, presidente do Internacional à época, e às demais autoridades competentes. Com o aceite, formou-se uma comissão de ampliação, encarregada de angariar novas aquisições para o acervo bibliográfico do clube (BANDEIRA, 2012).

Para dar andamento ao projeto, foi concomitantemente criada a divisão cultural Sport Club Internacional e realizadas diversas visitas a escritores gaúchos para incentivá-los a doarem livros. Foram os casos de Dyonélio Machado, Irmão Otão, Guilhermino César, Olyntho Sanmartin e Athos Damasceno Ferreira (BANDEIRA, 2012). Além do apelo aos autores, ocorreram visitas à Câmara de Vereadores de Porto Alegre, aos secretários de educação e cultura da cidade e do estado e ao então presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Eloy José da Rocha, que demonstrou apoio à iniciativa e se comprometeu em atuar para que o novo setor tivesse mais autonomia dentro do Sport Club Internacional.

Ademais, o papel do torcedor colorado na ampliação da biblioteca foi determinante. Após o início dos diálogos com agentes da cultura e da política, o clube deu ênfase aos que seriam os usuários da biblioteca, à comunidade por ela atendida. Tratando-se de uma biblioteca em um clube esportivo, diversas campanhas foram mobilizadas com o objetivo de atingir o torcedor colorado e aumentar as doações de livros:

Nessa perspectiva, eram colocadas notas nos jornais em circulação, direcionadas aos que torciam pelo Internacional, solicitando a doação de livros. Numa dessas notas lê-se o seguinte: “COLORADO! Se deseja o engrandecimento do teu clube, concorre com um livro para a biblioteca do Internacional.”¹³ Além da doação por livre e espontânea vontade, o ingresso para os jogos passou a compor o valor do ingresso mais um livro. Segundo Ana Bicca, atual bibliotecária da Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional, grandes caixas eram colocadas nos portões principais de acesso ao campo e ali eram depositados os livros doados e correspondentes ao ingresso (BANDEIRA, 2012).

Com dizeres que chamavam a atenção para o engrandecimento do clube e que reforçavam a identidade do torcedor colorado, a arrecadação de livros foi um sucesso. Com impressionante rapidez, foram se acumulando os livros nos galpões localizados embaixo das arquibancadas superiores do estádio (BANDEIRA, 2012). Porém, com o aumento exponencial do número de livros, deu-se o problema de armazenamento. A estrutura inadequada do local que até então abrigava a biblioteca, com ocorrências de infiltrações e excesso de poeira, tornou-se fator decisivo para um projeto mais vigoroso relativo à conservação do acervo, de modo que um novo espaço necessitaria ser preparado para comportar a grandiosa Biblioteca Zeferino Brazil.

FOTOGRAFIA 3 – Caixas de livros que foram doadas para a instituição



Fotografia tirada quando da Reportagem da Folha de São Paulo, em 25-6-1973

Fonte: Memória do Inter, 2013

Com a construção do Ginásio Gigantinho no complexo esportivo do Beira-Rio, a comissão de ampliação ficaria responsável por arrecadar a verba para a construção do espaço. Em uma área de 1.200m² no segundo andar do novo ginásio, foram então instaladas a biblioteca e a divisão cultural do clube.

Em janeiro de 1973, a comissão de ampliação logrou receber a doação financeira da Editora Abril e do jornalista, escritor e tradutor brasileiro Remy Gorga filho. Para alavancar ainda mais a arrecadação de fundos, o clube investiu em um projeto bastante simbólico: a editoração e a publicação das obras de Zeferino Brazil, o que estendeu as homenagens ao escritor colorado, patrono da biblioteca.

Como editor, o clube lançou quatro obras de Zeferino Brazil, a saber: Vovô musa (1973); Visão do ópio (1974); Juca, o letrado (1975); e Alma gaúcha (1976).

Integrando a denominada “Coleção Príncipe”, os livros seguiram o mesmo padrão de capas, que dá destaque à cor predonominante do clube, o vermelho, e à sua divisão cultural.

5. O papel do profissional bibliotecário em uma instituição ligada ao futebol: a salvaguarda da memória colorada

Assim como a definição de biblioteca, o papel atribuído ao bibliotecário sofreu grandes transformações ao longo da história. Durante o humanismo, o bibliotecário:

era sustentado por uma sólida formação erudita a partir da qual, e por intermédio de sua atividade profissional e intelectual, interferia diretamente na paisagem sócio-cultural onde se encontrava alocado. Neste quadro de formação humanística “as atividades dos bibliotecários estavam voltadas para a cultura, para a educação, para o saber, para o conhecimento, tendo características que permitiam incluí-los como segmentos direcionados para atender necessidades no âmbito do espírito do homem.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2000, p. 45, apud SILVEIRA, 2008, p. 87).

Chegado o Séc. XX, o papel incumbido a esse profissional foi se modificando, na medida em que se estabelecia sua orientação como um facilitador do acesso à informação (SILVEIRA, 2008), um mediador, e não mais

um guardião de todo conhecimento humano. Entretanto, como aponta Silveira (2008), partes das antigas atribuições ainda permanecem na profissão:

perceberemos que a atuação profissional dos bibliotecários na contemporaneidade não destoa das características que historicamente demarcaram seu papel social. Ainda é parte integrante de seu ofício as atividades de coleta, preservação, organização e disseminação dos documentos informacionais concebidos pela atividade racional humana (SILVEIRA, 2008, p. 91).

Organizando, conservando e disseminando a memória bibliográfica e documental em todos os suportes atendidos pela unidade de informação, o bibliotecário é peça chave para o prolongamento da vida útil do exemplar e, logo, para o seu acesso.

Sobre o trabalho do bibliotecário na preservação de memórias, Salcedo e Lima (2018) afirmam se dar com base em “informações passadas, porém atuando no presente e com uma visão de construção de futuro, sendo assim uma atividade de rememoração e criação ao mesmo tempo” (SALCEDO; LIMA, 2018, p.325).

Na Biblioteca Zeferino Brazil, podemos notar, ao longo de sua trajetória, importantes contribuições de profissionais bibliotecários, responsáveis pela preservação da memória institucional do SCI e da criação de inúmeros projetos para a salvaguarda de seu acervo.

Para conhecermos melhor as memórias e atribuições dos profissionais bibliotecários que fizeram/ fazem parte da constituição da Biblioteca Zeferino Brazil, recorreremos à pesquisa em jornais antigos e a um instrumento de coleta de dados com perguntas abertas⁵ endereçado à equipe atual⁶ da instituição, o que nos ajudou a enriquecer nossas fontes de informação e a complexificar a reconstituição histórica deste relevante equipamento cultural.

⁵ As respostas às perguntas não serão publicadas na íntegra, mas em partes, seguindo as discussões encaminhadas pelo artigo.

⁶ Em respeito às normas do Comitê de Ética da Unirio, que deu parecer favorável à realização desta pesquisa, as identidades dos respondentes não serão divulgadas.

Em reportagem realizada pelo Jornal do Brasil sobre a biblioteca, datada de 1980, destaca-se a figura do bibliotecário Alberto Aveiro Campos, apontado como o responsável pelo processamento técnico de todas as obras doadas para a biblioteca e, logo, fundamental para o processo de organização do conhecimento e disponibilização do acervo ao público.

Em trechos da reportagem, o bibliotecário defende, como motivo de abertura da biblioteca ao público, o fato de que “Não se compreendia que ela ficasse isolada, estritamente a serviço de determinado círculo da comunidade” (Jornal do Brasil, 1980, p. 9).

Além de ter realizado o processamento técnico dos livros, Campos também atuou como diretor da biblioteca em seus primeiros anos de acesso aberto (Jornal do Brasil, 1980, p. 9). Nesse período, o espaço, além de salvaguardar todo o acervo bibliográfico do clube, como livros e revistas, responsabilizou-se por seus demais documentos - como os troféus, por exemplo, e documentos institucionais - uma vez que o Arquivo Histórico e o Museu do Inter só foram criados no início do século XXI. Dessa maneira, todos os diferentes suportes informacionais ficavam alocados na biblioteca do clube (Jornal do Brasil, 1980, p. 9).

Visando ao conhecimento mais denso do personagem Alberto Aveiro Campos, elencamos, no questionário enviado para a equipe da Zeferino Brazil, uma pergunta sobre seu trabalho. A seguir, parte da resposta de nosso(a) colaborador(a):

Alberto Aveiro Campos foi um abnegado colorado que participou, sempre, de forma muito ativa na vida do SCI. Foi presidente do DCP (Departamento de Cooperação e Propaganda) este departamento contava com diversas divisões, como de Torcida, de Comunicação e a divisão cultural onde tinha a Biblioteca. O Aveiro Campos trabalhava direto com o Dr. Saul Totta, idealizador e batalhador pela oficialização da Biblioteca Colorada. Entenda que o trabalho que esses senhores realizavam foi sempre voluntário, auxiliavam o Clube do seu Coração. Profissionalmente, Aveiro Campos era funcionário da Pontifícia Universidade Católica do RS. Trabalhava ligado à biblioteca central da PUC. Desta forma, contribuiu assertivamente na organização da Biblioteca Zeferino Brazil. Ele esteve por muito tempo ligado à Biblioteca e foi diretor da mesma quando da criação da FECL.

[...](Resposta a questionário enviado pela autora no dia 14 de março de 2022).

Na sequência de sua resposta, o(a) calaborador(a) enfatizou, ainda, o simbolismo da Biblioteca Zeferino Brasil enquanto elo fundamental, no interior do clube, entre a cultura e o esporte. Mais do que um espaço de acesso a livros, a construção da biblioteca despontou o compromisso histórico do Inter com a educação, a cultura e a transformação social, encampando iniciativas de inclusão e desenvolvimento. Um dos grandes exemplos está em seu vínculo com as práticas sociais realizadas pelo Centro Feminino de Assistência Social do Internacional (CEFASI), central para o estabelecimento da Fundação de Educação e Cultura do clube:

Inclusive, esta distinção a Biblioteca Zeferino Brasil é de suma relevância na história do Internacional; a Biblioteca em conjunção com práticas sociais realizadas pelas senhoras coloradas, esposas de diretores e conselheiros, através de um Centro Feminino de Assistência Social do Internacional-CEFASI, deu origem a Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional. Percebe a relevância? (Incrível não é mesmo?) A distinção em termos dentro da história da Biblioteconomia, uma Biblioteca que dá origem a uma Fundação? É MARAVILHOSO!!!! Como Colorada que és, consegue compreender a grandiosidade e a cultura social daqueles que conduziam a Biblioteca? Desde há muito tempo o saber de que conhecimento é libertador e humaniza as relações sociais faz parte das práticas do Clube do Povo. Alberto Aveiro Campos assim como Saul Totta foram essenciais na edificação da Biblioteca Zeferino Brasil. Através deles a sociedade foi convocada a participar da construção deste espaço de saberes e práticas sociais – a Biblioteca – através das campanhas de doações de livros (Resposta a questionário enviado pela autora no dia 14 de março de 2022).

Como afirma nosso(a) respondente, com o envolvimento de figuras marcantes, como o bibliotecário Alberto Aveiro Campos, a biblioteca do Inter tornou-se um espaço construído pela comunidade e para a comunidade, reforçando a memória do Internacional como o autêntico "Clube do Povo".

Passados aproximadamente cinco décadas da contribuição de Campos para a história e a memória do Inter, a Biblioteca que ajudou a construir continua sendo a única de acesso aberto em um clube de futebol no Brasil (SANTOS, 2017), além de fazer parte de dois sistemas de bibliotecas públicas:

Em outubro de 1974, com a Divisão Cultural do Departamento de Relações Sociais foi cadastrada junto ao Conselho Estadual de Cultura. Passados alguns anos, na década de 90 a Biblioteca Zeferino Brazil passou a integrar o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Rio Grande do Sul e em 2010 teve a sua inscrição ao Sistema de Bibliotecas Públicas Brasileiras fornecido pela Fundação da Biblioteca Nacional (SANTOS, 2017).

Os serviços oferecidos pela biblioteca atualmente são: Consulta local; empréstimo domiciliar; serviço de referência; assessoria a projetos e estudos, além de espaço para estudo e leitura. Seu funcionamento se dá de segunda à sexta de 9h da manhã às 18h da noite. Nosso(a) calaborador(a) nos colocou à parte de algumas das atividades desenvolvidas recentemente para assegurar a atualização e a boa gestão da Biblioteca Zeferino Brasil:

[...] Quanto a preservar a organização original da biblioteca, o que posso te afirmar é que Alberto Aveiro Campos fez este trabalho dentro de normativas das décadas de 60 e 70 do século passado. Estamos no ano de 2022 do século 21, as normativas que regem e asseguram um bom processo de gestão, deve prezar as atualizações necessárias e capazes de ofertar a qualidade necessária para atender os usuários. Ainda não dispomos de nosso acervo via web, mas estamos fechando 55 mil registros cadastrados e já está em desenvolvimento uma ferramenta para disponibilizar este serviço de acesso/web. A política de desenvolvimento da coleção bem como as rotinas e procedimentos são revisados a cada 2 anos. E passam pelas adequações necessárias frente ao seu público usuário e legislação (Resposta a questionário enviado pela autora no dia 14 de março de 2022).

Na resposta, destaca, ainda, a partir de sua própria trajetória na instituição, a relevância central dos profissionais bibliotecários para a saúde de uma biblioteca e do material que esta salvaguarda. Apesar de muitas vezes a figura do profissional bibliotecário não receber a devida valorização, sem um trabalho intelectual e tecnicamente especializado, não apenas a organização dos itens fica comprometida, mas também seu acesso público.

Quando assumi a responsabilidade técnica da Biblioteca em 2007, meu contrato era direto com a FECL e eu prestava serviço 01 vez por semana durante 03h, então em um mês fazia 12h. E não havia um processo descrito ou registrado, que me desse um norte sobre a organização deste imenso acervo. Havia um sistema automatizado de cadastro e mais nada. Nenhum processo foi registrado anteriormente-digo diretamente ligado à gestão técnica e especializada da área. Mas com a devida organização e método, fui gradualmente desenvolvendo o processo necessário para gestão do acervo e da biblioteca, comprovando a importância e a necessidade da presença contínua do

profissional bibliotecário na divisão. Então ao longo do tempo meu contrato com a FECI foi para 24h/ mês, depois para 30h/ mês e assim por 05 anos prestei serviços. Fundamentei minha presença profissional continuamente e junto com a legislação pertinente e organizada, apresentei à presidência da FECI e do Sport Club Internacional as razões concretas para a minha contratação – fiz isso através de uma vasta fundamentação teórica legislativa pertinente à Biblioteconomia dirigindo uma carta aos presidentes. Desta forma fui contratada oficialmente pelo SCI e estou responsável tecnicamente pela Biblioteca. Nós profissionais bibliotecários temos ainda um longo caminho a trilhar, primeiro que devemos conhecer a legislação de nossa profissão de uma forma clara e não romanceada; a cultura social do Brasil é repleta de artifícios midiáticos e a prática da organização da informação e do conhecimento integra múltiplas áreas e nós profissionais devemos estar prontos para essa integração. Temos que demonstrar continuamente a relevância da nossa profissão. Constantemente (Resposta a questionário enviado pela autora no dia 14 de março de 2022).

Este exemplo, que foge a qualquer visão romantizada da profissão, mostra que o processo de ocupação de espaços por parte dos profissionais bibliotecários é ainda moroso, apesar de imprescindível; e de que se trata de um trabalho complexo, pois além de um saber especializado, é necessária a aproximação intelectual a muitas outras áreas e saberes, exigindo a abertura constante da biblioteconomia para novos desafios.

Nesse sentido, no escopo do Internacional, mais uma das atividades desenvolvidas pela biblioteca trata-se da mediação da informação em ambientes virtuais, sobretudo através do trabalho de manutenção do Blog Memória do Inter, realizado desde 2013 pela biblioteca em conjunto com o arquivo histórico e o museu do clube:

É preciso que o público em geral compreenda que o Sport Club Internacional é um clube que dispõe dos três setores, Arquivo, Biblioteca e Museu, e tem como gestores destes setores, profissionais das respectivas áreas devidamente habilitados para a função. É preciso também salientarmos que há uma integração destes setores em suas práticas e processos. A Biblioteca assim como o Arquivo e o Museu, dispõe de fontes primárias, secundárias e demais da história do SCI. A grandeza do acervo da Biblioteca é também oriunda da raridade de fontes na área esportiva e social. Então, dito isso, posso te dizer que eu como bibliotecária contribuo nas pesquisas, na construção dos artigos, na composição da agenda de publicações, enfim em todo o processo até chegar à publicação na rede. E o suporte informacional para tudo o que fazemos é fruto do acervo fantástico que dispomos na Biblioteca, no Arquivo Histórico e no

Museu. A Biblioteca é, também, mantenedora informacional do Memória (Resposta a questionário enviado pela autora no dia 14 de março de 2022).

Como se vê, no âmbito esportivo, a mediação da informação ocorre, muitas vezes, através de ambientes virtuais gestados e conduzidos pelos próprios clubes, funcionando como alternativas às mídias esportivas tradicionais e possibilitando, ainda, uma maior interação com/entre os torcedores. Para Silva, tal prática revela-se como instrumento fundamental para a construção e manutenção da identificação dos torcedores com seus “times do coração” (SILVA, 2018).

É o que podemos observar a partir do blog Memória do Inter, mantido pelo Arquivo Histórico do Clube, e com direta colaboração do Museu do Inter (Ruy Tedesco) e da Biblioteca Zeferino Brazil. Como indica Fernando Silva (2018):

A mediação pode se referir à intenção das equipes de se promover utilizando uma série de elementos (escudos, hinos, cânticos, cores) ou informações para construir um determinado sentimento junto aos torcedores, como também, às formas como os torcedores apreendem todos esses componentes e elaboram suas próprias formas de apropriação e conversação (SILVA, 2018, p. 12).

Na apresentação do blog Memória do Inter, podemos compreender a intencionalidade do projeto e as informações que se pretende mediar:

Considerando a importância histórica do acervo do Arquivo Histórico do Sport Club Internacional foi constatada a necessidade de divulgação do mesmo, trabalhando com o acervo fotográfico/documental da instituição. A intenção é criar uma maior interação entre o Clube e a comunidade. Nesse sentido, buscaremos identificar os personagens que fizeram parte da história do Sport Club Internacional, da Fundação de Educação e Cultura e da Biblioteca Zefferino Brazil, reconstruindo o contexto das fotografias/documentos através da colaboração de usuários (MEMÓRIA DO INTER, 2015).

A mediação da informação promovida pelo blog tem o intuito de divulgar o acervo do Arquivo Histórico, porém, ao fazermos uma análise das publicações, percebemos que aproximadamente 1/3 delas conta com a participação da Biblioteca Zeferino Brazil - seja na elaboração dos textos, na indicação de livros,

revistas e demais materiais por ela preservados, ou em postagens temáticas sobre a criação da própria.

Algumas das postagens têm participação central dos torcedores, uma vez que realizadas a partir de conteúdos por eles enviados ao blog. Os colorados são então alçados a agentes ativos no processo da mediação da informação realizado nesse ambiente virtual, sendo incentivados a enxergarem-se como protagonistas da história de seu clube.

As necessidades interdisciplinares requeridas para a manutenção do blog se fundem, por sua vez, com as atribuições do bibliotecário em pesquisar, organizar e disseminar a informação, de modo que o papel desse profissional não se limite à divulgação dos exemplares que a biblioteca possui.

A memória, a história e a identidade do Sport Club Internacional circulam, portanto, através de relatos, fotos, digitalizações de revistas e jornais, livros físicos e conversas na biblioteca. Seja no blog, trazendo o torcedor para mais perto do clube e garantindo a sua participação nesse processo de mediação; salvaguardando o acervo bibliográfico a partir do empenho e articulações de uma equipe comprometida; ou do encontro de gerações no espaço da biblioteca, a Zeferino Brasil torna-se um lugar privilegiado para observarmos a tessitura da “aura mágica”, conforme expressão de Pierre Nora (1993), no interior de uma biblioteca de um clube de futebol.

Ultrapassando a fisicalidade e a funcionalidade características de quaisquer instituições, a biblioteca Zeferino Brazil emana sua força e seu caráter altamente simbólicos, sua orientação celebratória, ritualística e inclusiva, revelando-se como um lugar de memória, “com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional” (NORA, 1993, p. 21).

Considerações Finais

Mais do que a organização de livros e de documentos, a Biblioteca Zeferino Brasil atua, desde a sua fundação, para a organização de um sentimento coletivo, dedicando-se à construção e à manutenção da memória e da identidade coloradas ao longo de diferentes períodos e gerações.

Juntamente aos registros históricos, a biblioteca reúne profissionais, torcedores, dirigentes, pesquisadores e interessados em geral, costurando em linhas justas a já estreita relação entre cultura e futebol.

Como observamos, a paixão pelo clube se manifesta de diversas formas, seja nas arquibancadas do Beira-Rio, no compromisso dos torcedores em conhecerem e valorizarem suas memórias e histórias, ou por meio do trabalho meticuloso de profissionais bibliotecários que tornam a reconstrução dessas memórias e histórias possíveis.

A Biblioteca Zeferino Brasil, portanto, se consolida como um espaço de pertencimento, onde o conhecimento fortalece os laços entre clube e comunidade, não apenas para que o passado seja resguardado, mas para que o futuro do Internacional siga sendo escrito a muitas mãos, com o respeito e a dedicação que o clube merece.

Referências

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
BANDEIRA, Gisele Pereira. Sport Club Internacional e Zeferino Brasil: O progresso da matéria e do espírito. In: Moreira, Maria Eunice (Org.). **Papéis nada avulsos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012. p. 115-131.

BENJAMIM, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: BENJAMIM, Walter. Obras escolhidas, magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. Journal of American Society for Information Science. n. 42, v.5, p. 351-360, 1991.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. ENANCIB, 14, 2003, Belo Horizonte. **ANAIS**.

GASTAL, Delene de Souza. **Clubes, estádios e torcidas: a elite e o “povão” na história do Sport Club Internacional**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21333>. Acesso em: 11 nov. 2021.

MAGRI, Diogo. Liga das Canelas Pretas, o torneio antirracista nos primórdios do futebol gaúcho. El País, São Paulo, 09 dez. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/22/deportes/1574455123_874259.html. Acesso em: 14 jan. 2022.

MEMÓRIA DO INTER. **Biblioteca do Sport Club Internacional completa 70 anos**, 2014. Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com/2014/04/biblioteca-do-scinternacional-completa.html>. Acesso em: 26 nov. 2021.

MEMÓRIA DO INTER. **Fundação de Educação e Cultura do Sport Club Internacional - FECI**, 2013. Disponível em: <https://get.google.com/albumarchive/105495756429784470626/album/AF1QipMHnculK1O8YKxPpL-YDdqU5tYvNsXuaTmbSy9x?feat=embedwebsite>. Acesso em: 13 jan. 2022.

MEMÓRIA DO INTER. **Internacional, o clube do povo mostra que Esporte é Cultura**, 2018. Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com/2018/10/internacional-o-clube-do-povo-mostra.html>. Acesso em: 07 jan. 2022.

MEMÓRIA DO INTER. **O que é arquivo**, 2015. Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com/p/o-que-e-arquivo.html>. Acesso em: 03 dez. 2021.

MEMÓRIA DO INTER. **Sport Club Internacional um CLUBE FEITO POR TODOS**, 2019. Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com/2019/06/sport-club-internacional-um-clube-feito.html>. Acesso em: 05 dez. 2021.

MEMÓRIA DO INTER. **Sport Club Internacional**, [20-?]. Disponível em: <http://memoriadointer.blogspot.com/p/o-principio-do-clube-do-povo-data-de.html>. Acesso em: 25 out. 2021.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 189-206, jan./dez., 2005.

NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. Informação e memória: as relações na pesquisa. **História em reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, p. 1-20, jun./dez. 2007. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/385>. Acesso em: 05 nov. 2021.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Proj. História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: encurtador.com.br/cerYZ Acesso em: 23 abr. 2021.

ORTEGA, Cristina Dotta; LARA, Marilda Lopes Ginez de. Documento e informação, conceitos necessariamente relacionados no âmbito da Ciência da Informação *In*: ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2008. p. 1-10. Disponível em:

<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/1019>. Acesso em: 15 nov. 2021.

RODRIGUES, Marcia Carvalho. Bibliotecas como lugares de memória: o caso sul-rio-grandense. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 10, n.1, p. 68-83, jan./jun., 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5703288.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

SALCEDO, Diego; LIMA, Igor Pires. O papel do bibliotecário na prática de preservação da memória institucional: o caso do espaço memória da Justiça Federal em Pernambuco. **Ágora**, Florianópolis, v. 28, n. 57, p. 314-331, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/101551>. Acesso em: 16 nov. 2021

SANTOS, Juliana Cardoso dos; VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Memória institucional e memória organizacional: faces de uma mesma moeda. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.26, número 3, p. 208-235, set/2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/RTpwsFQsWkTXbyx7ZX6cxyJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 de jan. 2021.

SANTOS, Douglas Willian Ribeiro dos. **Um clube esportivo e seu compromisso social**: uma análise do Jornal do Inter (1974-1977). 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/169519?locale-attribute=es>.

SILVA, Fernando Silva da. As mediações no campo digital: uma pesquisa sobre a relação entre clube de futebol e torcedor na internet. 2018a. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/39567>. Acesso em: 04 de jan. 2021

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.3, p.67-86, set./dez 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/4jq9Fg66W6sYQ3XxTMSbCRD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 dez. 2021.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “Moderno Profissional da Informação”. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.18, n.3, p. 83-94, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/4jq9Fg66W6sYQ3XxTMSbCRD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 dez. 2021.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Beira rio**: Construção. Porto Alegre, [201-?b]. Disponível em: <https://internacional.com.br/beira-rio/construcao>. Acesso em: 04 nov. 2021.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Conheça a história da FECI, que completa 45 anos nesta quinta-feira**, 2021. Disponível em: <https://www.internacional.com.br/noticias/feci-completa-45-anos>. Acesso em: 05 jan. 2022.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **FECI**. Porto Alegre, [201-?a]. Disponível em: <https://internacional.com.br/feci>. Acesso em: 15 nov. 2021.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Mais sobre o Inter**, [201-?c]. Disponível em: <https://internacional.com.br/mais-sobre-o-inter>. Acesso em: 04 nov. 2021.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Museu do Inter | Visita Colorada**, [20-?d]. Disponível em: <https://internacional.com.br/servicos/museu>. Acesso em: 12 jan. 2022.

SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Saiba mais sobre o museu**, [201-?e]. Disponível em: <https://legado.internacional.com.br/conteudo?modulo=24&setor=170&secao=155>. Acesso em: 22 jan. 2022.

THIESEN, Icléia. Memória institucional: um conceito em construção. **INFORMARE**: Cad Prog. pós-Grad. Ci. Inf., Rio de Janeiro, v.I, n.2, p. 45-51, jul./dez. 1995.